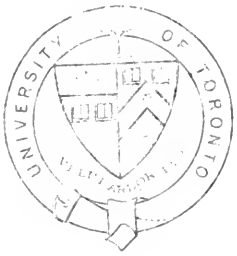
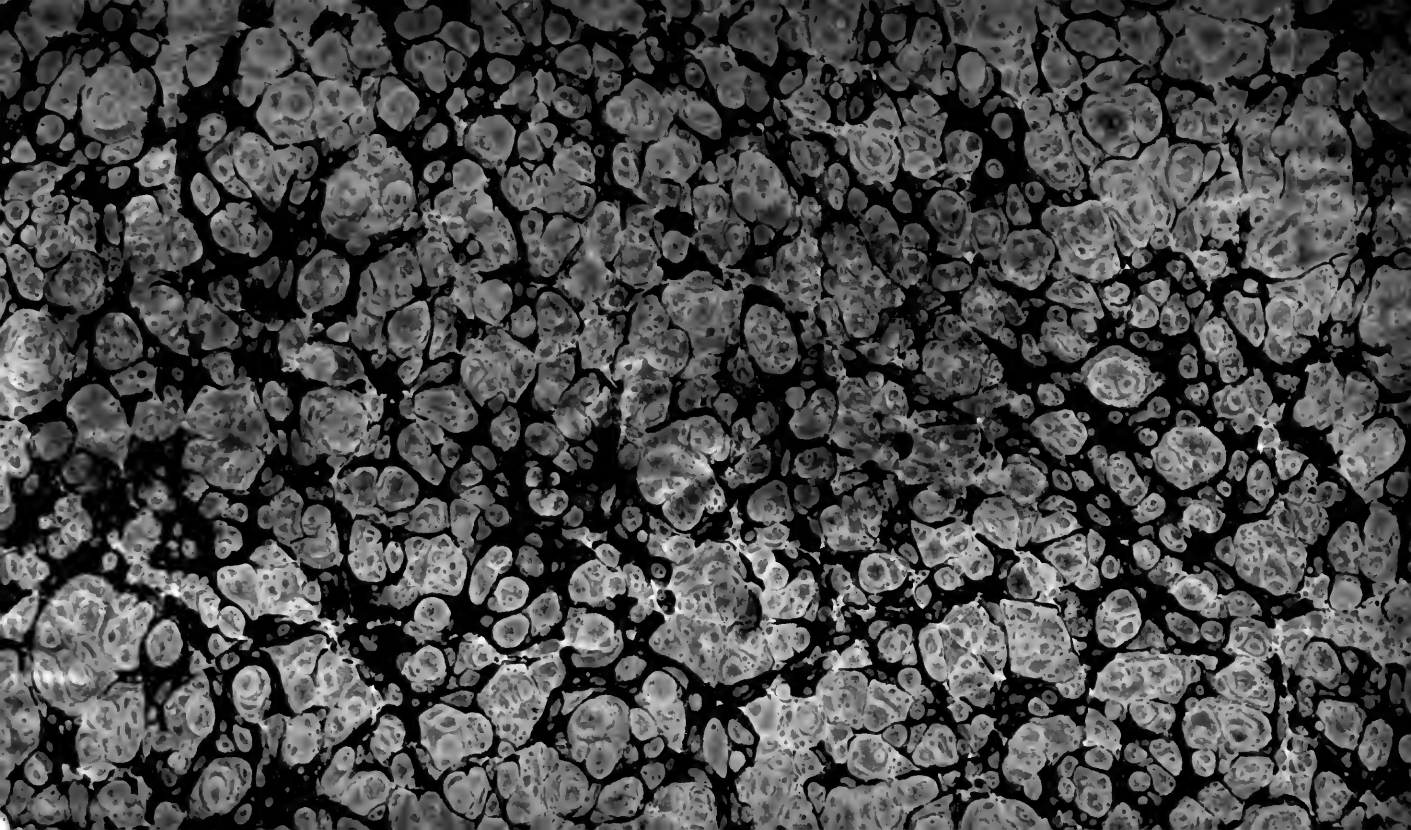
LIVRARIA LUSO BRAZILEIRA
30—RUA DA QUITANDA—30
Sortimento de livros classicos, de Medicina, Jurisprudencia, Sciencias e Artes, Litteratura, Devoção, &c.
Papel, pennas, tinta e objectos para escriptorio
Encarrega-se de qualquer commissão



Presented to
The Library
of the
University of Toronto
by
MRS. HAROLD HUNTER



M. Wenneck.
24 Maio 1872.

EM PARIZ

HF
R1657p

J—D. Ramalho Ortigão

EM PARIZ

PORTO
TYPOGRAPHIA LUSITANA
74, rua de Bellomonte, 74

1868

521024
18 · 4 · 51

PROLOGO EM VIAGEM

Leitor amigo: — Tu, que a estas horas do mais ameno outomno estendes a polaina branca pela formosa varzea de Collares, ou passeias os teus consolados nervos á beira-mar, pelas praias do Tejo ou pela foz do Douro, quem sabe se serás por mim!

Hoje em dia um viajante que se não apeie de um balão com noticias da lua, precisa de nos ser muito sympathico para o não termos por um sensaborão quando vier contar o que viu. Este mundo está visto e revisto. A electricidade e o vapor tornaram toda a redondeza do globo terrestre tão comprehensivel como a circumferencia de uma tangerina que a gente atravessa com um palito e mette na algibeira ao acabar de jantar. O Bois de Bou-

logne, o Hayd Park, o Prater, o Prado, o Corso e o Pincio não ha quem os não tenha percorrido, querendo, quasi tantas vezes como as ruas do seu quintal. Os museus de Hispanha, os castellos das margens do Rheno, as ruinas de Roma, os palacios de Veneza, as fabricas de Manchester, os hoteis de New-York e os theatros de Pariz são tão conhecidos de todos nós como as nossas chinelas de trazer no quarto e o nosso barrete de dormir.

A primeira obrigação de um viajante bem educado, ao regressar d'algum paiz sublunar, é conversar em modo que se lhe não perceba nem o intuito mais remoto de querer leccionar alguma coisa a quem o ouve ou a quem o lê. Para aprender lá temos as cartas de guia dos viajantes nos museus, nas bibliothecas, nos arsenaes, nos jardins, nos palacios, nas officinas, nos theatros, nos passeios e nas ruinas; temos, além d'isto, o periodico que nos traz noticias de todos os dias; temos o telegrapho para perguntar de cinco em cinco minutos o que ha de novo; temos finalmente o caminho de ferro para ir dentro d'algumas horas confirmar uma opinião ou desfazer uma dúvida. Os viajantes com quem se possa aprender teem ordinariamente o defeito de chegar tarde, e isso os torna importunos.

Ora eu devo dizer que nunca tive nem terei jámais a mais leve ideia de ensinar a minima coisa ao ínfimo dos viventes a quem transmittir uma folha das minhas peregrinações por esse mundo.

Proponho-me singelamente conversar com a despresumpção plena de quem não tem compromissos nenhuns para ser embiocado e sôrna, um sugeito que nunca foi empregado público nem pretendeu ser deputado, um periodista de profissão, mau litterato, mas mais litterato do que outra coisa, contente do seu officio, alegre da sua vida, orgulhoso da sua independencia, desgraçado ás vezes por bem pouco, feliz quasi sempre com muito pouco tambem — com um bom sol descoberto, um céo azul, umas arvores verdes, a saúde no corpo, a paz na alma, e a liberdade no coração.

Voluntariamente separado por algum tempo do que mais amo, viajo de quando em quando, sósinho com a minha alegria de estar solto no mundo, isempto de todos os preceitos da existencia regular, dando em cada dia á vontade o alvedrio de erguer a aza como o cysne que se deixa vogar osculado pela aragem da tarde na amplidão de um lago.

Não me affronta a curiosidade dos sabios nem a ostentação dos ricos: leva-me unicamente esse risonho e encantador phantasma de pésinho leve, de olhar travesso e de tentador sorriso, — isso que se denomina a mocidade, e que ás vezes nos illude meigamente durante a existencia inteira com uma bagatella, com um diche, com um olhar que nos deita, com uma flôr que nos dá, com um beijo que nos promette.

Ella, a risonha fada dos vinte annos, sorri-

nos sempre entre as flôres dos seus jardins eternos, mostra-nos, entre as amendoeiras de flôr branca e as balseminas azues, os hombros nus, a cintura requebrada e fina e o pé prompto para a valsa, para esta valsa deliciosa, arrebatadora, irresistivel, que todos os rapazes ouvem e sentem dentro de si a convidal-os para um baile, invisivel mas adivinhado, que, em alguma parte d'este mundo ou do outro, deve estar por força a esperar por elles.

Esse convite é como um trasbordamento do coração, uma ejaculação interior, que nos adormenta e paralysa por instantes para a vida correlativa. É o que quer que seja que de repente desperta e rebóle dentro de nós, cantando e bailando com as nossas recordações e as nossas esperanças no seio da nossa alma; uns clarões de intima juvenilidade que enrugam e franzem de velhice o aspecto de tudo quanto ordinariamente nos cerca. É como um rebate de castanholas, como um fremito de pandeiros, como a serenada que se ouve ao longe, alada pela brisa das noites de verão, impregnada do perfume penetrante dos laranjaes em flôr. É a mystica melodia da nossa lyra interior, cujas cordas soluçam como as da harpa eolia, bafejadas pela viração de umas saudades vagas e inexprimiveis.

É n'estes lapsos d'acre e deliciosa introversão para o intimo eden dos nossos sonhos, que nós cahimos n'uma especie de morbidez moral, que os outros não sabem se é a meditação, a abstracção ou

o tedio. Nós sabemos que nada d'isso é, ou antes que talvez seja tudo isso junto. É a insulação do espirito, durante a qual os olhos percorrem successivamente as paginas de um livro, cuja leitura machinal se não côa dos olhos para dentro, ou que a gente se esquece horas e horas inuteis defronte do fogão do quarto com os cotovêlos fincados nos joelhos e a fronte nas mãos, fitando, como quem interroga sem saber para quê, o scintillar das faúlas e o trepidar das chammasinhas côr de rosa e azues, que saltitam esmorecendo e revigorando em redor das brazas.

Vem um bello dia em que esta visão, esta miragem, este sonho, esta febre, esta doença, póde mais que nós. A vida habitual pésa em nosso espirito como o trambolho no pé de uma gallinha, dilatam-se-nos os pulmões, tresdobra-nos a vida, falta-nos o ar em nossas casas, falta-nos a agua em nossas fontes, falta-nos o espaço em nossas ruas. A cidade então é pequena e o passeio é pouco. Quer-se a viagem, a liberdade, a largueza da terra, a vastidão do mar e a amplidão do céo,—o mundo! Não ha outro remedio n'estes casos senão fazer o que eu fiz: arranjar a mala e partir.

Para onde? para qualquer parte. Para quê? para voltar depois, porque se volta melhor do que se foi; mais instruido, nem sempre; mais ensinado, sim. Póde-se não aprender nada novo, mas fica-se sabendo melhor o que já se sabia d'antes.

E depois, no regresso, o prazer de chegar...

Que ha ahi no mundo que se lhe compare? O nosso quartosinho, visto de longe, ou de longe imaginado, entre os montes e as arvores da patria, no aconchego da familia, da paz e do trabalho, parece-nos um ninho d'amor e de poesia, o palacio de um rei independente e pequenino. As cabecinhas loiras dos nossos filhos solicitam todos os nossos beijos. A mão da nossa mulher ou da nossa mãe parece-nos a mais nobre e leal mão que se póde apertar na terra. Ao meio dia, á sombra das arvores do nosso jardim, á noite ao pé do nosso fogão, figura-se-nos estar á nossa espera o melhor remanso da vida. E todas estas recordações teem um ar de sanctidade, aureoladas como ellas nos apparecem cá por fóra, pelo melancólico e puro esplendor da saudade.

Saudade! amorável e querida vingança dos que ficam! sancto penhor da volta! Quando um homem deixa a familia e a patria, a mãe, se o abraça, ao dar-lhe a ultima benção, põe-lhe ao peito o crucifixosinho das suas orações, que ella trouxe sempre no seio; Deus, se o vê, põe-lhe no coração a saudade, que eu creio que vem tambem do seio d'elle.

Aqui então, no mar, onde agora me encontro, todos os sentimentos bons se fazem melhores, e tudo quanto é ruim ou mesquinho se nos esváe a pouco e pouco de dentro quando a alma se emprega n'esta refrigerante contemplação da omnipotencia e do infinito. Que viaje por terra quem leva

pressa comprehende se, mas que deixe de viajar por mar quem só procura nas viagens o que ellas teem de commovente para o coração e de mordente e corrosivo para a ferrugem da vida, — não se entende nem se admitte. Um navio que se faz ao largo é um pedaço de mundo que se despega do continente e do seu borborinho de paixões e de miserias para vogar no seio puro da natureza, comsigo só, e com Deus. A intuspecção a que algumas vezes nos leva a tristeza, a saudade, ou a mágoa, essa concentração, esse intimo exame de nós mesmos, em que nos sentimos recahir com uma especie de dôr voluptuosa, com um prazer pungente, depois dos maiores e mais decisivos abalos do espirito, esses soliloquios da nossa alma, quando furtada a toda a communicação de fóra, a solidão finalmente, a verdadeira solidão, que é no êrmo ás vezes onde se encontra menos, a suave solidão da qual dizia Garrett:

> De vez em quando, lá quando a alma o pede,
> Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida;

a solidão que a gente para si mesma edifica, *ædificare solitudines;* o sancto prazer da solidão, balsamo celestial de tantas dôres, que ninguem sonda, e que nenhuma palavra, nenhum afago, nenhum mimo adoça — procurai-o no mar. Elle vol-o dará como o coração vol-o pede. Elle, que conhece o segredo de transformar em pérola uma gôta

d'agua, sabe do mesmo modo cristallisar a dôr convertendo-a na melancolia.

O interior das florestas e as largas planuras medidas com a vista do pincaro dos montes são tambem espectaculo igualmente solemne, mas não produzem tão perfeitamente o recolhimento de que eu fallo, e que eu tanto estimo, como o singelo aspecto do céo e das aguas no mar largo. No fim de uma tarde serena, á hora saudosa do crepusculo, quando nos montes se ouve o chilrear das aves na espessura dos arvoredos, o sino das Ave-Marias, o gemer de um carro ao longe, o latir do cão dos pegureiros ou os chocalhos do gado que desce a pino a encosta ou atravessa a vau a reprêsa orlada de castanheiros, n'esse momento não ouvir no mar senão o arquejar profundo e monótono das vagas e não vêr outra coisa além da immensidade do firmamento e da immensidade da onda, senão a cortina de nuvens doiradas no horisonte pelo sol poente, movediço panorama de phantasticos mundos que successivamente se fazem, se desfazem, se refazem e se aniquilam com um sopro, que os governa! É então que nos navios da marinha franceza se procede a uma commovente ceremonia: iça-se um galhardete ao som de um tiro de peça, o capellão sóbe ao tombadilho, acompanhado do official da guarda, o official dá a voz de sentido á guarnição infileirada ao longo do convez; o padre, vestido de batina, com uma cruz pendente do pescoço, mette debaixo do braço o seu chapéo, persigna-se, ergue

as mãos, e, no meio do silencio entrecortado apenas pelo embate da agua na amurada e pelo sibilar do vento nas enxarcias, reza em voz alta um *Padre-Nosso* e uma *Salvè-Rainha,* persigna-se outra vez, desce do logar a que subiu, dispersa-se a tripulação, arreia-se o galhardete, e prosegue a viagem.

A tal hora, estando-se a bórdo, sentar-se a gente na tolda e principiar a conversar com o seu coração, com o seu passado e com o seu futuro diante d'esse espectaculo unico, é cahir um homem verdadeiramente em si, e sentir-se mais homem que nunca. Nem conhece o que é de bom estar só quem nunca esteve só d'essa maneira!

Não sei se o aspecto do mar produz em todos o effeito que me faz a mim: eu remoço-me na contemplação das ondas. Adelgaça-se com a rispidez d'estes ares o véo dos meus cuidados; desenerava-se-me do coração o espinho das lembranças tristes e dos tristes presentimentos; esqueço-me dos que me não querem bem, e não me lembro do mal que me póde vir. De uns pequenos desgostos de ter vivido desforro-me com o simples prazer de me achar vivo. Assim me consolo e me vingo.

Precisava de dizer isto para não enganar ninguem, que esperasse mais ou melhor de mim. Eis ahi está em que disposição d'animo e em que intuito de espirito eu vou desembarcar no Havre e seguir de lá para Pariz.

NO ASPHALTO PARISIENSE

No dia immediato ao da minha chegada a Pariz, tomei defronte do café Riche um d'estes bonitos coupés, que no boulevard dos Italianos se chamam *andorinhas* porque não apparecem na praça senão de verão, e apresentei-me na rua de l'Université, em uma casa, para cujo dono tinha uma carta de apresentação de uma senhora parisiense, que eu encontrára casualmente no Porto de passagem para Hispanha.

—Vae vêr— tinha-me dito ella—um dos mais perfeitos typos de homem de que póde fazer ideia. O senhor de Clavières tem pouco mais de trinta annos. Foi educado em Berlim, onde depois seguiu os estudos superiores, recebendo durante o seu curso não sei quantas distincções em mathematica e qua-

tro ferimentos em combate á espada no campo da honra. É do *turf*, do sporting, do Jockey-Club, do Reform-Club e do Crockford-Club. Dá o tom aos primeiros alfaiates de Londres; falla as linguas admiravelmente; joga as armas como Robert aîné ou Mimiague, e monta a cavallo com uma elegancia de fazer inveja a Dorsay ou ao duque de Morny, os dois ultimos gentis-homens d'este seculo. O *Sport* e a *Gazette des Étrangers* fallam d'elle em folhetins. No *bois* conhece-se-lhe a libré dos criados; no *foyer* da Grande Opera tem-se-lhe de cór a biographia; no boulevard dos Italianos diz-se onde elle compra as luvas; e Isabel, a celebre ramilheteira, fornecedora honoraria do fraque do principe de Galles e do rei da Prussia, sabe qual é a camelia que elle mette na casa da casaca quando está de preto e qual a que prefere quando está de côr. Casou-se ha dois annos com uma menina encantadora, o mais casto, o mais modesto, e mais recolhido espirito de senhora que é possivel encontrar entre o esmero e a graça da fidalguia parisiense nos austeros e aristocraticos salões do faubourg St. Germain. Verá como o recebem e como o tractam bem! Escreva-me isso para Madrid.

Eu estava orgulhosissimo com o assetinado *pli* em que a minha obsequiosa dama se dignára traçar em honra minha os mais incomprehensiveis e adoraveis pés de mosca que a afilados e pequeninos dedos femininos é dado esgaravunhar para delicia do mortal que os recebe.

A casa cujo numero estava indicado no subscripto brazonado do meu bilhete tinha o portão cerrado. Empurrei uma das portas e entrei no pateo. As vidraças do *perron* estavam abertas e o lustre descido. Dois criados levantavam no primeiro patamar o tapete da escada. Aproximei-me do cubiculo em que habitava o guarda-portão, á entrada do pateo, e encontrei-o, dentro da sua confortavel bocetinha de amendoas, adormecido em uma volteriana, com o bonet cahido para cima dos olhos e o volumoso ventre aconchegado no amplo casacão de botões doirados e no talabarte encarnado e verde. Entreabri a porta do cubiculo, formada de um só cristal, e acordei o Cerbero. Elle abriu um ôlho e espreitou-me obliquamente por entre as palpebras polpudas.

— O senhor de Clavières?

Abanou-me com a cabeça.

— Em que dias e a que horas recebe?

Tornou a abanar a cabeça.

— Responda-me — disse-lhe eu mais rijo. E como elle se dispozesse a terceiro bambaleamento frontal, toquei-lhe no hombro, e repeti-lhe: — O senhor de Clavières?

O homem então ergueu-se, tirou o bonet e disse-me solemnemente:

— O senhor de Clavières morreu.

Imaginei que tinha diante de mim um sonnambulo, e insisti ainda:

— Pergunto-lhe pelo senhor de Clavières, pelo senhor Carlos de Clavières.

— Tenho a honra de repetir-lhe que o senhor de Clavières morreu.

Eu não me podia resolver a acreditar a palavra honrada do suisso a quem estava adjudicado o cordão da sineta em similhante casa. Estava a parecer-me impossivel que o homem para quem eu trazia a mais palpitante, a mais nervosa, a mais quente das minhas recommendações, se deliberasse a sahir assim d'este mundo sem esperar por mim.

— Preciso fallar com alguem que me elucide — accrescentei eu — ácerca d'este desgraçado incidente, que summamente me surprehende e me afflije. Veja se me obtém uma entrevista com o criado de quarto ou com o secretario do senhor de Clavières.

Um momento depois atravessei, precedido de um lacaio, alguns corredores silenciosos e tristes. O criado que me acompanhava estava de paletot. No alto da escada esperavam, sentados n'um degrau, dois homens de blusa, que fumavam nos seus cachimbos de páu. Desenganei-me então de que era certo o que me dissera o portèiro: a sobrecasaca do criado e o cachimbo accêso dos blusas era o desmantelar-se do altar d'onde cahira o deus: estava deserto e secularisado o templo.

Entrei finalmente em uma estufa e em seguida em um quarto, onde a luz se coava pallidamente

a través dos pesados estofos de uma amplissima janella rasgada do chão até ao tecto. Este quarto era forrado de casimira cinzenta entufada em frizos d'ébano e franzida em raios cujo centro é occupado por diversos trophéos d'armas de metal polido e scintillante.

Em uma concha, suspensa do tecto por tres correntes d'aço, sahiam os cinco braços de um lustre d'entre as folhas escuras e longas de algumas plantas tropicaes. As ottomanas e os espaldares eram de veludo cinzento. Os feixes, mais apparatosos que artisticos das bengalas, dos chicotes e dos cachimbos, avultavam entre magnificas esculpturas italianas e soberbos esmaltes francezes do seculo XVI, infinitamente repetidos em dois formosos cristaes de Veneza, sobrepostos á chaminé de Carrara e a um movel que lhe ficava fronteiro. Os dois espelhos eram moldurados em altos relevos de madeira escura, representando debaixo do arco de duas palmeiras um grupo de cavallos arabes, de galgos e de podengos. Varios moveis de Gouthières, que não desquadrariam no Petit-Trianon e que talvez de lá tivessem vindo, apenas n'um ou n'outro sitio desaffrontavam um recanto para um marfim, para um bronze, para um *Salvator* legitimo ou para um puro *Van-der-Werff*. Na disposição de tudo isto havia a arte suprema que dissimula a pedantesca ostentação de museu e faz sobresahir a tudo o luxo confortavel, commodo, consolador. Antes de se notar que havia ahi que vêr, percebia-

se que se estava muito bem n'esse quarto, e n'isso está a feição peculiar da legitima elegancia e do verdadeiro bom gosto. Na atmosphera d'este aposento diffundia-se um tenue conjuncto d'aromas, que o mais fino olphato de perfumista não saberia descriminar, e que é isto a que as parisienses jactanciosamente chamam *le parfum à soi,* ambiente voluptuoso e calido das alcovas das mulheres da moda e dos quartos dos homens elegantes. Comprehendi que estava no antro do leão finado.

Ao pé da janella um homem vestido de luto emmassava ou rasgava alguns papeis defronte de uma pequenina secretária de madrepérola e prata.

Este homem, de olhar melancolico e sincero, e de presença muito intelligente e distincta, era o secretario do senhor de Clavières, de quem eu devia ouvir d'ahi a pouco os pormenores do drama, a cujo triste epilogo tinha vindo assistir.

Por uma serie de coincidencias e de homogeneidades que seria prolixo expôr, o secretario do senhor de Clavières era meu amigo ao cabo de duas horas de convivencia, e eu estimava-o desde então como se o tractasse depois de muitos annos. Acontece algumas vezes isto de nos conhecermos e de nos estimarmos logo, o que é uma doce compensação para o que succede muitas outras em que a gente se não vê senão para desejar morder-se.

— Dá-me licença — disse-lhe eu ao despedir-me — de contar um dia a historia d'este infortunio, escondendo os nomes d'aquelles que entraram n'ella?

—Se entende que não é uma profanação isso, conte.

—A publicidade em Portugal — objectei-lhe eu — é, graças á especialidade da lingua, uma confidencia de familia, que fica lá como pedra em poço dentro dos quatro muros do paiz.

—É um dialecto hispanhol o que os senhores fallam?

—Um dialecto não; nós fallamos uma lingua, que tem sido cultivada por varios homens de genio, entre os quaes se cita um padre chamado Antonio Vieira, cuja fórma e geito litterario estão sendo agora imitados e remoçados nos escriptos do snr. Victor Hugo.

A historia que tenho licença para contar é a seguinte:

Carlos amava sua mulher. É um caso extravagante em Pariz, mas dava-se com elle essa extravagancia. Era de natureza apaixonada, e amava, amava talvez de mais. Um marido precisa de toda a cordura e parcimonia no amar. O amor é tambem uma impertinencia.

Emquanto se é solteiro ficam bem os grandes impetos e os arrojos descommedidos. Rebentar um cavallo para ir a tres leguas de distancia descobrir de passagem a mulher amada e acenar-lhe um adeus com um lenço branco; atirar-se ao mar para lhe apanhar o ramilhete; precipitar-se de

um primeiro andar para chegar mais depressa a apertar-lhe a mão; tudo isto denota muito bem a paixão em solteiro, e indica perfeitamente a loucura em casado. Não confundamos.

O marido não se quer apaixonado, quer-se indulgente, socegado, quieto e bom. O homem que á noite adormece a lêr a folha á mesa em que se toma o chá, que gosta de jogar o dominó e de fazer *punch* em familia, que sabe onde se vende a melhor manteiga, e onde se compram as luvas mais baratas e as *brioches* mais frescas para o café com leite do almoço,—este homem não será o ente mais romanescamente namorado d'este mundo, mas é por certo o melhor dos maridos. Na intima existencia não se vive de commoções dramaticas, vive-se da paz, da consolação, da commodidade, do agazalho, do aconchego. Um bocadinho de ternura a assucarar isto, e ahi teem a mais bella e a mais perfeita imagem da ventura na vida domestica.

O amor vehemente, o amor apaixonado, por mais perfeito que o queiram pintar, tem sempre intercadencias de desalento e de tedio que assassinam a felicidade. O peior dos maridos é o marido enfastiado. Mil vezes antes um marido que não ame do que um marido que se enfastie.

Ora Carlos amava, mas enfastiava-se algumas vezes. Foi n'um d'esses dias que elle acordou de mau humor depois de haver passado a noite a esperar vez para apear e subir á carruagem, acompanhando sua mulher de casa para o theatro dos

Italianos, do theatro dos Italianos para a Grande Opera, da Grande Opera para casa, de casa outra vez para uma *soirée* da duqueza de Mouchy, e da *soirée* da duqueza de Mouchy para o baile da embaixada d'Austria.

Sahiu meditando no celibato cujas fadigas são ocio de prebenda comparadas com as obrigações de um homem forçado a acompanhar sua mulher durante um inverno em Pariz. Ia ruminando distrahidamente os seus argumentos anti-conjugaes, quando n'um passeio da Chaussée d'Antin pisou por acaso a *traine* de dois metros de um vestido que apeava de um *oito molas* para subir ao primeiro andar do armazem de uma *faiseuse.*

—Ah!—exclamou n'um pequeno grito metalico a dona do vestido.

—Perdão!—disse elle levantando os olhos e recuando um passo.

A mulher do vestido pisado era n'esse tempo o astro rei de Breda-Street, d'esse firmamento cujas constellações ephemeras são hoje estrellas, ámanhã papagaios de papel, e no dia seguinte nada, porque teem desapparecido no seu occaso: na cadeia por *escroc,* no hospital por tisica, ou no *Père Lachaise* por consumpção.

Chamava-se Cecilia Dermont. Era princeza morganatica de varios estados da Russia e da Allemanha, e rainha *de main gauche* de alguns paizes da Europa, tendo tantos vassallos como as verdadeiras soberanas na sua sala do throno, igual

numero de tubaras nos seus jantares, outras tantas librés no seu vestibulo, similhantes cavallos na cavallariça e iguaes brilhantes nas joias. Tinha no seu lavatorio os perfumes mais estonteadores; occupava um camarote de primeira ordem em todas as primeiras representações; apertava a mão de todos os extrangeiros illustres; fazia rojar nos seus banquetes, que pareciam delineados pelo duque de Richelieu ou pelo principe d'Orléans, o melhor Moët e o mais puro Clicot; esfolhava os melhores *bouquets* de Bernard; encostava-se nas almofadas de um *coupé* de flecha e nove molas; apostava nas corridas de cavallos; comprava os bronzes de Barye e os quadros de Roza Bonheur; mandava fazer os espartilhos deslumbrantes a M.^{mes} Vertus; e vestia-se em casa de Worth, o costureiro das princezas de todo o genero: de M.^{me} de Metternich, da Patti e de Cora Pearl. Era, como lhe chamou Paul de Saint-Victor, o Balzac da critica moderna, a deslumbrante Venus parisiense, nascida como Margarida Gautier, da espuma dos vicios e das paixões da cidade. Não lhe provinha o seu dominio dos attractivos da belleza nem dos encantos do espirito. Não possuia em grau notavel a graça das fórmas nem as seducções do talento. Tinha simplesmente uma qualidade que era nova aqui ha seis mezes: uma cousa que está abaixo do *chicard,* assim como o *chicard* está abaixo do *chic* e o *chic* abaixo do *charme*. Chamava-se-lhe hontem a essa coisa *chien*. Não sei bem o que se

lhe chama hoje, duas da tarde, e Deus sabe o que se lhe chamará ámanhã!

O *chien* é uma magnete meia carnal, meia de *confection,* um *quid* em moda, um poder que não nos enleva, mas que nos arrasta a despeito da nossa convicção e dos nossos protestos, que nos acorda os sentidos, que nos vibra todas as veias, que nos incendeia o sangue, que nos insufla a febre, e entre cujas garras sangrentas a força da vontade escabuja e se debate, impotente, como o vigor do touro entre as roscas surdas da serpente. Não anima mas desgasta, não conquista mas domina, não attrahe mas contrahe, não convence mas vence. Quando se diz que uma mulher tem *chien,* tem-se dito tudo da omnipotencia do seu condão. Não nos toma talvez o amor (para que o quer ella tambem?) mas leva-nos a riqueza, a dignidade e a honra. Não se lhe offerece o coração mas dá-se-lhe a vida.

Cecilia Dermont entrou na casa da rua d'Antin, a cuja porta acabamos de a ver apear. Carlos ficou por um momento immovel no passeio, escutando já depois de o não poder ouvir o *frufru* do vestido e o *toque-toque* das botinas da *cocotte* no pavimento envernizado do elegante armazem. Tirou em seguida da carteira um bilhete de visita, com o nome gravado sob uma corôa de conde, e escreveu-lhe a lapis, no reverso, as duas seguintes linhas:

«*Quem uma vez a encontra adora-a. Quem a adora onde a encontra uma vez?*»

Pousou este bilhete sobre a almofada de setim azul do pequenino *coupé* da leôa, e proseguiu indolente e friamente o seu passeio de *flaneur*, reatando o pensamento no mesmo ponto em que o deixára antes do incidente referido.

Dois dias depois, Cecilia Dermont confidenciava aos amigos dos seus camarotes, das suas carroagens e das suas ceias o nome do senhor de Clavières como o do seu amante.

Carlos pela sua parte conseguira fazer um appenso ao coração para estes amores clandestinos, sem por isso cercear aos penates o culto do amor legitimo.

Mas quem amava então elle, perguntarão: a esposa ou a amante?

Eu creio que elle as amava a ambas. Ha monstros assim! São raros, mas encontram-se. O mais vulgar são os semi-monstros que não amam senão uma, e os philosophos que não amam nenhuma.

Carlos considerou primeiro a sua posição *d'homme à deux ménages* com repugnancia: era o periodo do capricho. Depois veio o affecto mais pronunciado, e a repugnancia foi substituida então pelo remorso, de dia para dia mais embrandecido pela applicação de umas theorias que elle ia creando para regimento da consciencia. No fim de contas

a sua indole apaixonada e terna não lhe permittia brincar com o amor conservando-o na linha subalterna de uma distracção ou de um prazer. Ao fim de algum tempo, Cecilia Dermont era amada com todo o enthusiasmo de um grande coração e ouvia sussurrar brandamente aos seus pés a harmoniosa veia de um idyllio, que teria feito a ventura eterna de uma alma pura. Quantos thesouros de verdadeiro amor se não franqueariam com a chave d'ouro com que esse namorado moço se comprazia em abrir um camarim, cuja gazúa estava sempre na respectiva porta!

Do amor e do systema psychologico do senhor de Clavières é documento a carta que adeante se vai lêr, escripta por elle a Cecilia por occasião de uma separação interina, motivada pela curta ausencia d'ella nas aguas de Baden.

A carta dizia assim:

«Precisava de me separar de ti para conhecer bem que só para ti vivo e só para ti existo, adorada filha da minha alma, prisão e enlevo da minha vida! Quando, depois de te apertar pela ultima vez a mão, entrei de novo em Pariz, que solidão, que desconsolo e que tedio! E no entanto tenho-te em toda a parte commigo, para toda a parte te levo no pensamento e no coração. Mas tudo é mesquinho e escuro ao pé d'essa lembrança que irradia dentro de mim. Aqui, sósinho, no meu quar-

to, cuido que enlouqueço de tanto pensar em ti. Parece-me que cinjo ainda no meu braço a tua debil cinta, como a cingia ha tres dias; parece-me que aperto na minha a tua franzina mão, que respiro o calor do teu halito, que tenho junto do meu coração o palpitar do teu seio. Figura-se-me que oiço o sussurro do teu passo leve, que sinto roçar no chão o teu vestido; imagino que te aproximas de mim nos bicos dos pés, que te debruças no recosto da minha cadeira, que vou vêr a sombra do teu perfil n'este papel, sentir ao pé de mim a tua face, ouvir baixinho a tua voz...

Como eu te amo, Cecilia! Como te amei sempre!

Era a tua imagem, que eu reconheço agora, a que eu via aos dezoito annos nos extasis luminosos dos meus sonhos de adolescente, de poeta e d'amante. Era uma alma como a tua a que eu idealisava para confidente dos meus jubilos infantis e das minhas mágoas, então mysteriosas, mas já então pungentes e dilacerantes. Eram as tuas mãos, essas bellas mãos que Praxiteles assignaria com o seu nome, as que eu suppunha que devia de ter a fada da minha felicidade, esses os dedos que pela primeira vez me annelassem o bigode nascente e por ultimo me cerrassem para a cova os olhos apagados. Era a tua a fronte lisa em que eu queria pousar o primeiro dos meus beijos. Era nos teus labios que eu suppunha a minha felicidade, nos teus olhos a minha alegria, no teu seio a mi-

nha alma. Amava-te já, como te amo agora, sem te conhecer ainda senão pela presciencia vaga de que te encontraria um dia n'este mundo ou no outro, ou pela esmorecida lembrança de te haver já visto, entre os anjos talvez, no prazo passado de uma existencia que se extinguira para mim quando entrei no mundo.

Ahi tens a razão porque eu soffro os impetos de ciume retrospectivo de que tanto te admiras. Conhecida, ou adivinhada, ou presumida apenas, eu adoro-te desde que vivo. Os homens que foram teus amantes ultrajavam-me sem o saberem, e eu odeio-os como o vilão que comesse na minha baixella o jantar que me esperava, ou o lacaio que passasse uma noite no meu leito.

N'esta adoravel cartinha que me diriges de Baden e que eu tenho relido até a saber de cór, pedes-me que queime as tuas cartas, que nos podem denuciar a ambos, e accrescentas que te dóe o coração, que consideras sempre um crime as tuas relações commigo...

Gentil peccadora, como te fica bem o remorso! Se será por desvanecimento que o pões! Como quer que seja apraz-me apertar ainda o teu cilicio, repetindo-te que te amo cada vez mais.

Mas, vamos, fixemos bem o caracter da nossa união.

Existe ou não existe o amor?

Se não existe, que importa a fidelidade? Que quer dizer o incesto? Que significa o adulterio?

Ficamos então alliviados do pêso da honra; acabaram-se os direitos e os deveres do coração; resta-nos apenas da vida o que ella tem de mais brutal: o que basta do lôdo para conter um desejo.

Se, pelo contrario, o amor existe, como eu penso e creio, é preciso acceital-o como elle é: um poder sobrenatural, que nos eleva ou nos deprime segundo sóbe ou desce o incenso queimado aos pés do idolo. De nós não depende mais do que recebel-o, alegre ou resignadamente, se elle vem, dizer-lhe adeus se elle se vai embora. A nossa vontade não tem o poder de o attrahir nem a faculdade de o reter. Isto é quanto a respeito d'essa encantadora atrocidadesinha nos tem ensinado a philosophia, que tem cogitado n'ella através dos seculos, desde o tempo de Pericles, em que se inventou uma doença moral chamada o amor platonico, até este nosso seculo da Thereza e de *la femme à barbe,* no qual *rien n'est sacré pour un sapeur.*

Admittida a tua theoria que estabelece o crime entre os affectos intimos, seria preciso, minha adorada Cecilia, crear tambem um amor differente d'aquelle de que temos noticia. A crença, a tradição, a legenda, o symbolo, tudo teria de ser eliminado ou refundido. O amor deixaria de ser o pequenino filho de Venus, vendado e alado como a travessura e a fatalidade. Viria a ser simplesmente Cupido, Cupido homem, Cupido barbado, Cupido livre do recrutamento, um sugeito grave e

conspicuo como um gendarme, meditabundo e prudente como o sabio Minos, tendo um chapéo de chuva por aljava, trazendo em punho uma bengala tremenda como a vara da justiça, o recenseamento da população na carteira e o Codigo penal na algibeira da sobrecasaca; legislando para o amor por habilitação, por informação ou por concurso, como se faz com as sub-perfeituras, com as agencias de cambios ou com os tabellionados de provincia. Este amor teria de aproximar-se cortezmente do mortal destinado ao sacrificio nas aras da sua velha mamã e de o apostrophar assim:

—Mortal, quem és? Tua idade, profissão e naturalidade? E, principalmente, o teu estado? Dize-me sem dolo nem malicia se por ventura te não accusa a consciencia de te haveres algum dia casado?

—Tenho a tal respeito lembrança...

—Lembrança de quê?...

—De que effectivamente...

—Basta, infeliz! São sacrosanctas as tuas carnes. Afasta-te de mim, joven temerario. Compenetra-te da dignidade da tua posição e recolhe-te a fazer vida sancta e a tua partida de loto no seio da familia. Lembra-te, ó homem, de que és marido e que na tua fronte pésa, magestoso e tremendo, o barrete de algodão branco, augusto symbolo e inviolavel diadema da vida conjugal. Para a pequena operação que me proponho realisar e para a qual tenho aqui uma setta na algibeira do meu

collete, quer-se um joven celibatario, cuja compostura inculque intuitos pacificos e cuja roupa branca solicite os cuidados de uma companheira zelosa e honesta. Passo a dirigir-me áquelle mancebo encolhido que alli está adiante, pregando com linha branca um botão n'um collete preto.

Devo dizer-te, minha encantadora Cecilia, que não passei antes de me apaixonar por ti pela provação legal d'esse interrogatorio prévio.

Os phariseus que apredejam os adulteros cuido eu que se persuadem que nós, os casados, nos namoramos por um systema muito differente do d'elles, que são solteiros. Para socego da tua consciencia te advirto de que é exactamente a mesma coisa.

Supporás talvez que eu despertei uma bella manhã sacudido por um pesadelo horrivel, que me encarei n'um espelho e que me vi pavoroso de raiva, com o odio e o homicidio a tremer-me nas azas do nariz, com o lume nos olhos e o fel na bôca, e que disse então para mim:—«Tenho o demonio commigo, a bôca sabe-me a crime, tenho fome e sêde das bebidas mais odientas e dos comeres mais facinorosos. Preciso de atar um pêso ao pescoço da minha familia e de atirar com ella a um poço de desgostos. De que modo arranjarei isto? Temperarei com arsenico o chocolate de minha mulher? Cravarei um prégo no ouvido de meu filho? Ou atirarei com minha irmã do alto do telhado da casa ao primeiro trapeiro que passar na

rua?... Não, para a vontade com que eu estou ao crime, tudo isso são umas innocentes exiguidades de não quebrar o jejum... Achei! descobri o que me convém. Vou namorar-me! Vou ao *Bois,* aos palcos, ao circo, aos gabinetes da *Maison Dorée,* ao *Mabille,* ao baile *Laborde;* vou para Spa, ou para a Hombourg-ès-monts durante o periodo mais effervescente do amor e do jogo; vou a todos os sitios finalmente em que a moral estremece com vontade de cahir em cima d'alguem e de lhe quebrar a cabeça. Atirarei os meus sorrisos para a direita e para a esquerda até que me appareça uma cortezã, uma atheniense, uma *écuière* de circo ou uma *Mimi Pinson* que levante um d'esses sorrisos e o guarde na sua carteira como uma lettra cujo saldo eu pagarei no dia e hora do seu respectivo vencimento.»

Nada d'isso porém succedeu, minha querida amiga. Eu passeava socegadamente um bello dia sem pensar em nada (o que é o melhor elogio que se póde fazer a um marido); ia talvez entrar em casa e esperar no quarto de minha mulher que ella se recolhesse para a beijar na testa, quando de repente me achei aos teus pés.

Se madame de C. descobrisse as tuas cartas ou encontrasse as minhas, eu, que não minto nunca, dir-lhe-ia simplesmente: — «É verdade, minha amiga. Dei este tombo. Succedeu-me no moral o mesmo que nos succede no physico quando se quebra uma perna. Estou namorado, que é como se

dissesse que estou doente. É uma feia doença — convenho — e por isso mesmo não imponho a ninguem a aviltante obrigação de m'a curar. Isto é mal que poderá durar muito ou muito pouco. Vejamos: quer que me cure em casa ou que vá para uma casa de saude? Em casa póde ser que fique bom mais cedo. Fóra, porém, dou-lhe menos cuidados. Domine o seu arrebatamento, que não remedeia nada, pense até ámanhã com discrição e socego, e responda-me depois.»

Se minha mulher é a senhora que eu supponho, responder-me-ia:—«Fique em casa. Escusa de se saber fóra que padece uma doença cujo contagio seria para si a deshonra.»

Eu ficaria, e é natural que mais tarde tivesse precisão de beijar respeitosamente a mão de minha mulher como a da minha melhor amiga.

Se pelo contrario minha mulher tem o espirito de uma burgueza ridicula mettido de contrabando na fidalguia da sua educação, é provavel que me dissesse então:—«Pega no meu rancor e nas tuas camisas, e vai-te para onde a pestilencia dos teus horrores não contamine as almas puras e os corações singelos.»

Neste ultimo caso restava-me agradecer á Providencia Divina o proporcionar-me um meio tão simples e tão commodo de me desligar de uma pessoa ácerca de cujo espirito eu tão radicalmente me enganára dando-lhe a minha mão de esposo.

Tu, que gostas ás vezes de dizer maldades, tal-

vez me perguntes se eu conservaria esta mesma serenidade no caso de que a sorte nos trocasse os papeis, e distribuisse a minha mulher n'este drama a parte que eu estou representando n'elle.

Respondo que acharia o partido inteiramente igual e que curvaria a cabeça. Sómente me permittiria perguntar a minha mulher pelo seu pudor... O pudor, essa pequenita coisa que, tirada ou posta, põe ou depõe uma senhora.

Nós os homens temos, acima do preceito religioso da fidelidade, um terrivel thesouro que guardar: a honra, um codigo inteiro de requintes de civilisação e de preconceitos de educação e de raça, que muitas vezes nos abrigam a pôrmos a vida na ponta de uma espada ou a saldarmos com os miolos uma exigencia de melindre. A mulher tem, em vez de tudo isso, um só dever, unico, indivisivel, sagrado: o pudor. O homem que pousou apaixonadamente os labios nos dedos de uma mulher, senhora do seu destino e do seu futuro, se antes era um homem honrado, póde continuar a ser depois um cavalheiro; a mulher que no voltear de uma valsa se compraz em deixar-se comprimir intencionalmente nos braços de um homem que lhe não pertence, se antes era mais ou menos uma senhora, não póde deixar de ser depois mais ou menos uma concubina.

Nas dissidencias conjugaes ha essa leve differença entre a mulher que cahe e o homem que delinque.

Concluindo, pois, meu bello amor, não te sobresalte o perigo da nossa situação, e sobretudo, minha adorada criminosa, não vás morrer de espanto por não morreres ámanhã na guilhotina.

Adeus, irmã da minha alma, minha luz, meu bem, minha felicidade, meu thesouro.

Tem pena de mim, lembra-te do meu amor, mas, por quem és, não voltes como hontem e como ante-hontem a apparecer-me nos meus sonhos... É um supplicio infernal com um despertar horrivel. O somno é o unico allivio dos infelizes; deixa-me dormir em paz.»

«*Charles.*»

Succedeu que uma vez teve o senhor de Clavières de reentrar em casa de mademoiselle Dermont, duas horas depois de se haver despedido d'ella, para receber um livro que deixára ficar no *boudoir* da elegante dama.

Era uma hora da noite. Carlos encontrou na sala de receber Rose, a *soubrette,* que lhe disse surprehendida e precipitadamente:

—Ah! a estas horas! deixe-me prevenir a senhora...

Quasi simultaneamente ouviu-se o estalido de uma fechadura que se corria na porta de communicação da sala de visitas para a recamara de Cecilia. Carlos n'um impeto de ciume, que nem mesmo se desculparia em Otthello, o descabellado patriarcha da grande confraria, sentindo subitamente

dominadas as mais delicadas faculdades do seu espirito, investiu com a porta que se fechára, fez-lhe saltar fóra a fechadura, e assomou no limiar do quarto.

Cecilia estava recostada em uma *chaise-longue* ao pé do lume. Junto d'ella, em pé, apoiado ao marmore da chaminé e immovel como se poisasse defronte do objectivo de uma photographia, estava um homem.

—Vem buscar o seu livro, Carlos?—interrogou Cecilia no mais suave e mais meigo tom em que póde vibrar a voz feminina.

—Não, minha senhora—tornou elle pausadamente.—Venho buscar uma coisa de menos importancia para si, que me esqueceu n'esta casa: a minha dignidade. O livro deixo-o ficar para o meu lacaio se entreter quando a este senhor chegar a vez de sacudir alli fóra os seus sapatos envernizados.

E voltando-se para o intruso, que o encarava impassivel e sem mudar da postura em que se achava, accrescentou:

— Esperarei, meu senhor, que o seu valor em despicar os brios d'esta dama me enoje o sufficiente para me fazer vencer a repugnancia que sinto agora em lhe escarrar na cara.

— Cautela, senhor de Clavières — disse-lhe Cecilia erguendo-se de golpe, com os labios tremulos e lividos de commoção e de cólera.—Olhe que eu sei vingar-me quando me affrontam!

—Quero deixar-lhe a opportunidade de me mostrar que sabe alguma coisa. Não lhe fazia essa justiça. Bôas noites.

No dia seguinte ao da scena que acabamos de esboçar, madame de Clavières, repentinamente fulminada por um ataque de alienação mental, era, por conselho dos medicos, levada de casa de seu marido para a de seus paes. Cecilia Dermont tinha-lhe mandado anonymamente pela posta a collecção das mais vehementes e mais apaixonadas cartas de amor que o senhor de Clavières lhe escrevera.

Decorreram depois d'isso dias de angustia cruel. Os dois esposos não se viam. Madame de Clavières luctava com a mais horrivel das enfermidades em que se póde sossobrar na terra; elle tentava esmagar no coração o pêso de dois infortunios terriveis: o amor ludibriado, desprezado, cuspido como uma torpeza repellente, e a felicidade domestica e todo o futuro que se lhe ligava esvahidos no céo como a visão de um sonho.

Quem era o mais infeliz: elle alanceado pelos tormentos do seu pensar, ou ella com o pensamento prostrado no seu carcere sem luz?

Ao cabo de tres semanas, durante as quaes Carlos não deixou nunca de se informar duas ou tres vezes por dia do estado da desfortunada senhora, pediram-lhe que subisse.

A senhora de Clavières tinha apresentado n'es-

se dia as mais sensiveis melhoras. Estava uma bella e risonha manhã, e ella havia acordado como se despertasse de um longo e pesado sonho, perguntando pelo esposo e extranhando não o vêr ao pé de si.

Dez minutos depois o senhor de Clavières entrava no quarto de sua mulher.

— Meu querido Carlos! — exclamou ella, erguendo-se com esforço nervoso da cadeira de braços em que estava sentada junto da janella aberta sobre as arvores do jardim. — Meu bom amigo! — accrescentou depois em tom mais terno, fixando n'elle os seus grandes olhos vidrados de lagrimas e lançando-lhe ao pescoço o collar dos seus braços descarnados e alvos — Pobre Carlos! Como estás demudado e emmagrecido! Fiz-te soffrer muito, não é verdade?... Não me occultes nada, meu filho, eu já sei tudo... Foi um ataque de alienação mental. É uma enfermidade horrivel, mas já me disse hoje o doutor que muitas vezes acontece soffrer-se um ataque d'estes e não se padecer mais depois. Perdôa-me, sim? Eu nunca tinha tido isto...

— Que te perdôe, minha sancta martyr! Que te perdôe... eu!...

E recostando-a outra vez com muito mimo na cadeira de que ella se erguera para o receber, Carlos ajoelhou-se na almofada em que ella tinha os pés e beijou-lhe as mãos com o maior enternecimento e a mais intima veneração.

— Olha que bonito dia! — proseguiu ella vol-

tando-lhe entre as mãos a cabeça para o lado do jardim—Que esplendido sol! que céo tão ridente! que bonita primavera! Vê como está lustroso o verde das arvores, como estão frescos e garridos os cabazes das tulipas, como está limpida a agua da taça. Repara quantos passarinhos na espessura d'aquellas acacias e quantas borboletas brancas em volta da alfazema e das rosas que desabrocham... Vê como eu estou fallando certo! Queres vêr comó me lembro tambem de tudo?... Foi no banco de cortiça, que se não vê d'aqui, mas que fica naquelle recanto onde estão os cedros, que tu me déste um dia o teu retrato em um medalhão de ferro, de cuja tampa sobresahia um craneo e em volta d'elle estas palavras: *A Luiza a minha vida e a minha alma.* Ainda te lembrarás tambem?

—Se me lembro, Luiza! Pagaste-me esse testemunho do meu amor eterno dando-me uma madeixinha do teu cabello.

—E tu cingiste-me então a cinta e beijaste-me pela primeira vez na testa, chamando-me a esposa do teu coração. Ah! eu sinto-me vigorar com este ar! Olha, Carlos, vamos nós sósinhos passear debaixo d'essas arvores que nos viram folhear o romance do nosso primeiro amor, vamos remoçar-nos com a viração d'essa primavera das nossas almas. Faz tão bem, quando se ama, recordar como se foi amado!... Não bole folha, está uma manhã de convalescentes: dá-me o teu braço, vamos.

O senhor de Clavières estava d'ahi a pouco

sentado á direita de sua mulher no banco, a que ella ha pouco alludira.

Luiza ficou ahi por algum tempo, silenciosa primeiro, meditativa depois, com a fronte comprimida na mão convulsa.

— Isto foi realmente horrivel — exclamou ella por fim. — Sinto que se desfizeram as trevas que povoavam de espectros o meu espirito, mas vejo ainda cá dentro, muito dentro, um ponto negro... Não tenhas medo de mim, Carlos... Deixa-me dizer-te uma coisa que eu a ninguem diria no mundo... Estamos sós, ninguem nos vê n'este sitio... Olha, meu bom amigo, a causa da minha loucura, o objecto dos meus horrorosos delirios, das minhas luctas com a morte durante não sei que tempo decorrido, foi isto.

E n'um movimento de supremo vigor, cingindo com o braço direito o collo do esposo como se receasse que elle lhe fugisse n'esse trance, percorreu rapidamente com a vista os contornos do ponto em que se achava, e, averiguando n'esse relance que ninguem a via, desabotoou convulsamente o roupão que vestia e com a mão esquerda cerrada como a garra vigorosa de uma aguia arrancou do seio um molho de cartas cingidas com uma fita preta franjada de oiro, e cravando n'ellas a vista firme, repetiu com o entono cavo e profundo de quem descarrega em uma só phrase uma tempestade do espirito.

— Foi isto!

Carlos reconheceu a fita em que Cecilia Dermont atava as suas cartas. Quiz dizer uma palavra, mas sentiu que a voz se lhe embargava na garganta ao aspecto dolorido e magestoso d'essa mulher, como se, em vez d'ella, o anjo da innocencia e da angustia houvesse repentinamente aberto sobre elle as suas luminosas azas.

—Conheces esta fita?...—continuou ella—Nem eu. Não sei d'onde fui desencantar isto... Agora as cartas sim! Nas cartas é que eu vi, que cuidei ver pelo menos, um mysterio horrivel, que tu me vaes explicar.

E dizendo isto, desatou rapidamente o laço e abriu com impetuosidade febril uma das cartas sem subscripto que se lhe haviam espalhado no regaço.

Carlos tentou lançar machinalmente a mão a essa carta; ella, porém, erguendo-se com um movimento cheio de imperio e de magestade, estendeu para elle a mão aberta, cruzando o olhar com o olhar d'elle, e impondo-lhe a immobilidade e o silencio com um gesto magnetico, irresistivel, fulminante.

Tornou então a sentar-se, e correndo a mão pela testa como para desfazer uma sombra que lhe anuviasse a vista, principiou a lêr.

Foi então Carlos quem se ergueu e ficou de pé diante d'ella.

Houve uma pausa que deveria parecer um seculo a cada um d'elles.

Depois da leitura de algumas linhas, Luiza,

trémula, arquejante, titubiando, sorrindo, hesitando, estremecendo, sorrindo ainda, reconheceu finalmente no papel que tinha aberto diante dos olhos a primeira carta que Carlos lhe dirigira a ella propria.

Levantou-se então, ergueu para o céo as mãos juntas e a formosa cabeça radiante de alegria, expediu um grito de jubilo dilacerante, arrancado das profundezas do coração, e cahiu suffocada em pranto nos braços do esposo.

As cartas que Luiza trazia no seio eram de facto as que lhe escrevera em solteiro o senhor de Clavières. A mãe de Luiza, aproveitando um momento em que ella adormecera, havia furtivamente substituido por essas as cartas que lhe mandára Cecilia Dermont, e das quaes a senhora de Clavières se não separára mais desde que as recebera.

O amor de mãe salvára assim prodigiosamente a intelligencia da esposa e o remorso do marido.

Sancto e omnipotente amor! De que milagres não serás tu capaz!

Algum tempo depois, tendo recahido a existencia do senhor e da senhora de Clavières na sua orbita primitiva, recebeu elle a seguinte carta:

«Carlos.

«Se é effectivamente preciso que nos separemos para sempre, separemo-nos bons amigos.

De que serve o odio, ou de que serve a antipathia?... Dois inuteis pêsos que primeiro contundem e que depois ulceram, abrindo fistula que se não cura mais.

Desenvenenemos as nossas almas.

O crime creio eu que não póde ser senão a maldade, e nenhum de nós é mau. Não finjamos ser o que não somos.

Ha perversos que se fingem bons, e são hypocritas; ha bons que se fingem perversos, e é uma hypocrisia d'outro genero.

São vulgares os hypocritas de virtude; nós somos hypocritas de vicio. Desfivelemos as nossas mascaras, e mostremo-nos como Deus nos fez e a sociedade e nós nos completamos: imperfeitos, mas não monstruosos.

Temos ambos de que nos pedir perdão, e seria triste que a morte nos separasse sem termos levantado da consciencia esse pêso.

Fui ultrajada sem o merecer e vinguei-me vergonhosamente em vez de justificar como devia as apparencias que me condemnavam.

Com o nosso orgulho matamos o nosso amor. Paz aos que perderam as suas mais sanctas e queridas illusões! Baste-lhes para punição o êrmo em que ficaram.

Dêmo-nos a mão, Carlos, e enterremos em boas treguas os nossos mortos.

Depois do que se passou entre nós, não po-

demos ser um ao outro indifferentes. Estimemo-nos em vez de nos odiarmos.

Venha vêr-me um dia quando não tiver outra distracção melhor em que matar o tempo, e considere-me sempre como a mais sincera e a mais affeiçoada das suas amigas.»

«*Cecilia Dermont.*»

Obedeço com muita repugnancia á exacção da minha historia, dizendo-lhes que Carlos se rendeu ao convite formulado n'essa carta, e que, dias depois, estava sendo junto de Cecilia o mesmo que era antes do incidente que produzira a loucura da senhora de Clavières.

Cheguemos depressa ao desenlace d'esta verídica historia.

Foi no corrente mez de setembro. O senhor de Clavières tinha planeado uma caçada de oito dias em uma propriedade que possuia na Normandia.

Despediu-se da senhora de Clavières e partiu de Pariz com tres amigos muito intimos, indo reunir-se no castello de Clavières com Cecilia Dermont, que lá os esperava.

Havia, além d'ella, tres *senhoras*. Era a *partie carrée*.

O anniversario de Cecilia era o motivo d'esta pequena festa clandestina.

No primeiro dia devia-se experimentar a ma-

tilha de galgos em uma corrida de lebres n'uma planicie.

Carlos acordou jubiloso ao primeiro raio do sol que lhe entrou no quarto, e ás sete horas da manhã viram-o os criados que trabalhavam nas cocheiras descer ao pateo já vestido de *jaquette* de veludo verde, calção d'anta o botas envernizadas até o joelho, fazendo tilintar as esporas no marmore dos degraus, e respirando com delicia as exhalações de um charuto.

O senhor de Clavières affagou os cavallos que estavam sendo escovados á porta das cavallariças, chamando a cada um pelo seu nome; entrou depois no jardim, colheu elle mesmo um grande ramo de flôres, e subiu ao quarto da menina Dermont.

Cecilia dormia ainda, sentindo-se-lhe brandamente a respiração através do cortinado de setim azul que lhe encobria o leito. O feliz moço, radiante de mocidade e de paixão, pousou as flôres sobre uma banquinha de charão collocada ao pé de uma janella defronte do leito.

Sobre essa banca estava aberto um album em que Cecilia desenhára na vespera, com discutivel correcção, a agulha de uma ermida, que se avistava da janella, afofada ao longe entre os castanheiros do norte, que cerravam o horisonte.

Carlos voltou a folha occupada pelo desenho, pegou no lapis e principiou a escrever no reverso, sob a designação da data d'esse dia, os versos que adiante se lerão.

Perdôe-se ao meu heroe essa fraqueza. Ha horas na vida em que o sentimento nos subjuga, em que o amor nos sorri, em que a felicidade se nos debate, e nos pipilla dentro d'alma como a avesinha prêsa que quer enfiar o vôo para a amplidão do céo. N'esses momentos esquecem os espiritos de melhor tempera que é já hoje de mau genero agasalhar a meiga poesia, que então baixa dos céos para offerecer á nossa alma sedenta do infinito as suas ceruleas azas.

Do lapis do snr. de Clavières, debruçado sobre o album de Cecilia, deslisaram então, vagas, desannexadas, desartificiosas, atropelladas, as seguintes linhas, que peço venia para trasladar na mesma lingua em que elle as escreveu:

J'aurais voulu ce matin
Etaler sous tes balcons
La fanfarre d'un festin,
Mille pages et cent boufons,

Tes palefrois hennissants,
Tes dames et tes piqueurs,
Du velours, des diamants
Et des ruisseaux de fleurs;

Les intrépides levrettes
Aux colliers d'argent et d'or,
Si jolies et si coquettes,
Bondissant au son du cor;

Et d'une beauté à rendre
Toute l'Arabie jalouse,
Alerte, nerveuse et tendre,
Ton aquenée andalouse;

Leurs chapeaux bas dans tes sales,
Les seigneurs éperonnés,
Ayant laissé leurs cavales
Aux domestiques poudrés,

Et tes laquais sur la selle,
Attendraient tous ton lever...
C'était alors, ó ma belle,
Que je voudrais t'éveiller;

Embrassant ta jolie tête,
Ton pied nu et ton front,
Te faire écouter ta fête
Au-dessous de ton balcon.

Sur ton lit à peine assise
Dérouler à ton regard
Tout ce qu'à son Eloise
Voudrait offrir Abeilard :

Là, sur l'eau, comme une page
Des vieux romanceros,
Un chateau du moyen âge
Aux tourelles et aux crénaux...

Toute la douce poésie
Et toute cette grandeur
Qui était la chevalerie,
La réligion de l'honneur;

Toutes les créations
Où palpite l'infini :
Du rossignol les chansons
Et les chants de Bellini ;

Toute chose dont la face
De quelqu'éclair rayonna,
Et le Petrarque et le Tasse,
Phidias et Canova ;

La pure beauté si nette
De Raphael d'Urbino,
Les baisers de Juliette
Et l'amour de Roméo...

L'amour! l'amour qui soupire
Et qui sanglote toujours
Dans les levres et sur la lire
Des rêveurs, des troubadours;

L'amour qui mousse et petille
Au son de la sérénade,
Sous la lune de Seville,
Sous le ciel de Grenade;

L'amour ardent qui vous ronge
Aux strophes d'Anacréon,
Et ce pâle vieux songe
De l'infortuné Platon...

Chegado a este ponto, Carlos, entrado do seu assumpto, e acompanhando a escripta com a voz, continuou, exclamando e escrevendo:

Oh! amour, grandeur, richesse,
Volupté, gloire, plaisir...

E levantando os olhos para o cortinado do leito, que se tinha agitado, dissera:

Le charme de la paresse!

Quando Cecilia, deixando vêr a sua cabeça loira, terminou a quadra com este mysterioso verso:

Et l'attente du desir!

Ás onze horas da manhã cavalgam os hospedes de Clavières para seguirem a caçada projectada e acompanharem os galgos na desfilada.

Os cães latiam ajoujados pelos moços de trela vestidos de fraques com as côres da casa de Clavières e polainas de pelle de bufalo afiveladas até o alto da perna.

Os homens faziam pular os cavallos que montavam, e as mulheres, de chapéo alto e vestidos e véos fluctuantes, soffreavam os seus, que escarvavam impacientemente no chão.

—Querem vêr cahir o Totó!—disse Carolina

Defresne, indicando com a chibata um rapaz de dezoito annos, extremamente pallido, extremamente debil, e de olhos meios cerrados, que cingia os ilhaes de um cavallo inglez com as mais finas tibias de que póde orgulhar-se um *gentleman*.

O moço que dava pela alcunha de Tótó abotoava no entanto o seu *veston Bênoiton*, atravessando sobre a clina do cavallo a sua bengalinha de tres palmos, e tirando em seguida o charuto dos beiços, no mesmo tom em que pediria um copo d'agua, exclamou:

—Qui m'aime me suive!

—A cette condition-là, votre suite ne sera pas longue.

—Oh! je m'en fiche, moi! Croyez-vous donc que je vous prie de m'aimer?

—Est-ce d'abord bien constaté que cela existe —l'amour? Tenez, Cora, qu'est ce que c'est que l'amour?

—Mon gros, l'amour est une jolie petite polissonnerie, n'est-ce pas, Jenny?

—Mais non, c'est au contraire beaucoup plus serieux. L'amour, c'est les affaires...

—De bourse?

—Bon! voilà que je m'embête si vous faites les sentimentales.

—Alfred! es tu rasoir!...

—Tu sais pertinemment, toi, que l'amour m'embête. Je n'en prends que pour m'endormir.

Tiens, Baptiste, apporte-moi un petit verre d'*abs*... pour que je me lave le canal avant de partir.

—*Se laver le canal* c'est vert.

—Oui, Ninie, je m'acoquine.

—Tu t'encanailles.

—Ma foi, tant pis!

Durante este tempo o senhor de Clavières mandava trocar o cavallo em que ia montar por um outro do mais fino sangue, cuja familia se conhecia até o tataravô e que tinha na elegancia das fórmas e no vigor do brio a certidão da sua raça.

Ao acabar o dialogo que referimos sahia apparelhado da cavallariça o famoso animal.

—Aqui teem o premio grande do proximo Derby—disse Carlos espalmando a mão na anca do ginete, que estremeceu, levantando alto a sua pequenina cabeça de olhar scintillante e de ventas finas, dilatadas e redondas.

—Não montes isso—disse-lhe Alfredo, vendo que o cavallo não dava o estribo.

Mas era tarde, porque o senhor de Clavières, impaciente, tinha-se atirado de um salto acima do selim.

O animal ao sentir as pernas do cavalleiro encolheu-se e, antes de lhe dar tempo de estribar, empinou-se, despregando um violento pulo, resfolegando e encabritando-se no ar com um meneio sêcco que teria cuspido longe o cavalleiro se elle não fosse, como era, o primeiro calção do *Sport* parisiense.

—Ó curador!—exclamou o senhor de Clavières procurando afagar o inquieto animal—quem montou este cavallo além do joquey?

—Ninguem o montou.

—Pois está resabiado—accrescentou Carlos.

—Apeia-te.

—E melhor apear-se.

—Carlos!

—Por quem és!

—Agora lhes respondo eu como o Tótó—cortou Carlos sorrindo:—*qui m'aime me suive!*

Os outros assim o fizeram, mas ao dobrar o portão da sahida o cavallo inteiramente desbocado, desfechou a toda a brida pela estrada, galgando em seguida o primeiro muro que se lhe atravessava no caminho, e diante de cuja respeitavel altura estacaram um momento depois todos os que o seguiam.

—Por aqui! por aqui!—gritou então um criado de pé, entregando a trela dos seus galgos a um dos quatro lacaios que acompanhavam a cavallo os hospedes do senhor de Clavières, e mettendo elle a correr por um atalho.

Por esse caminho se entranhou a cavalgada, que d'ahi a pouco desappareceu galopando entre uma nuvem de pó.

No entanto o cavallo de Carlos, cortando a direito pelo terreno mais desigual e mais perigoso, chegou á beira do rio, onde o caminho era planó, e orlado do lado opposto á margem por um alto muro.

Conjectura-se que o senhor de Clavières tentára ahi conter o cavallo, fazendo-o voltar repentinamente por meio de um violento sacão para o lado do muro. N'esse momento talvez se empinára o cavallo e cahira para traz escorregando-lhe as patas nos lagedos lustrosos em que deixou riscadas as ferraduras.

Como quer que seja, quando a cavalgada chegou á beira do rio, o cavallo tinha desapparecido e o cavalleiro prostrado de costas com os cabellos no pó, os olhos cerrados e os labios entre-abertos e lividos, jazia exanime no meio da estrada.

Os criados do senhor de Clavières trouxeram-o em braços para casa. O medico que pouco depois o visitou averiguou que elle vivia, mas que era grave e por ventura perigoso o seu estado, qualquer que fosse a causa especial a que tivesse de se attribuir o deliquio depois de mais detido exame.

Em consequencia d'esse diagnostico as *senhoras* partiram immediatamente para Rouhen, onde tomaram o caminho de ferro de Pariz. Os homens, por um sentimento de galanteria, que n'este caso dava o braço ao egoismo, acompanharam as damas.

Madame de Clavières foi chamada á pressa por um telegramma. Quando a afflicta senhora se aproximou do leito do enfermo, Carlos, ainda immovel no leito, havia recobrado os sentidos e fallava já.

—Minha sancta mulher—disse-lhe elle percorrendo a vista pelo quarto e fixando-a depois em Luiza.—Fizeram bem em deixar-nos sós: eu precisava muito de te fallar. Não me lamentes. O que eu soffro é uma expiação a que me conformo, com que me resigno... Querido anjo! és boa de mais para mim. Não te merecia a Deus pelo que valho; é justo que te pague pelo que padeço.

—Carlos!...

—Deixa-me continuar. Não sei se me permittirão fallar por muito tempo e a sós comtigo. Ouve-me pois. Apesar da lepra que me tem contaminado no coração e no espirito, não estou ainda tão corrupto que não acredite na Providencia... Chama-se-lhe agora a lei das compensações. Seja. Existe no entanto essa lei suprema, immutavel e eterna. É ella que dá aos humildes a alegria e a paz; aos desgraçados a resignação e a esperança; ao crime o remorso; á magestade o tedio; á gloria mesma, que parece a mais segura das venturas, mas que escalda e que offusca, o desejo de uma pouca de sombra como uma esmola. Eu sempre me achei feliz depois de uma boa obra; sempre tive em mim a desconsolação ao cabo de um dia inutil ou de uma acção má. Hoje, Luiza, sinto-me desgraçado... Tenho em mim a tristeza e o desalento de quem chega ao termo de uma longa peregrinação reconhecendo que se enganou seguindo o caminho opposto áquelle a que se destinava. Faltam as forças para voltar atraz, para retrilhar

o andado, para recomeçar de novo. Pára-se, olha-se para o futuro e para o passado, e pergunta-se á consciencia qual é melhor, se luctar ou obedecer ao cansaço; proseguir com a desgraça no coração ou cahir; conter no peito o punhal que nos segura a vida ou arrancar o ferro e morrer... Mas não, Luiza, eu quero viver para o teu amor e para o teu perdão...

—Has de viver, sim, meu querido Carlos, has de viver para mim. O meu amor tiveste-o sempre. O meu perdão, qualquer que seja a culpa, que desconheço ainda, eu t'o dou.

—Como tu és boa, Luiza! e como eu me julgo indigno de te beijar a tua fronte desanuviada e pura como o céo...

Dizendo isto, Carlos fez um movimento com os labios, e como Luiza inclinasse a fronte para receber o beijo que elle tinha na bôca, o senhor de Clavières, firmando-se n'um braço, ergueu meio corpo do leito. Mas, repentinamente, expedindo um arranco supremo, recahiu nas almofadas, com a pesada inercia da morte, os braços pendidos, os olhos vidrados e a bôca entre-aberta.

Estava effectivamente morto. Tinha a columna dorsal partida, e ao primeiro movimento que fez desconjunctaram-se-lhe repentinamente as vertebras e fugiu-lhe a vida.

Se seria de feito uma expiação como elle disse! Se a Providencia veria do céo n'esse dia essa mocidade desbaratada e extincta!

EPILOGO D'ESTA HISTORIA

A primeira vez que fui á Grande Opera dançava-se um bailado retirado da scena depois de alguns annos. Era uma *reprise,* mas que tinha o valor de uma *prémière.* Estava na sala quanto havia de elegante em Pariz.

No intervallo da opera em um acto e o começo do baile, vi voltarem-se successivamente todos os oculos da sala para as *stalles d'amphithéatre.* Olhei tambem e vi uma senhora acompanhada de dois homens, diante de quem se moviam todos os espectadores para lhes fazer praça. Um dos homens, de cerca de vinte e cinco annos, com um pequeno bigode encerado aos cantos da bôca, tinha os beiços pintados com carmim, sobr'olhos e os cilios avivados com tinta da China, pó de

arroz nas faces, os cabellos frisados para cima das fontes e apartados pelo meio, uma curta suissa ao pé da orelha, colleirinho pontudo, collete invisivel deixando vêr toda a largura de uma camisa lisa e envernizada, e uma camelia na casa da casaca bandada de setim. O outro tinha a barba toda crescida e apartada em leque por meio de uma risca que correspondia á do alto da fronte, colleirinho decotado até ás clavículas, sobrecasaca preta apertada na cinta com um botão, collete branco e lustroso como vidro, luvas côr de perola e a fita da Legião d'Honra na lapella.

Ella trajava um vestido de veludo côr de violeta, com a segunda saia de setim, e a primeira mais curta e recortada, chapéo dos chamados microscopicos de tulle *illusion* branco guarnecido de jasmins, luvas côr de chumbo até ao meio do ante braço, uma *châtelaine* de oiro cravejada de esmeraldas enormes, e na mão um ramilhete de jasmins do Cabo e de camelias encarnadas representando um valor de quarenta francos. Trazia n'essa noite os cabellos loiros de uma abundancia impossivel, levantados na nuca, e deixando solta uma grossa madeixa que lhe cahia no collo.

Especifico estas *toilettes* por que eram ellas, apparentemente pelo menos, que excitavam a attenção da sala.

Os dois homens que acompanhavam a dama manifestavam-lhe todas as attenções que póde merecer uma princeza ao mais perfeito cortezão. Ella

respondia-lhes singelamente, com um ar de rainha, tendo a alegria nos olhos e o sorriso e a felicidade nos labios.

—Conhece aquillo?— perguntou-me um sugeito que estava ao meu lado e que se tinha encarregado de iniciar-me nos mysterios da vida parisiense.

—Aquillo?

—Sim.

—Não conheço.

—É uma mulher que tem dissipado seis ou oito fortunas, que dariam a independencia a duzentas familias. Estava hontem na *primeira* do *Antony* coberta de brilhantes. É a Cecilia Dermont...

Carlos de Clavières tinha sido enterrado n'esse dia no jazigo de sua familia no *Père Lachaise*.

UMA VISITA A FERDINAND DENIS

Acabo de estar com um dos homens a quem mais relevantes serviços deve a litteratura portugueza e diante de cujo nome todos temos obrigação de nos descobrirmos com reconhecimento e respeito. Adivinharam já que lhes vou fallar do snr. Ferdinand Denis, o author da mais completa, para não dizermos da unica historia litteraria de Portugal que possuimos, e na qual estão quotidianamente plagiando, melhor ou peor, quantos hoje se encarregam de despachar resuminhos de quatro vintens para as aulas de instrucção primaria. As obrigações em que estamos para com o snr. Ferdinand Denis não derivam unicamente d'essa importante publicação. A este litterato se devem ainda muitos outros escriptos preciosos para a

historia dos nossos grandes homens e das nossas glorias nacionaes. Eu hei de occupar-me um dia mais demoradamente do escriptor que tanto o merece. Deixem-me agora que lhes apresente simplesmente o homem.

Ferdinand Denis habita uma pequena casa annexa á esplendida bibliotheca de Sainte-Geneviève, na Place du Panthéon.

Abriu-me a porta uma criada velha, uma d'estas velhas de touca branca e cabello tambem branco, penteado em dois rôlos aos lados da fronte, velhas aceadas, frescas, tendo, deixem-me assim dizel-o, a *coquetterie* da velhice, e usando-a tão ageitada e pregadinha como a formosura dos dezoito annos,—typos que eu nunca vejo sem um certo interesse entrecortado de sympathia e que em nenhuma outra parte se encontram tão frequente e tão perfeitamente desempenhados como em Pariz.

Fui introduzido sem se me perguntar o meu nome em uma saleta, onde immediatamente depois me appareceu em *deshabillé de matin,* com o sorriso nos labios e a penna entre os dedos, a expressiva figura de Ferdinand Denis.

É um velho de setenta e tantos annos com uma physionomia energicamente acentuada como a de Meyerbeer ou de Auber: magro, sêcco, saudavel, rijo, denotando logo ter ainda, como elle me disse depois, *bon oeil et bon pied.*

Disse-lhe que era portuguez e accrescentei o meu nome, apertando affectuosamente a mão que

elle me estendera apenas ouvira a minha naturalidade...

Consinta-se que eu desafogue n'uma palavra um dos maiores desvanecimentos da minha vida litteraria; é licito isto a quem como eu tão pouco tem de que se orgulhe: o meu nome não era inteiramente desconhecido n'aquella casa. Ferdinand Denis havia lido o que quer que fosse da penna desvaliosa e obscura que me sustenta.

Entramos para o seu gabinetesinho de trabalho e sentamo-nos juntos ao pé do seu fogo.

Eu tenho-me aproximado de muitos homens celebres, tenho olhado de perto para muitas frontes aureoladas pela gloria, guardo lembrança de muitas d'essas entrevistas, mas creio que de todas as horas por tal modo assignaladas para mim serão as ultimas a apagar-se-me da memoria as que passei ao pé d'esse encanecido litterato, cercado dos seus livros e dos seus quadros, feliz na sua modesta independencia e conservando na mais adiantada idade, alegre, ridente, cheia de vegetação e de seiva a juvenilidade do seu espirito, resguardado como em benefica estufa na applicação do estudo.

São os homens assim os que verdadeiramente glorificam o trabalho, ensinando-nos a amal-o com o seu bello exemplo.

Á erudição chamou o padre Manoel Bernardes o viatico da velhice. É tão verdadeira como concisa essa maxima, em que é preciso meditar-se.

Coitados dos que envelhecem sem poderem repousar a cabeça despovoada dos ardentes estimulos da actividade no regaço da familia ou no regaço da gloria! Só esses é que verdadeiramente envelhecem. Nos filhos prolonga-se-nos e continua-se-nos a existencia; nas lettras procria-se a alma.

Ferdinand Denis, sem fausto, sem riqueza, sem familia, tem uma invejavel velhice, cheia de suavidade, de resignação, de esquecimento. Quando lhe tocar a morte, cerrará os olhos para o somno eterno com a paz d'alma do obreiro que findou consoladamente o seu dia na sã fadiga do trabalho e da honra.

Conversamos muito e por muito tempo, que eu não tinha forças que me arrancassem d'alli.

Fallamos de A. Herculano; de Rebello da Silva; de Antonio de Castilho; de Mendes Leal; de Camillo Castello Branco; do snr. José Silvestre Ribeiro, cujo nome firmava um artigo de critica ultimamente publicado em um numero do *Jornal do Commercio,* que estava na banca de Ferdinand Denis; do snr. Moraes Sarmento, que lhe dedicou o seu precioso *Romanceiro;* do conde de Lavradio, que ultimamente lhe mandára um exemplar das *Lendas da India,* d'esse portuguezissimo livro em que tão brilhantemente avulta a agigantada figura de Vasco da Gama, maior ainda na historia que na legenda, e que felizmente ainda alguem conhece em Pariz, onde a Grande Opera representa agora um episodio da vida do nosso navegante, o qual

episodio é a mais suja torpeza historica que a um libretista é dado commetter.

Fallamos de quasi todos os nossos escriptores vivos e de muitos dos que já não existem.

Foi com lagrimas na voz e com a maior tristeza no semblante que Ferdinand Denis se referiu aos ultimos dias que Gonçalves Dias, o chorado poeta brazileiro, viveu em Pariz, profundamente minado pela enfermidade que depois lhe deu por tumulo o oceano. O melancolico moço espairecia a sua mágoa fumando constantemente e fallando da morte, que tinha nos pulmões, com uma glacial indifferença que compungia profundamente quantos o conheciam e amavam.

Embarcou para o Maranhão tão doente, que o snr. Drumont, um respeitavel ancião que foi ministro do Brazil na côrte de Roma e que vive em Pariz desde algum tempo, consagrando a maior affeição a Gonçalves Dias, disse ao commandante do navio que o conduzia á America, que, se o infeliz viajante fallecesse na viagem, elle Drumont satisfaria toda a despeza que se fizesse a bordo para conservar o cadaver, a fim de que chegassem pelo menos as cinzas do poeta á amada terra da sua patria.

Apesar porém d'estas piedosas providencias o corpo do poeta ficou perdido no mar.

O snr. Drumont, de quem casualmente acabo de fallar-lhes, enviuvou aqui ultimamente. A sua

finada esposa tinha uma genealogia gloriosa: era sobrinha da Marilia de Dirceu.

Ferdinand Denis conheceu pessoalmente Filinto Elysio.

Francisco Manoel do Nascimento frequentava com grande assiduidade a casa do pae de Ferdinand, n'esse tempo creança.

—Eu conservo ainda, como se o estivesse vendo — disse-me elle — a lembrança do sympathico velho. Tenho perfeitamente presente a sua rechonchuda physionomia cheia de pachorra e de bondade, as suas maneiras francas e singelas, o seu finissimo sorriso e o seu olhar perspicaz e vivissimo. Era um dos mais agradaveis conversadores que é possivel encontrar-se; tinha a réplica viva e penetrante, a resposta sempre na ponta da lingua, a anecdota palpitante, a ironia innocente e, finalmente, como nós dizemos em francez, o *mot pour rire* tão espontaneo e tão facil, que era impossivel estar alguem triste ao pé d'elle.

Uma notavel particularidade é que Filinto, o terrivel tosqueador dos gallicismos do seu tempo, que elle marcava a um por um com ferro em braza, Filinto o latino, Filinto o classico, Filinto o archaista, fallava o francez com toda a graça e toda a pureza de um legitimo parisiense.

O talento de Ferdinand Denis não foi dos mais brilhantes pela precocidade. Aos nove annos de idade o douto bibliothecario de Sainte-Geneviève ainda não sabia lêr nem queria que o ensinassem.

Os paes do teimoso rapaz fallavam muitas vezes ao poeta portuguez d'essa pertinacia de brutinho. Filinto, que comprehendia e apreciava como poucos os doces encantos da preguiça, sentava então nos joelhos o joven Ferdinand, dava-lhe nas faces dois beijos repenicados como de ama de leite, encostava-lhe a cabeça aos longos bofes do peito da camisa, e exclamava como quem o tivesse debaixo da sua aza protectora:

—Vamos, deixem-no mandriar mais um anno por minha conta. Ferdinand! — accrescentava depois, dirigindo-se ao pequeno — tu és um rapaz de bom gosto, e digo-te eu que has de ir longe.

Madame de Lasaudraye, uma senhora celebre por esse espirito scintillante e agudissimo, que é a gloria dos salões francezes, e cuja apparição luminosa se vai tornando cada vez mais imperfeita e mais rara, Madame de Lasaudraye, digo, era uma das visitas da familia de Ferdinand Denis.

A primeira vez que Filinto, o qual ainda então lhe não havia sido apresentado, se encontrou com ella na hospitaleira casa dos seus amigos, Madame de Lasaudraye tinha já quarenta e tantos annos.

A encantadora parisiense tinha-se sentado em um sofá, e Francisco Manoel, que lhe não dissera uma palavra, ficára junto d'ella em uma cadeira de braços.

A snr.ª de Lasaudraye, que estava em uma das suas horas de inspiração, foi adavermil de

graça, de encanto, de singeleza e de finura. Fallando-se por fim do passado, e alludindo á sua mocidade:

—Calcúlo, bem a meu pesar, o tempo a que foi isso—disse ella—quando me lembro que algumas pessoas me diziam então que eu era encantadora.

—*Tudieu!*—exclamou então arrebatadamente Francisco Manoel, cravando nos olhos d'ella os seus bellos olhos portuguezes, cheios de calor e de enthusiasmo.—*Mais je le crois bien, madame, je le crois bien, moi!*

Era a mais intrepida, a mais sincera e a mais fulminante das declarações.

A snr.ª de Lasaudraye, enleada e attonita, interrogou então o dono da casa com um olhar que bem traduzido queria dizer se não seria um maluco aquelle seu repentino adorador...

—É o meu amigo Francisco Manoel do Nascimento, celebre poeta portuguez—respondeu o snr. Denis.

Ella então, medindo rapidamente n'um relance d'olhos o seu apresentado, observou estendendo-lhe a mão com um sorriso:

—Deve-se perdoar alguma coisa aos poetas e mais ainda aos portuguezes.

—E sobre tudo aos velhos, e mais principalmente aos infelizes—accrescentou Filinto, curvando-se para ella e beijando os bonitos dedos que se lhe tinham entregado.

Verdier, o celebre Verdier, tão decantado nos versos de Filinto, era sempre perna forçada n'estas reuniões do salão paterno de Ferdinand Denis.

Succedia que sempre que Francisco Manoel alludia ás terriveis perseguições que lhe fizera o Sancto Officio, Verdier sorria sempre com um sorrisinho maligno.

Uma vez, que o poeta não estava presente, disseram ao seu intimo:

—Verdier, você ha de contar hoje para aqui o que sabe dos horrores que a inquisição preparava ao nosso amigo. Sempre que se falla n'isso, você ri. Por ventura não teria elle soffrido como diz?

—Soffreu — respondeu Verdier — soffreu immenso, mas a causa dos seus grandes infortunios não foi principalmente a inquisição...

—Então quem foi?

—Foi o medo.

Despedi-me de Ferdinand Denis, ao cabo de uma visita de duas horas, pedindo-lhe licença para ir vêl-o outras vezes e aquecer a minha mocidade ao calor do seu espirito mais joven que o meu.

O DOUTOR VÉRON — O NECROLOGIO — OS CABEÇAS DE TURCO

Henrique Heine, o celebre romancista, perguntou um dia a Alexandre Dumas quantos minutos eram necessarios para que um escriptor francez se tornasse celebre na Allemanha, e quantos annos seriam precisos para que um escriptor allemão se tornasse conhecido em França.

Parece que Dumas nunca atinou com a conta. O que é certo é que a popularidade em Pariz é a celebridade no mundo. Quem quizer ter uma reputação em termos não tem outro remedio senão fazer como com a roupa á moda: mandar tomar-lhe a medida no boulevard dos Italianos.

Um homem notavel em Pariz é tão conhecido no terraço do café Riche como no Porto á porta do Moré ou em Lisboa nos passeios do Chiado.

Véron, o redactor e proprietario do *Constitutionel,* o director da Grande Opera, o celebre author das *Mémoires d'un bourgeois de Paris,* é um sugeito de toda a parte.

O doutor Véron morreu, e todos os periodicos de Pariz o necrologisaram.

É muito notavel o estado em que se acha actualmente o necrologio em Pariz. É talvez o unico genero litterario que eu observo não ter decahido durante os ultimos annos.

O periodismo tem defecado. Emilio de Girardin, que antigamente se gabava de ter uma ideia por dia, quando arranja agora uma ideia por mez benze-se com ella como achado milagroso.

O theatro rebaixa-se notoriamente.

Na musica Offembach substituiu Rossini, e na comedia Victorien Sardou tomou o logar de Dumas.

Na litteratura chamada séria está chamando a attenção o abbade *tres estrellas,* que publicou o *Maldito* e deu agora á luz *O cura d'aldeia...* Mal empregado n'elle esse bello titulo, tão magistralmente desempenhado em Portugal pelo snr. Alexandre Herculano em um livro que não tem rival na litteratura portugueza. O abbade tres estrellas, é um padre que se compraz em calcar, em cuspir, em cobrir de lama a religião de que é sacerdote.

Ou não soube o que fez quando se ordenou, ou faz gala no perjurio e na apostasia. Como quer que seja, ou é nescio ou é velhaco, ou como diz o Tolentino: *Talvez que seja tudo.* Como philosopho é chilro e não adianta nada. Como litterato é deploravel e atraza muito.

Finalmente, de todas as manifestações litterarias a que tenho tomado o pêso, a que me parece estar medrando mais singularmente para honra do genero e proveito da arte em particular e da civilisação em geral é o necrologio. O necrologio em Pariz está abrindo um novo horisonte, e levantando uma nova escóla.

Aqui ha tempos em Marselha (cuido que foi em Marselha) morreu um procurador geral, cuja limpeza de mãos não era integralmente garantida. No dia em que elle se enterrou, estando já o cadaver na cova, aproximou-se um dos circumstantes e pronunciou perante a multidão silenciosa o seguinte discurso:

«Senhores! É perante a morte que a verdade se deve manifestar a toda a sua luz. O cidadão que ahi jaz exanime foi um patife. Tenho dito.»

A assembleia retirou-se abanando approvativamente a cabeça como se fosse dizendo comsigo: —O homem fallou bem.

Ora este sugeito que discursou sobre a sepultura do procurador geral a que alludo, foi o chefe da nova escóla necrologista.

Alguns periodistas parisienses seguiram o sau-

davel exemplo do orador marselhez, e o genero pegou em moda.

Uma vez, jantando eu em Lisboa com varios homens de espirito, succedeu levantar-se da mesa um dos dois unicos semsaborões que lá estavam. O semsaborão que ficou fui eu. Do que sahiu não digo o nome. Um dos convivas, dando pela falta d'elle, exclamou:

—Ah! elle retirou-se? Toca a dizer mal do parvo.

Appareceram então alguns protestos apiedados.

—Coitado!

—Tem um optimo caracter...

—É um excellente moço!

—Isso para quando elle vier!—cortou retomando a mão o orador primitivo—Agora discute-se o tôlo; logo se discutirá o homem. Emquanto elle não volta ponha cada um para ahi o que sabe em descredito do bruto.

N'esta historia, apparentemente frivola, ha um grande e serio fundo de philosophia, no qual se baseia a theoria do necrologio contemporaneo.

Fallemos com franqueza: para que ha de a gente malquistar-se com os vivos? Esta vida são dois dias. Esperem até depois d'ámanhã; deixem-lhe fechar o ôlho e saltem-lhe em seguida.

Por este modo a victima não soffre as dôres da operação, a sociedade desaffronta-se e a moral jubila.

Antigamente todo o tratante fino (não precisava de ser muito fino) estava no goso d'uma velhacaria posthuma, a qual consistia em se fazer chamar *bom cidadão, bom esposo* e *bom amigo* pela folha do que era assignante e para onde mandava os annuncios.

Ora que venham agora para cá!

Se a honra lhe não correu muito direitinha, o periodico o mais que faz é temperar-lhe a memoria com um môlho picante n'este gosto:

«Falleceu hontem o nosso antigo assignante fulano de tal. Era o sugeitinho que muitas vezes figurou nas *partes da policia* d'esta folha, sob a inicial X. Gosava de pessimos creditos em toda a parte, excepto na tenda da sua rua, onde não gosava de credito nenhum. Pelos nossos entregadores nos consta que dava pontapés na familia. Ficou-nos a dever tres mezes.»

Estabelecido isto, o que succede?

Cada individuo, advertido d'este julgamento final que o espera na terra, virá naturalmente a ser um bocadinho mais solicito em não figurar nas partes da policia, ainda mesmo sob uma simples inicial, mandará á hora da morte pagar a conta da tenda e satisfará adiantado o que dever á folha.

Vejam que serviço aos bons costumes e que triumpho para a moral!

Aqui ha poucos dias inaugurou-se em Lyon a estatua do fallecido ministro Billault. (A estatua

é uma especie de appenso em pedra ao necrologio á moda antiga, do *bom cidadão,* etc.) As folhas de Lyon transmittiram-nos a descripção minuciosa da festa inaugural do monumento.

«A effigie veneranda do grande homem, dizia o *Courrier de Lyon,* tem a mão esquerda sobre o coração, e a dextra estendida no espaço e fazendo um gesto affirmativo.»

Um periodico de Pariz observa-lhe então de cá:

«A posição é boa. O signal affirmativo feito com a mão direita estendida no espaço é uma feliz allusão á facilidade que teve sempre o snr. Billault em acceitar os governos de toda a especie e de todos os programmas com tanto que o fizessem a elle ministro.»

(Abro este parenthesis para lhes dizer que não fiquem a matutar no modo porque uma estatua póde fazer um gesto affirmativo com a dextra arremettida para o espaço. Lá na minha terra ninguem faz o gesto affirmativo ou negativo senão rebolindo com alguma parte do corpo. Eu estou com ideias de ir um d'estes dias a Lyon estudar o modo porque se faz o gesto affirmativo *com a mão immovel estendida no espaço,* no caso de que o governo, sempre solícito em averiguar o que ha de bom e de util cá por fóra, me não preceda n'este scientifico intuito mandando lá algum dos seus commissionados com o competente achego da libra diaria.)

No dia do enterro do doutor Véron um outro periodico escreveu:

«O doutor Véron, fallecido ha tres dias, foi um homem de muita sorte. A primeira fortuna que teve *(notem o synthetico d'esta fórmula!)* foi a de ser honrado sem trabalhar para isso. O epitaphio do doutor Véron póde resumir-se n'isto:

«AQUI JAZ VÉRON

«JANTAVA-SE BEM EM CASA D'ELLE.»

Pelo que deixo dito, supponho que podem já fazer ideia do que está sendo o necrologio.

Passemos ao doutor.

Véron foi por muito tempo em França o que se chama aqui *tête de turc*. Era na cabeça d'elle que todos os novos athletas da imprensa experimentavam o rigor do pulso para a polemica insultuosa e desbragada.

Em todos os paizes se encontram homens notaveis que parece terem nascido com esta signa desgraçada. Uns affrontam corajosamente esse rigor do destino, outros succumbem ás primeiras provações d'essa terrivel lucta em que a victima, por cumulo de supplicio, tem de manter o sorriso nos labios emquanto intimamente se lhe despedaça o coração!

Em Pariz, Scribe e o barão Gros foram «cabeças de turco» assim como o doutor Véron. Seri-

be, a quem as injurias da imprensa magoavam profundamente, deixou-se flagellar sem soltar um só gemido. O barão Gros, ao lêr em um dia mais anuviado e mais triste uma parvoiçada insolente de um d'esses inimigos anonymos que muitas vezes nos esperam com pedras e lama por detraz dos muros, nas encrusilhadas da imprensa, suicidou-se. As perturbações do chiqueiro em que se retorça o vulgo abjecto de certos bacorinhos litterarios produzem algumas vezes d'estes resultados fataes.

Em Portugal, as victimas mais illustres e as mais valentes da ironia mal creada e do descambo grosseiro, foram, em meus dias, Rodrigo da Fonseca Magalhães e Antonio Rodrigues Sampayo; —um d'elles, pela medida da sua capacidade intellectual, o primeiro homem de estado; o outro, o primeiro dos periodistas portuguezes contemporaneos. Tinham ambos a força muscular e a estatura agigantada que permittem oppôr o sorriso do escarneo á ferocidade tempestuosa da plebe desbocada.

Dizem ainda assim que Rodrigo da Fonseca se queixára uma vez de que tanta gente lhe chamasse *Raposa,* e que manifestára tenção de mandar cortar meio palmo ás abas de certo casaco que os periodistas da opposição tinham convertido n'uma legenda. Era um symptoma do entibiamento da sua energia, arrefecida pela aproximação do tumulo: pouco tempo depois o typo mas perfeita-

mente tribunicio que ainda sustentou em Portugal uma pasta e um partido, deixava devoluto, Deus sabe até quando, o eminente logar que occupára na tribuna parlamentar.

Antonio Rodrigues Sampayo é o Methridates da injuria, está á prova dos insultos assim como o outro á prova dos toxicos. Ha uns sugeitos em quem o celebre redactor da *Revolução de Setembro* não pensa nunca senão quando lê ou quando escreve: são aquelles que escrevem d'elle, e aquelles de quem elle escreve.

Os acerbos rancores d'este polemista despegam-se-lhe do animo com a penna que elle deixa no tinteiro; o homem que acabou de verberar até á dilaceração os seus inimigos politicos, não é, depois do combate, senão um conversador indulgente e desaffectado, e um enthusiasta sincero de tudo quanto é verdadeiramente nobre e verdadeiramente bello.

No Porto tem sido cabeça de turco em varias occasiões o escriptor Arnaldo Gama: cabeça de turco poeta, cabeça de turco romancista, cabeça de turco philologo, cabeça de turco politico, e até cabeça de turco enfermo!

A proposito de poucos homens de merecimento se terão escripto na sua propria terra, onde taes homens são poucos, tantas satyras dissaboridas e tantas parvidades com pretensões maliciosas. Arnaldo Gama, que é um espirito de elevado merito e uma alma de verdadeiro litterato no me-

lhor sentido d'esta bella palavra, nunca soube os nomes dos seus detractores, e de todas as tolices ruins de que tem sido alvo este laborioso e honrado escriptor uma só pessoa se tem rido sempre. Essa pessoa é elle.

Conheci um outro cabeça de turco, o qual teve apenas tempo de atravessar rapidamente a sociedade portuense. Era um moço melancolico e pensativo. Tinha sido barbeiro, e havia consagrado ao estudo os ocios provenientes das pausas que existiam entre o fluxo e o refluxo dos freguezes na sua loja. Estudou séria e afincadamente por muitos annos, e publicou finalmente uns versos a que não faltava inspiração nem elegancia litteraria. De toda a parte principiaram então a perguntar-lhe pelo rebôlo e pela navalha, lembrando-lhe que o cavaquinho convinha mais do que a lyra para os desafogos de gente da sua estofa.

Um dia o triste poeta, tão malaventuradamente estreado para a consideração pública, achou-se em uma roda de rapazes de espirito, capitaneados, para terror dos burguezes e dos parvalheiras, pelos inigualaveis folhetinistas d'esse tempo Camillo Castello Branco e Ricardo Guimarães. Fallou-se das allusões plebeias de que era victima a sua musa. Elle exclamou então melancolicamente:

—Vejo que é escusada a lucta. Na terra dos barões barbeiros é imperdoavel ser barbeiro litterato.

Poucos dias depois partia o desconsolado ra-

paz a bordo de um navio de véla para o Rio de Janeiro, e nunca mais me fallaram d'elle.

Precisam de ter uma organisação privilegiada, grande força d'animo, muita superioridade de espirito e perfeita tranquillidade de consciencia os homens que affrontam sorrindo a paixão do público, a antipathia da plebe, os impetos da inveja, da cólera e do escarneo. A provação do «ridiculo» é uma das mais decisivas a que se póde sujeitar um homem. Os que não succumbem diante d'elle poderão ser tudo menos varões vulgares, menos almas fracas. São esses talvez os unicos que, depois d'essas terriveis luctas, tanto mais portentosas quanto mais obscuras e mais inglorias, poderão ter direito de serem acreditados quando nos disserem:

Non me agitant populi fasces aut purpura regum.

Eu não cheguei a conhecer Véron, mas tenho convivido com intimos amigos d'elle, dos quaes tenho as informações que vou dar-lhes.

Véron era effectivamente um dos primeiros comilões da Europa.

Ao maestro Auber, amigo particular do finado, ouvi eu contar que o doutor apostára um dia que comeria, em um restaurante de tres francos o jantar, cem francos de comida.

No restaurante não havia acepipes de preço,

e o vinho e a sobremesa não entravam na conta da aposta.

Véron foi accumulando em volta de si a comida sufficiente para preencher a somma ajustada, fazendo generosamente sobresahir os bifes, as costeletas e quanto havia de mais succulento e pesado. E finalmente...

—Rebentou?

—Não! ganhou a aposta.

Os jantares do doutor Véron eram notaveis em Pariz. A cosinheira d'elle, a celebre Sophia, é tão conhecida como o proprio doutor.

Os grandes cafés e restaurantes do *boulevard* solicitam-a agora com o maior empenho. Tem já offertas magnificas. Consta que no enterro de Véron, Emilio de Girardin dissera na igreja a esta celebridade culinaria: «Ouça o meu conselho, Sophia, estabeleça-se por sua conta. Eu dou-lhe o capital preciso e fico associado nos lucros. Se se resolver não falle a mais ninguem.»

Isto de ser um comilão, o que era monstruoso nos tempos azues e siderios da poesia lamartiniana, é hoje um titulo da consideração mais subida.

Um homem que saiba comer reconheceu-se a final que era tão raro e tão precioso como um homem que saiba pensar. O doutor Veron era um d'esses homens verdadeiramente fortes que teem a energia precisa para repetir a significativa phrase:

À la mort et allons dîner.

As listas dos grandes jantares não se confiam hoje senão da capacidade das grandes summidades.

No *Café da Opera* temos o *menu* do barão *Brisse*. Na *Maison d'Or* ha uma vez por semana um *menu* de Alexandre Dumas.

Eu já devorei com grande prazer estomacal um barão Brisse e um Dumas...

Não é por espirito de classe, mas, com a mão no estomago o declaro, que me soube melhor o Dumas.

Coisa notavel: Brisse, que não é litterato, dá-se mais ás florinhas do stylo e arranja melhor os titulos dos accipipes; Dumas — quem tal diria de um dos primeiros stylistas contemporaneos! — despresa as frivolidades da nomenclatura, e eleva-se nas azas de Brillat Savarin á pura esphera das mais altas combinações culinarias.

Ahi vai, por exemplo, um prato do barão Brisse:

La bisque d'écrevisses de Vaucluse aux soupires de Laure.

Titulo afinado nas melhores regiões do lyrismo petrarchiano, e uma sopa mediocre.

Tomem lá agora um bocado de Dumas:

Le faisan truffé à la purée de bécasses...

Eu ainda agora lambo os beiços ao escrever esse modesto titulo, que encerra um poema! Dumas jantado é para melhor do que Dumas representado e Dumas lido...

E' bem melhor comel-o que estudal-o,
Mas leia-o quem não póde mastigal-o...

Não, leitor amigo, não posso continuar. Despega-se a penna da mão e puxa por mim o corpo para a *Maison Dorée*.

Cá o tenho assente no meu canhenho: é hoje o teu sancto dia, meu incomparavel Dumas!

Fica-te para ahi, Véron! Dizes tu n'um dos teus livros que escrevias mal e que eras feio...

Basofia! eu sei por alguem de bom gosto, que te conheceu de perto, que tu eras horrivel. Tinhas um hymalaia de barrigas desde os joelhos até aos refegos do pescoço. Custava-te a fallar e a andar em jejum, e não andavas nem fallavas de todo em todo depois de ter jantado. Bem hajas tu! *Toute parole est un mensonge*. O bife é do homem e a palavra é de Deus! Viveste a comer, e foi do resultado de horriveis enfartamentos do estomago que o doutor Ricord te curou por ultimo... Te curou—sim, bem digo, por que a sciencia reconheceu que para o teu mal só havia cura mandando-te para o mundo onde a gente não sabe o que terá para a ceia. Se ha restaurante na lagôa Stygia, ai de quem ahi passou depois de ti, que estou que nem um esburgado osso lá ficou para atirar por engodo ás fauces do cão Cerbero!

Adeus! tres vezes adeus, ó pacifico gigante, que tão moderadamente empregaste na terra o teu poder immenso, recolhendo alfim no tumulo a crise

alimenticia que tinhas nas entranhas e com a qual poderias muito bem ter desgraçado os povos se um dia te lembras de a passear pelo mundo como anjo exterminador das casas de pasto.

Saudando a tua gorda memoria, eu não podia deixar de lhe jantar bem em cima.

Eia pois! *À la Maison Dorée!* Appetite morto, appetite posto! *Véron est mort, vive Véron!*

JANTARES E JANTANTES

Quem nunca viveu em Pariz ignora o que é comer; comer é a primeira das coisas que se aprende na capital da Europa; Pariz domina o mundo pelo jantar; o jantar de Pariz é o primeiro jantar do orbe.

Et c'est par des diners qu'on gouverne les hommes.

A influencia do jantar no caracter do individuo e por conseguinte no futuro das nações é um ponto de politica que ainda se não estudou bastante. E é pena.

Ninguem desconhece quanto o chá e a cerveja contribuem para augmentar o pêso da melancolia do povo inglez, cujo principal alimento é a batata.

Os francezes que tomam café em cima das comidas mais variadas e mais leves, são alegres e vivos.

Os hispanhoes, que não bebem senão chocolate e vinho e que temperam tudo a colorau, são violentos, arrebatados, impetuosos.

Os italianos, que comem nata e macarrão e bebem vinhos adocicados, são voluveis e inconstantes.

Os portuguezes são indolentes, pezados, mas persistentes, perseverantes, fieis e generosos; taes são as principaes qualidades que fazem o seu elogio. É um paiz onde o *menu* do banquete de um burguez ainda hoje se cifra em tres palavras: sopa, vacca e arroz. Napoleão dizia que com soldados portuguezes daria a volta do mundo. Os homens, cuja dureza tanto admirava o primeiro guerreiro dos tempos modernos, tinham-se creado com o mais rijo dos alimentos — a borôa.

Entre os portuguezes são os minhotos os homens que primeiro pegam em armas e sustentam a guerra ao primeiro indicio de oppressão com que os ameacem. Se estudarmos a razão d'este forte sentimento de independencia na gente do Minho, encontramol-a na saudavel frugalidade nacional do caldo d'unto e do vinho verde.

Eu creio tanto na influencia dos maus jantares como na das más companhias na indole dos individuos, e adopto para mim esta sentença:

«Dize-me o que comes, dir-te-hei as manhas que tens.»

Lord Byron, posto no regime da tremenda dos frades bernardos, Byron mantido a fatias de toucinho chorumento e mole, não escrevia por certo o *D. Juan* nem morreria batendo-se pela liberdade dos gregos.

Hernani, o bandido, sabendo-lhe a bôca a cebola ou a alho, não diria nunca a D. Sol aquelle esplendido verso em que Victor Hugo resume toda a felicidade que a paixão nos póde dar na terra: — *Qu'il est doux — D'aimer et de savoir qu'on vous aime à genoux!*

Dasafio um homem sustentado a pão e agua a encontrar uma palavra para dirigir a uma mulher de hombros nus durante uma quadrilha.

O sugeito que acabou de comer bacalhau assado com dente d'alho esquece, durante o prazo da digestão pelo menos, como é que um homem se inclina para poisar os beiços sobre os dedos delicados de uma senhora.

O provinciano mais lapuz, depois de concluir o seu jantar com um calix de Tokai e um creme gelado com perfume de baunilha, comprehende depois d'isso o consolo de se lavar em vinagre de ananazes, de deitar no lenço uma gôta de frangipana, de fixar os cabellos com pomada á imperial, de pôr brilhantina no bigode e de conversar de cousas delicadas.

O mais incomprehensivel amor d'este mundo

seria o de uma mulher que jantasse um prato de *mock-turtle,* uma perdiz com tubaras e um creme de flôres de laranja, e o de um homem que se escusasse de a acompanhar, respondendo-lhe:

—Perdão, eu acabo de comer salpicão frito com ovos.

Foi aqui julgado ultimamente um rapaz da melhor sociedade, accusado pela policia de haver quebrado em uma das noites passadas todas as cadeiras que encontrou no boulevard dos Italianos. O advogado da defesa explicou e attenuou esta destruição dizendo que o seu cliente estava profundamente namorado e que soffrera um desgosto d'amor no dia em que destemperára com as cadeiras do *trotoir*. O tribunal porém condemnou-o. Se eu fosse advogado do réo, creio que teria influido muito mais profundamente na benignidade do jury, se, em vez de derivar a defesa de uma fragilidade de coração, me contentasse apenas com dizer o seguinte:

«Senhores, no dia do crime que se lhe imputa, o réo tinha comido paio de Bayona com salada de anxovas e mostarda, e havia misturado tres vinhos.»

Chamam alguns materialismo a este apreço dado por outros a um bom jantar, como se para ser espiritualista fosse absolutamente preciso jantar-se mal ou riscar inteiramente o jantar das funcções da vida!

Epicurismo! epicurismo! gritam os sugeitos

reduzidos ás praticas estoicas pelas dyspepsias agudas, como se esse bom Epicuro, que explicava ingenuamente uma philosophia, que não era a peior do seu tempo, ao múrmuro das limpidas fontes e entre as fragancias dos jardins athenienses, como se o inspirador do suavissimo Lucrecio tivesse alguma culpa, elle, que sempre evangelisou a alliança da felicidade e da virtude, nos apupos de que foram ecco Petronio e Horacio, muito mais grosseiros que elle, e na adulteração por que passou a sua doutrina na côrte de Luiz XIV e na de Carlos II, na Inglaterra, muito mais devassa esta do que a da Regencia em Pariz, a qual se não perverteu com as indigestões tomadas em casa de Filippe d'Orleans, mas sim em resultado necessario do misero estado em que deixou a França esse parlapatão, que deveu á complacencia de poetas aduladores o figurar ainda hoje, na historia d'outiva, como alguns a escrevem, a par de Pericles e d'Augusto.

« Andai, meus insipidarrões! Maldizei, injuriai aquelles que elogiam aquillo de que mais gostaes ou de que mais gostarieis se o provasseis, mas aprendei primeiro, e dizei-o depois em termos em que vos entenda a gente limpa.

Eu prefiro ás declamações hypocritas d'estes farricôcos do estomago a sinceridade com que Ninon de Lenclos escrevia a Saint-Evremond, ausente em Londres, as seguintes linhas:

«Não imagina, meu querido, o desejo que ás vezes tenho de ir jantar uma vez comsigo.

«É grosseiro o desejo de um jantar, mas, apesar das grandes vantagens que o espirito tem sobre a materia, o corpo tambem nos fornece ás vezes uns pequenos prazeres que se reiteram e que desanuviam a alma de reflexões bem tristes!»

Pariz offerece aos seus habitantes jantares de todo o genero e de todo o preço, e todos elles bons, á excepção dos poucos em que se logram os estrangeiros offerecendo-lhes por tres francos o que se não compra por menos de vinte. O ultimo *gargot* prende-se ao primeiro restaurante por uma cadeia de perfeições e de especialidades culinarias.

Cada um póde jantar com o que tiver na algibeira. Os que não têem nada nem sempre são os que jantam peior. São porém esses os que jantam mais barato. Não ha calculo possivel para a somma que dispendem os que jantam mais caro.

Villemessant, o celebre redactor do *Figaro,* que chegou a Pariz com trezentos francos no bolso, e que depois de crear varios periodicosinhos, conseguiu finalmente enriquecer no commercio da imprensa, deu uma vez um jantar, em que pagou quinhentos francos só de vélas de stearina.

Um conde, cujo nome figura entre o da mocidade mais aristocratica de Portugal, gastou aqui cerca de cem mil francos em um só jantar que deu aos socios do *Jockei Club.*

Em um dos immensos banquetes de Roger de Beauvoir, seis convivas, cujos nomes eu podia citar, agremiados a um recanto da sala, beberam, só á sua parte, quarenta garrafas de Champagne.

Roger de Beauvoir foi um dos ultimos *soupeurs* de Pariz. Os *petits-crêvés* e os *petits-abrutis*, que hoje substituiram no mundo elegante os homens que se chamavam *leões* no tempo de Luiz Filippe, nem para isso prestam.

Um chronista coevo escreveu de Roger de Beauvoir que elle bebera em sua vida mais Champagne que o necessario para pôr a nado uma nau.

De Beauvoir, que atirou pelas janellas fóra uma fortuna immensa despejando tanto espirito, tanta graça e tanto talento como vinho, e fazendo espumar tudo isso juntamente em ondas scintillantes nos seus banquetes olympicos, esse elegantissimo estroina, que escrevia com tanta facilidade como bebia, e que arriscava a sua vida por um melindre de cavalheirismo assim como a sua fortuna por um capricho de rapaz á moda; Roger de Beauvoir, digo, é um homem de quem não é licito pronunciar o nome sem fallar d'elle um momento. Deixem-me citar-lhes pelo menos os dois versos em que o retratou o finissimo pincel de madame de Girardin:

Ce poëte dandy, ce heros de boudoirs,
C'est Alfred de Musset avec des cheveux noirs.

Uma das faces mais originaes de Roger de Beauvoir é a energia petulante com que elle acceitou perante os que o conheciam o seu papel de marido atraiçoado, papel que todavia continuará a ser ridiculo até o dia em que a sociedade reconhecer que a honra é uma propriedade como outra qualquer, e que, roubado esse patrimonio, o desprêso, como punição do delicto, deve cahir não no que soffreu, mas sim no que perpetrou o roubo. Seria em verdade extranho que o marido roubado por sua mulher nos titulos das suas propriedades se contentasse com dizer-lhe ao encontrar vasia a sua gaveta: — «Como não tenho de comer vou pedir esmola, rogando-lhe préviamente o obsequio de me pôr um signal para que todos se riam de mim de porta em porta.»

E no entanto isto, que seria absurdo com o valor do dinheiro, é justamente o que se dá com o valor da honra.

No drama dos infortunios domesticos de Roger de Beauvoir a parte de victima coube ao amante e não ao marido. O depositario clandestino dos suspiros de madame de Beauvoir pagou a preferencia que teve sobre o proprietario legitimo com frequentes humilhações cada qual mais comica.

Ahi vai uma:

Um dia achando-se Roger com varios amigos no *bois de Boulogne,* passou por elles uma carroagem em que passeava a senhora de Beauvoir ao lado do escravo dos seus encantos. Roger fa-

zendo parar o trem com um signal que fez ao cocheiro e que valia uma esportula de cinco luizes, aproximou-se com um dos sugeitos que o acompanhavam, da portinhola da carroagem, e fez-lhe a seguinte apresentação: — «Madame de Beauvoir, minha mulher; o snr. Fulano de tal, seu amante.»

O infeliz amador da esposa despresada enguliu entre um côro de risadas a ultima das ternuras que se propunha expectorar aos pés da sua Heloisa de refugo.

É á narração de Villemessant, que ultimamente consagrou algumas paginas interessantissimas á memoria ruidosa e irrequieta de Beauvoir e dos seus esforçados companheiros de mesa, que eu devo as importantes informações que lhes transmitto d'esses alegres e corajosos *viveurs* quasi todos fallecidos hoje em dolorosa agonia de fadiga e de tedio de uma existencia cavalheirosa, tão grande em rasgos de heroismo como em erros de mocidade.

Uma noite, diz Villemessant que, ceando elles em um café, se lhes apresentou, para se bater a vinho com qualquer d'elles, um inglez, cujo nariz, segundo a expressiva phrase de Gavarni, denotava ter consumido rios de dinheiro para desfructar a côr que tinha.

Brifaut, o espirituoso chronista de quasi todos os periodicos bem redigidos do seu tempo, prohibido pelos medicos de beber e assistindo á ceia dos seus amigos como Tantalo ao supplicio,

foi o convivа que se ergueu e respondeu ao athleta britanico:

—Milord, eu estou fóra da fileira ha tres semanas, mas desde o momento em que se tracta da honra da França não hesito em empunhar as armas.

E voltando-se para o criado do café, accrescentou com um gesto de magestade titanica que fez enfiar todos os circumstantes:

—Doze garrafas de Champagne de primeira marca.

Ao fim da umdecima garrafa o inglez obrigado pelas leis do combate a beber consecutivamente copo sobre copo, estava debaixo da mesa.

—A ultima das garrafas que restava da duzia—disse Brifaut—bebia-a eu só em despique da derrota que soffremos em Waterloo.

Bouffé, director do theatro de Vaudeville, onde por esse tempo se representava então com grande lucro d'elle a *Dame aux Camellias,* era um dos membros da pleiade a cuja frente se achava Roger de Beauvoir.

Bouffé era exigentissimo em pontos de golodice, e ninguem conhecia como elle o prato especial de cada casa de pasto de Pariz.

Conta-se que a primeira vez que elle jantou no *Moulin Rouge,* o proprietario do estabelecimento, sabendo a casta d'hospede que lhe fazia a honra de se sentar ás suas mesas, promettendo-lhe a independencia com a sua protecção durante tres

mezes, ostentou diante d'elle quantos acepipes possuia na copa e na cosinha.

Bouffé, depois d'elle ter concluido a vistosa exposição dos seus pratos, fitou n'elle serenamente os olhos, e disse-lhe com a solemnidade dos prophetas, a cuja voz cahiam as cidades condemnadas:

—Senhor! sou a dizer que nunca me fascinaram nem me fascinarão jámais as falsas pompas de um charlatanismo sempre descabido em pontos d'arte, e maximè em materia de tão grande monta como aquella que na occasião presente se acha sujeita á minha apreciação e exame. Um só prato basta para fazer a gloria eterna de um homem. Um homem que fizesse bem dois pratos seria grande de mais para tão pequeno mundo como este em que habitamos. Se tal homem existisse, as gerações tel-o-iam presentido durante os ultimos seculos pelas convulsões geologicas do globo, violentamente abalado pela trabalhosa gestação do prodigio. Quando eu quero comer um coelho ensopado sei que é d'aqui vinte leguas que se sabe ensopar coelho; pego na mala, vou-me lá, como-o, e retiro-me. Com a caldeirada de peixe faço o mesmo, *et sic de caeteris*. Ora pois, traz-me a sua casa o intuito de comer o acepipe intitulado *suprème de volaille*. Haverá por bem dar-me *suprème* e nada mais que seja. Assim o tenha entendido e se apresse a fazer executar.

O prazer de jantar no restaurante, prazer tão

pouco apreciado em Portugal, foi muito bem pintado pelo doutor Véron em uma carta dirigida por elle a Alberic Second.

«Foi de certo o estomago do homem — disse o celebre burguez — quem inventou o aphorismo: *qui va piano va sano, qui va sano va lontano.* Ora em nossa casa, á hora fixa, está a sôpa na mesa, está a sobremesa nos pratos, sahe o assado do espeto... Os criados, para jantarem á sua vontade, servem-nos com a velocidade de um trem expresso; não servem, abafam a gente! No restaurante é outro o caso. No restaurante espera-se. Louvores a Deus, que se póde esperar no restaurante! Eu nunca deixo de dizer aos criados:—«Vão lá servindo os outros e importem-se pouco commigo! eu gosto de esperar e é para esperar que venho jantar aqui.»—Além d'isso no restaurante a porta abre-se a cada passo, e é o imprevisto que entra: é um conhecido; é um collega; é um amigo! Veem as perguntas, veem as recordações; conversa-se, ri-se: não é o estomago, é o espirito que está á mesa. Fervem os bons ditos, surgem as reminiscencias alegres... e janta um homem sem dar por isso. D'uma assentada só jantou-se e digeriu-se. Só as giboias é que fazem gosto em digerir! Eis, meu querido e amavel philosopho, a razão porque eu vivo na minha terra como um inglez ou um russo celibatario, e atravessando Pariz como um viajante.»

A maior parte dos parisienses vivem como o

doutor Véron: o jantar para elles é mais do que uma refeição, é principalmente um divertimento. O jantar é em Pariz o prazo dado para a reunião dos amigos, que o trabalho separa durante o dia. É ao jantar que se descansa o corpo e se retempera o espirito e o coração; é ao jantar que se conversa, ao jantar que se discute, ao jantar que se aprende, ao jantar que se ama. Ha *dîner en ville, dîner en compagnie, dîner en partie fine, dîner en tête-à-tête, dîner en famille;* e a cada um d'esses modos de jantar corresponde um prazer especial.

Uma das poucas coisas verdadeiramente uteis que Deus nos permitte gosar n'este mundo é jantar a uma mesa de litteratos ou d'artistas parisienses *Chez Paschal-Philippe;* na *Maison Dorée;* na casa *Brébant-Vachette,* no *boulevard des Italiens;* no café de *Peters,* na *Passage des Princes,* ou no *Café Riche,* á esquina da rua Lepeletier.

Desdobra-se o espirito com os guardanapos que se estendem nos joelhos. Arriba com a alegria! álerta a intelligencia! ouvido attento! ôlho vivo! resposta prompta! réplica instantanea! aqui a conversa é como os consoantes em certo jogo de prendas: quando me chegar a minha vez ou fallo ou estou perdido. Falla-se de tudo, das mulheres, do amor, da familia, das artes, da poesia, da politica, da religião; discute-se tudo, contesta-se tudo, ri-se de tudo. Não importa ser-se verdadeiro nem justo, basta ser-se original, inespe-

rado, imprevisto, novo, paradoxal, impossivel. Não é preciso ter razão, é sufficiente *avoir le trait*. No espiritual *avoir le trait* é como no physico *avoir la ligne:* o elogio de uns certos attractivos da elegancia e da moda mais faceis de perceber que de definir. *Avoir le ligne* é ser um elegante, *avoir le trait* é ser um homem de espirito. A independencia do juizo, a isenção do pensamento, a agudeza da réplica e o relevo da palavra, elevados á perfeição, constituem *le trait*. Este desgarre e affoiteza d'opinião, esta facilidade de contestação, este amor de combate, esta dissipação d'espirito, superficial mas saliente, nervoso e activissimo, é o elemento do eterno riso parisiense: uma risada que governa o mundo. A gargalhada de Pariz personificada chama-se Voltaire, Rabelais, Montaigne, Lesage, Beaumarchais ou Molière.

Debaixo das apparencias frivolas da convivencia parisiense está occulto um poder essencialmente reformador, a cuja influencia ninguem se exime uma vez que o experimente.

A gente tem ordinariamente na sua terra umas convicções de campanario, umas ideias de freguezia, que se recebem como a sombra de certas arvores de logradouro commum, que ninguem rega, que ninguem póda e das quaes ninguem se lembrou nunca de perguntar que madeira botam ou que fructo produzem. É sobre o peculio d'estas opiniões recebidas a modo de herança, como o chão para uma edificação, que nós architectamos o nosso

albergue moral, o systema que ha de regular a nossa vida, as nossas aspirações, o nosso futuro, a nossa felicidade.

Em Pariz, onde tudo se controverte, esses principios herdados, que são uma especie de ideias innatas dentro do circulo de certas zonas, apeiam-se da sua dignidade de axiomas, desarrodelam-se da protecção que lhes dava o nosso respeito, entram em exame com tudo mais e cahem derrocados, umas vezes para se alevantarem de novo mais firmes e mais solidos á luz da nossa razão, outras para se acabarem para sempre perante o nosso criterio. Uma palavra ouvida ahi em certa hora desfaz muitas vezes um erro que levou dez annos a medrar e a engrossar no nosso entendimento, e a face do nosso destino, movida por uma pequenina mola em que interiormente nos tocaram, revira-se entre uma colher de sôpa de camarões e um calix de vinho da Madeira.

Um dos jantares de Pariz que mais captiva a attenção dos estrangeiros é o do *Grand Hotel*. A sala de jantar do *Grand Hotel* tem a amplidão e a magestade de uma igreja. Á volta de seis enormes mesas, cobertas de uma esplendida baixella, servidas por um regimento de criados de gravata branca e calção curto, debaixo de tectos doirados e de milhões de lumes infinitamente reflectidos em cristaes formosissimos, reunem-se em cada noite centenares de viajantes, vindos de todos os pontos do globo á romagem da nova Meka. Eu jantei lá

uma vez entre um beduino e um turco, vestidos com os seus trajes nacionaes. Defronte de mim estavam tres alegres e palradoras hispanholas ladeadas de dois inglezes inteiriços e pausudos como dois postes d'eça funeraria.

A mesa do *Grand Hotel,* bem como a do *Hotel du Louvre* e a do *Café de la Paix,* é o *rendez-vous* ordinario dos abastados paes de familia e dos maridos ricos que viajam com as suas consortes, levando pelo braço a fidelidade conjugal e na bagagem as taboas da lei domestica. No *Grand Hotel* rega-se a virtude com um vinho de Hermitage, que é o mais saboroso nectar a que um chefe, de familia honesto póde sem peccado chegar os beiços ungidos pelo matrimonio para os prazeres immaculados e celestiaes.

A virtude aproveita sempre com estas immersões em liquidos de lei.

O abbade Fayet, que foi um grande bispo, apesar de se servir ao jantar de mais alguma coisa do que a vacca e o riso do nosso Bartholomeu dos Martyres e de beber alguns outros vinhos além do vinho d'Orleans, que dizem ser a unica bebida alcoolica na mesa do snr. Dupanloup, o abbade Fayet, dizemos, entendia não deshonrar a mitra respondendo aos que reparavam em elle beber Champagne: *A theologia precisa de ser demolhada.* [1]

[1] Este abbade Fayet era um poço de respostas

Áparte porém o Hermitage, que eu não podia deixar de especificar em escriptura tão séria como a que estou fazendo, os jantares do *Grand Hotel* nada offerecem que se particularise. É um jantar polyglotta reunindo em sancta harmonia todos os idiomas do universo e provando-nos assim que a torre de Babel deixaria de ser uma confusão se lá se jantasse bem.

Os jantares do *Grand Hotel* são de mesa redonda, e nenhum homem que verdadeiramente saiba comer se sujeita á brutalidade d'esse regime. Só os paladares plebeus e desentendidos é que supportam o *menu* imposto pela vontade do cosinheiro ou do director da copa.

A primeira condição de um bom jantar é haver sido o *menu* constituido segundo o temperamento, a indole, o gosto, o pensamento e o intuito do individuo que o come. Digam-me o que pediu para jantar em um restaurante bem servido um homem que saiba jantar, e eu vou-lhes dizer sem receio de errar muito o que elle pensou n'esse dia e o que projecta fazer n'essa noite.

agudas contra toda a advertencia maliciosa que se lhe fizesse. Não antipathisava absolutamente (parece impossivel!) com João Jacques Rousseau, e tinha na tampa da caixa do rapé uma preciosa miniatura representando o rotrato do philosopho. Notando-se-lhe esta prova de sympathia á pessoa do impio, Fayet respondeu:—«E' o unico modo por que o posso cheirar.»

O estado do coração, o estado do espirito, o estado do corpo dictam directamente a prescripção do jantar. O homem cansado não janta como o homem desfadigado, e o mesmo individuo come de um modo quando pensa, d'outro modo quando espera, d'outro quando estuda, d'outro quando falla, d'outro quando escreve, d'outro quando se diverte, d'outro quando ama.

O numero dos convivas é igualmente uma circumstancia importante para a especie do banquete.

Os jantares de numero impar são ordinariamente os mais ruidosos e alegres. Os jantares sentimentaes são sempre de numero par. O jantar de muitos pares produz quasi sempre a orgia.

Jules Janin, apreciando em um profundo estudo as sabias theorias de Brillat Savarin, diz que o jantar não deve ser de menos de seis nem de mais de nove. — «Pretendem alguns — accrescenta o illustre tractadista — que o numero dos convivas se póde elevar a doze, mas nós entendemos que é má conta: *numero Deus impari gaudet.*»

O jantar apparentemente mais simples é o jantar de dois. Mas o jantar de dois divide-se em tres especies distinctissimas: o jantar de um e um, o jantar de uma e uma, e o jantar de um e uma. Entre cada um d'elles ha um abysmo.

A pauta consagrada de todo o jantar é a seguinte:

Hors d'oeuvre froids
Potage
Relevés
Hors d'oeuvre chauds
Entrées
Rotis
Entremets
Dessert.

A sciencia consiste em encher devidamente cada uma d'essas casas, em achar entre ellas a *distincta,* como se diz no jogo, subordinando-lhe ajuizadamente as demais, segundo o numero e a qualidade dos convivas, attendendo principalmente á estreita correlação do prato e da garrafa, dos solidos e dos liquidos, não se equivocando nunca e precisando bem d'ante-mão o vinho que deve ter a primazia, segundo a indole do banquete, e o prato que pela sua qualidade o ha de demorar por mais tempo na mesa sem o prejudicar pelos antecedentes nem pelos subsequentes; tendo em vista que o successo do jantar, qualquer que seja o fim que o determina,—a amizade, a gratidão, o respeito, a especulação, a politica ou o amor,—está na distribuição sob todos os aspectos completa e perfeita do Chably, do Madeira, do Château-d'Issan, do Romannée, do Chambertin, do Rudsheimer, do Xerez, do Champagne, do Château-Laffitte, do Leóville-Poyféré, do Malaga e do Porto.

Nos grandes jantares convém as comidas mais

leves; os pratos succulentos são para os jantares pequenos: eu dispenso os *hors d'oeuvre* quando como só, e não admito o pastel de Chartres ou de Strasbourg senão em *tête-à-tête*.

Oh! o pastel de Chartres!... Este prato val só de si um volume. Eu vou consagrar-lhe, pelo menos, um paragrapho.

O pastel de Chartres é uma empada feita de carne de lebre, de perdiz e de gallinhola, desossadas, empastadas com tubaras em uma massa compacta, e mettidas dentro d'um delicioso folhado, redondo e alto como metade da copa d'um chapéo, e temperado com os succos mais substanciaes e appetitosos. Os portuguezes que desbaratam o seu patriotismo apregoando-nos a superioridade da succulenta abundancia da comida nacional sobre as leves exiguidades francezas, farão favor de me dizer que prato possuem por lá que se compare em solidez com este que deixo descripto e com muitos outros vulgarissimos, como são, por exemplo, a *galantine,* com meia libra da qual póde jantar uma familia, e o *foie gras,* que abarrota o melhor estomago com a pequena porção contida em tres colheres de sôpa.

No fim de contas a cosinha portugueza, tão decantada por bons engenhos, que eu muito venero, é como a dança portugueza e a musica portugueza: tres coisas que estão por crear.

As comidas usadas hoje em Portugal e não usadas em França são as que lá se comiam ha du-

zentos annos e que depois foram desterradas pela delicadeza do gosto ou pelos preceitos da hygiene.

Fallam-nos da orelheira com feijão branco! Mas, senhores, nada mais vulgar do que isso nos pequenos *gargots* de Pariz. A cabeça de porco come-se aqui por toda a parte e é velha e relha n'estas paragens a combinação dos feijões brancos, conhecidos pelo nome de *flageolets* em resultado d'uma figura, que Francisco Manoel do Nascimento teria muito gosto em explicar em uma das suas notas mais desabugachadas e que Agostinho de Macedo chochurrubiaria com agrado em uma das suas menos indecentes barafustas litterarias.

As proprias tripas portuenses, em cuja nacionalidade mais alguma fé eu tinha por se achar filiada a historia d'ellas á historia d'uma das expedições portuguezas para as conquistas do ultramar; as tripas portuenses, das quaes o meu antigo amigo Vieira de Castro, jantando uma vez commigo em uma casa do Porto, me dizia descriminando com uma colher de servir a sôpa o conteudo d'uma terrina posta entre os nossos talheres: —«isto é um jantar inteiro n'um tomo só: aqui temos sôpa, vacca, arroz, batatas, chouriços, gallinha, cenoiras, mão de boi e pé de porco... no fundo da terrina vem naturalmente o *entremet* e a sobremesa, um naco de podim de pão com passas, uma talhada de melancia e um marmello de calda para cada um»;—as tripas, digo eu, aqui se fazem tão realmente como na minha terra. E d'isto

dou parte áquelles dos meus patricios que desmedram em Pariz, extranhando os comeres. Na rua Mazagran, á esquina da rua de *L'Echiquier* ha uma taverna; á porta da taverna uma loisa; escripta na loisa com tinta branca a designação dos pratos do dia e o seu respectivo preço. Ora bem: quando na dita loisa encontrarem, entre um *civet* e uma *matelotte,* estas palavras—*tripe à la lyonnaise,* preparem o appetite e entrem á hora do jantar. Lambert Thiboust, o celebre author da *Corde sensible* e das *Filles de marbre,* um dos mais engraçados escriptores e um dos rapazes mais sinceramente bons que eu tenho conhecido, morava defronte de mim em Pariz e raramente deixava de ir comer á esquina da rua quando as tripas figuravam na lista dos manjares exposta na loisa a que me referi.

Logo me occuparei ainda do meu adoravel visinho, de cujo nome me não posso lembrar sem contar d'elle alguma coisa. A grandeza do meu assumpto assoberba por tal modo o meu espirito, mesquinhissimo para tão grande pêso, que eu mal sei ás vezes, querendo acudir a tudo, para que lado me vire.

Já que nos achamos aqui sempre lhes quero dizer que acolá, na outra esquina da rua de l'Echiquier é a *renomée* da *choucroute:* uma taverna allemã afamadissima por esse prato. Quem não comeu *choucroute* á esquina da rua de l'Echiquier, não póde dizer que sabe o que seja essa difficil

combinação de hortaliça com chouriço fresco e com fatias de paio, — acepipe tão grato aos conspicuos paladares germanicos. Ao sahirem da rua Mazagran têem ainda ahi no boulevard duas *renomées* notaveis: a da *brioche* e a da *galette*. É ahi que mora o *Père Coupe-toujours*, assim chamado porque leva effectivamente a vida a cortar. O *Père Coupe-toujours* fabrica uma incomparavel *galette*, bôlo de farinha e ovos, que é uma transição apreciabilissima entre as nossas filhozes e a arrufada de Coimbra.

A casa do *Père Coupe-toujours* é assignalada por uma porção de gente que ahi espera continuamente a sua vez de ser servida, emquanto elle emprega doze horas por dia atraz do seu balcão, com barrete branco na cabeça e faca em punho, cortando fatias de *galette*, que vende a um e dois *sous* cada uma. Está muito rico e recusou ha pouco a offerta de alguns contos de reis pela cedencia do seu balcão.

Mas voltemos á cosinha portugueza, emquanto nos espera o *paté de Chartres* de que eu vinha fallando.

Dizia eu que cosinha portugueza é coisa que não ha, e n'isso peço licença para insistir. Isto é uma questão de historia com quanto á primeira vista possa parecer simplesmente uma historia de cosinha.

A cosinha civilisada nasceu na Grecia, berço de todas as artes. O primeiro banquete razoavel de

que temos noticia é o de Achilles, descripto por Homero.

Constou de carne d'ovelha e de carne de porco. O nosso cosido data d'essa época, d'onde se vê que não é novo nem fomos nós que o inventamos.

Os romanos do tempo d'Augusto aperfeiçoaram muito a obra dos gregos e cosinharam todos os pratos possiveis n'esse tempo, desde os miolos do rouxinol até o javali assado inteiro. É notorio como Horacio bebia Phalerno, conhecem-se os esplendores da mesa de Lucullo e de Mecenas, e sabe-se que Marco Antonio dava perolas delidas a Cleopatra. Com o imperio romano decahiu a cosinha, que só tornou a ter uma importancia verdadeira no tempo de Luiz XIV e no reinado de Velat.

Foi para o sensual amante da Maintenon e da Montespan que se inventaram as bebidas preparadas com assucar e com perfumes, que nós designamos em portuguez pelo nome generico de licores. Varias outras lambarices foram consagradas a esse egoista egregio, que teria comido a França se podésse transformal-a n'uma empada.

Durante a regencia do duque d'Orleans, assignalada pelas maiores ceias de *lorettes* que tem visto o mundo, e logo depois, no reinado de Luiz XV, começou a cosinha franceza a merecer a voga universal que hoje tem, graças aos successivos e maravilhosos progressos por que tem passado, guiada

pela altenaria, pela horticultura, pela physica e pela chimica, elevadas ao maior estado de desenvolvimento e de perfeição.

A unica mesa portugueza que merece um logar na historia universal da gastronomia é a do rei D. Manoel, d'esse grande *viveur*, que nunca jantou sem musica e nunca se vestiu sem alguma peça nova no seu fato. As especiarias trazidas da India pelos nossos navegantes deram então á mesa do rei afortunado um cunho especial, que fez d'ella por algum tempo a primeira da Europa. Não ha dúvida nenhuma que essa primazia tivemos, mas perdemol-a como perdemos tudo ou quasi tudo quanto durante esse brilhante periodo das nossas navegações nos elevou á plana dos povos mais civilisados de todo o mundo.

Nas poesias de Sá de Miranda ha ainda uma singular nota culinaria, da qual se deprehende que em Portugal se conheceram e se comeram tubaras muito antes de se comerem batatas. Tambem perdemos as tubaras! Sá de Miranda diz na referencia a que alludo que não gostava d'ellas. Não admira. Esse alimento extremamente estimulante não podia de nenhum modo convir á indole parrana d'este escriptor. Estamos convencidos de que a tal respeito, como em muitas outras coisas, não era da opinião d'elle o seu contemporaneo Luiz de Camões. Camões, o leão, o elegante, o poeta apaixonado, o seductor das mulheres galantes do seu tempo, o duellista impávido, o soldado corajoso,

o navegante destemido, o Alfred de Musset e o lord Byron da sua época, comeu por certo tantas tubaras em Lisboa quantas hoje comem os principes em Pariz; e foi por isso talvez que elle se pôz ao par do que hoje se escreve de mais eloquente, de mais apaixonado e de mais arrebatador, deixando ficar para traz de si quantos poetas abatatados, toucinhudos e boroeiros lhe succederam até o visconde d'Almeida Garrett, o qual teve o bom juizo de emigrar com todos os rapazes de espirito do seu tempo e de se temperar com tubaras em Pariz antes de ir fazer versos em Portugal.

Emquanto ao pastel de Chartres digo eu que se quer comido em *tête-à-tête* e assim é. O pastel de Chartres é, como o nosso arroz doce, um prato de festasinha intima, sincera e sem-ceremonia: um prato de verdadeiros amigos como os presentes de pouco preço. O pastel de Chartres convida ao prazer da conversa, á alegria desaffectada, ás confidencias queridas.

O *tête-à-tête* de verdadeira amizade só existe entre um homem e uma mulher. A mulher é o amigo natural do homem. Dois homens raramente se estimam verdadeiramente. Ou occupam a mesma posição social ou não: se não estão em igual plana não se comprehendem no que dizem; se exercem a mesma missão na sociedade, sabem pouco mais ou menos d'antemão o que se podem dizer, e escutam-se com indifferença quando se não escutam com emulação ou com inveja. Ha além d'is-

so, umas certas considerações de orgulho, ou de vaidade, ou de resentimento, ou de desconfiança, que obstam sempre a que n'um ou n'outro ponto da nossa vida nos abramos completamente com o nosso amigo mais dedicado e mais intimo.

A uma mulher que nos estima inteiramente e que se nos assemelha, nas condições do espirito e nas qualidades do coração, conta-se tudo. Ella entende-nos melhor do que qualquer homem; releva-nos as maiores fraquezas e os maiores ridiculos que lhe confessemos; a posse do nosso segredo, quanto mais importante e mais intimo elle fôr, mais sagrado thesouro será para ella, lisongea-se infinitamente de o haver merecido, e morre mil vezes antes do que trahil-o; reprehende-nos com uma brandura delicadissima, que nem levemente desfalca a inteireza do seu affecto; aconselha-nos, sob a simples inspiração da sua bondade, com uma sensatez que nos maravilha e que nós temos depois d'agradecer-lhe sempre que a escutamos; descobre muitas vezes nos nossos planos o lado mau que nos passára despercebido; desvia-nos das paixões ruins com um rigor de meiguice que vence e subjuga principalmente as indoles varonis e os caracteres energicos; alenta-nos nos bons propositos, na virtude e no trabalho, com umas palavras que nenhum homem pensa e que nenhum homem saberia dizer quando as pensasse—condão que a mulher trouxe do eden, onde eu creio umas vezes que lh'o deram os anjos, outras que a serpente, segun-

dó os diversos usos que ella faz d'essa sobrenatural herança recebida em logar da força, a qual nos coube a nós; tendo na sua alma, desenvolvidas ou embryonarias as altas faculdades de mãe, de esposa e d'irmã, resume em si um sanctuario completo d'affeições, entrega-se-nos com toda a confiança da estima que lhe merecemos, e compartilha finalmente do modo mais absoluto a nossa felicidade ou o nosso infortunio, dando ás nossas esperanças e ás nossas decepções toda a sua alegria e todas as suas lagrimas.

No mez de dezembro e das seis para as sete horas, emquanto a neve branqueia os *boulevards* e o nordeste assobia pelas fendas das jelosias, a mesa posta para dois em uma d'estas pequeninas salas de jantar das casas de Pariz. Um tapete no chão, cortinas de lã corridas nas portas e nas janellas, um bom lume no *poële* de porcelana branca, e a mesa, entre duas cadeiras de braços, ao pé do lume; no meio da mesa um grande candieiro de boa luz, cujo disco se concentre no espaço do banquete; defronte da terrina um ramilhete de violetas, um prato com duas pêras, outro com duas laranjas de Potel et Chabot, e um pastel de Chartres, de Chevet ou de Vero-Dodat, entre uma garrafa de Sauterne bem cosido e uma garrafa de velho Chateau Laffitte. Com isto um bom appetite, uma boa saude e uma boa alma, e as vivas expansões d'uma mocidade honrada e d'um talento alegre, participadas e retribuidas por uma creatura

amavel, que nos ame um bocadinho e que se deixe amar, não d'esse amor descabellado e macilento que jejua d'encanzinado e que se deita a afogar de birra, mas d'um pequenito amor, desmalicioso e *bon enfant*, que não tem outra pretensão senão a de nos dar contentamento, e que será contente no dia em que souber que o esquecemos se a lembrança d'elle involuntariamente nos fazia desgraçados.

Dizem os que o experimentaram que é esse um dos melhores jantares e um dos mais deliciosos gôsos que se podem ter n'este valle de consumições e de miserias, onde o homem, a quem tão pouco falta ás vezes para não ser um desgraçado, se affinca tão frequentemente na tristeza dilacerante e corrosiva com um emperro e amúo de besta fera.

Accrescentam ainda que a memoria das horas que se viveram assim, é uma suave companhia na solitaria quadra das recordações, e que a gente, no inverno da vida, ao lume das suas lembranças, se deixa mais resignadamente envelhecer e inclinar para a cova lembrando-se que uma vez seguiu por entre os bosques em flôr, até o seu mysterioso ninho, a alegre visão da mocidade que um dia lhe passou á porta: pensando que nada melhor encontrou alguem no mundo, nem a nós mesmos se nos depararia igual segunda vez, embora a estrada da vida se nos prolongasse por mais trezentos annos debaixo dos pés fatigados e trôpegos.

No que levo dito dos jantares de dois me reporto ao testemunho de abalisadas authoridades, que eu de mim estou novo de mais para me recordar, e muito velho já para que a mim mesmo me dê a permissão de sentir ainda.

Mas que me não vá esquecer Lamber Thiboust, de quem prometti fallar-lhes.

Foi elle que deu origem ao celebre grito parisiense que por tanto tempo andou na bôca e nos ouvidos de toda a gente — *Ohé! Lambert!! Où donc est Lambert?*

É o author de muitas comedias popularissimas, representadas em quasi todos os theatros de Pariz, e principalmente no Palais Royal.

Era um rapaz alegre, despresumido e aberto, que ninguem conhecia sem que sympathisasse com elle. Tinha sempre o coração nas mãos, como se diz, e a bondade expressivamente escripta ná sua redonda e alegre physionomia. Fallava com toda a gente que conhecia e aproveitava todos os pretextos de conversar. A circumstancia de haver comprado um par de botas a um sapateiro era razão para ter conversado com elle durante meia hora, e para lhe dizer depois todas as vezes que o visse: *Eh! mon vieux! comment vont les affaires?*

Quando ia almoçar ao restaurante da esquina da rua de l'Echiquier, de que acima fallei, sahia de casa vestido como estava no quarto, de calças e jaqueta de veludo verde, os pés em chinelas de marroquim, as mãos nas algibeiras das calças e

a cabeça descoberta. Toda a gente vinha ás portas para o saudar com um amigavel sorriso, e elle tinha sempre um dito amavel para cada um. O fabricante da *tripe à la lyonnaise* devia-lhe a elle a sua freguezia e a grande reputação de que gosava o prato especial do seu *gargot*, cuja excellencia Thiboust acclamava por toda a parte com uma eloquencia de fazer vir agua á bôca do mais indifferente e fastiento sugeito.

Uma das suas principaes virtudes era a piedade filial.

Apesar de amar até ao delirio a vida airada do *boulevard* e de ser o que se chama em França *um homem de boas fortunas*, nunca deixou d'ir em certas épocas do anno passar alguns dias na provincia em casa de sua mãe. Contou-me Albert Wolff [1], o companheiro de Rochefort na redacção

[1] Albert Wolff era tambem meu visinho na rua Mazagran.

Uma vez, pagando eu a minha conta d'um mez á dona da *maison meublée* em que vivia, permitti-me observar-lhe que, tendo acabado a exposição, se me não figurava extremamente barato o preço de cinco francos por um quarto de dormir e uma pequenina sala de receber em uma rua como a Mazagran, cuja elegancia me parecia assaz contestavel.

— Pelo contrario — respondeu-me Madame Solichon — a rua é das habitadas pela melhor gente de Pariz e muito me admira que v., sendo um homem de lettras, não attenda a que teve defronte de si Lambert Thiboust, o au-

dos primeiros artigos do *Figaro,* que chegando um dia com Thiboust á estação do caminho de ferro

thor da *Corde sensible*, e que tem ainda ao seu lado Albert Wolff, a *fleur des délurés*, como lhe chama o snr. Veillot no seu livro dos *Cheiros de Pariz.*

Sem mais prologos fui immediatamente depois d'isto a casa do visinho que a minha boa sorte me deparára, a fim de examinar se elle tinha effectivamente o cheiro que lhe attribuira o sr.. Veillot.

Wolff, allemão como Henry Heine, é um d'esses parisienses que nascem por equivoco da natureza a mil leguas de distancia do muro do Octroi de Pariz, mas que o reconhecem como sua verdadeira e legitima patria depois que uma vez sentiram debaixo dos pés o asphalto dos *boulevards* e no pulmão o ar embalsamado pelo *bouquet imperial* das elegantes no *bois de Boulogne.*

É um dos principaes redactores do *Figaro,* o que immediatamente significa duas coisas: que é um dos homens mais espirituosos de França e que desfructa, pelo facto de escrever tres vezes por semana uma pequena chronica de Pariz, um ordenado superior ao dos mais altos funccionarios publicos em Portugal.

Wolff, que é um rapazão, novo, alto, cheio e sympathico, recebeu-me de braços abertos quando eu lhe disse ao que ia e porquê, obrigando-me a crêr que eram dados de graça os quartos de Madame Solichon emquanto ella tivesse a poucas portas de distancia um visinho d'aquelles.

Depois d'uma conferencia secreta, que durou duas horas e meia, passeavamos juntos no terraço do *Café Riche*, exactamente como se as minhas obscuras fibras tivessem tambem tido a honra de haver sido cheiradas pela critica do snr. Veillot.

Infelizmente porém para mim continuei a ser d'ahi por diante, como tinha sido até ahi... um homem sem cheiro.

da provincia d'elle, para virem juntos para Pariz, Lambert, emquanto esperava a sahida do trem, pediu papel e tinta e principiou a escrever uma carta em cima do balcão da mulher que vendia livros e periodicos na *gare*.

—A quem escreves?—perguntou-lhe Wolff.

—A minha mãe.

—Esqueceu-te alguma coisa em casa?

—Não, mas ella ficou tão triste por me vêr partir—coitada—que eu tinha remorsos se não aproveitasse este tempo que espero aqui para lhe dizer ainda outra vez adeus.

Nunca vi homem mais geralmente estimado do que Thiboust o é em Pariz. Desde a *Place du Chateau d'Eau* até o *boulevard des Capucines*, toda a gente o conhece, e não fallei n'elle a ninguem que não exclamasse ao ouvir o seu nome:

—*Oh! ce cher Thiboust! il était si bon!*

O sancto prazer de jantar com a familia, ou antes a ôcca e escura melancolia de não ter familia com quem jantar, pintou-a Thiboust como ninguem em uma comediasinha em um acto que elle escreveu para o *Gymnase*, onde eu a vi, e que é uma verdadeira obra prima, debaixo d'este singelo e sympathico titulo—*Je dîne chez ma mère*.

Imaginem que é em Pariz no dia d'anno bom.

O primeiro dia do anno representa em França a synthese de todas as festas que nós celebra-

mos pelo anno todo: o amoravel recolhimento do Natal, as congratulações da Paschoa, as comezanas do Entrudo e as prendas do S. Miguel.

Sophie Arnould, a celebre actriz, rodeada de todos os cómmodos da vida, entre a sumptuosidade e a elegancia prodigalisadas á sua belleza e ao seu espirito pela generosidade ostentosa dos seus admiradores, tinha recebido desde pela manhã os mais custosos ramilhetes de camelias, centenares de bilhetes de visita transmittindo-lhe os nomes que representavam n'esse tempo a mais elegante e a mais dissipadora mocidade de Pariz, e juntamente com os bilhetes e com as flôres quasi outros tantos brilhantes engastados em braceletes, em collares e em aneis.

E no emtanto a intelligente rapariga está pensativa, melancolica, triste, d'essa vaga mas profunda tristeza que se não consola porque se não define. Ouve nas ruas a estridente e sincera alegria do povo, vê no *boulevard* as barracas dos mercadores ambulantes de bôlos, de bonecos e de cartonagens com amendoas, e em volta d'ellas os feirantes, para os quaes cada objecto comprado representa uma affeição de familia, uma velha mãe que se venera, uma irmã que se estima, um filho que se estremece. Todas as familias de Pariz se reuniram já ou hão de reunir-se antes de terminar o dia para o celebrarem no doce contentamento domestico.

Só ella está só, só no meio dos esplendores

do seu luxo como um defuncto rico entre as pompas da sua eça.

—Alguem virá visitar-me tambem — pensa ella, mandando pôr dois talheres na sua mesa de jantar.

Vem de feito vêl-a um nobre e corajoso rapaz que a adora; é rico, é solteiro, é capitão no exercito; offerece-lhe de presente uma parelha de cavallos; vem beijar-lhe apaixonadamente as mãos; vai bater-se em duello por causa d'ella no dia immediato. Não poderá recusar-se tal homem a fazer-lhe companhia ao jantar no primeiro dia do anno.

—Não, Sophia, não posso; espera-me hoje minha mãe para me ter comsigo.

—Diga-lhe que não póde ir.

—Mas posso.

—Diga-lhe que está doente.

—Não estou.

—Finalmente, não vá.

—Hei de ir. Olhe, Sophia, minha mãe é uma senhora de sessenta annos; tem o cabello branco, a estatura elevada, os beiços finos, o ar severo; escreve-me duas vezes por anno convidando-me para jantar: uma vez na vespera dos seus annos, outra no dia d'anno bom. É a unica prova d'amor e de respeito filial que ella me pede. Hei de dar-lh'a. Em toda a minha vida obedecerei sem a menor falta ao seu convite até que ella deixe de fazer-m'o quando se lhe fecharem para sempre os olhos

que me contemplavam com o mais vivo estremecimento do mundo no tempo em que me acalentava no seio. Hei de ir, Sophia; hei de ir jantar com minha mãe n'este dia; em qualquer situação e em qualquer parte do mundo que eu me ache, hei de ir, embora para lhe dar essa prova de obediencia e de respeito eu tenha de esmagar no meu coração as mais queridas das minhas affeições; embora finalmente tenha de lhe sacrificar n'uma hora a felicidade de toda a minha vida. Magôa-me que depois d'isto insista ainda. Não tenho outras razões para persuadil-a. Se não comprehende o valor das que lhe dei, lamento-a.

—Eu quero persuadir-me unicamente do amor que me jurou. O sacrificio do dinheiro significa a dissipação, o sacrificio da vida significa o valor ou o orgulho; o amor só verdadeiramente se manifesta pela subordinação de todos os outros affectos.

—Eu amo-a, e sacrifico-lhe tudo, tudo, menos o respeito a minha mãe.

—Quer dizer que me restitue o direito de proceder como me aprouver. Uso da liberdade que reconquisto convidando para jantar o homem com quem o capitão vai bater-se amanhã.

O fidalgo domina agora um movimento de despeito e de rancor, que mal lhe assoma aos labios n'um sorriso já disfarçado em desprêso; mede-a em seguida com um relance de vista em que lampeja a inabalavel soberania da vontade, mette na cabeça o seu tricorne militar e responde-lhe de

cabeça alta e com o gesto firme de quem não recuará uma só de cada palavra que proferir:

—Faça o que quizer.

A actriz ouve um momento depois telintarem no corredor as esporas d'oiro do seu amante, e comprehende que um homem de coração se póde converter n'um homem de marmore quando entre o seu amor e a sua consciencia se levantar uma voz que elle reconheça ser a do seu dever.

Ha indoles assim, e não são os lamuriantes donzeis que se acorrentam aos pés das mulheres que elles dizem amar, são os homens como esse os que ainda alguma vez morrem d'amor n'este mundo.

Sophia Arnould envia então um convite a um seu visinho de sorriso triste e olhos languidos, cujos suspiros ella sabe ter aforados de longa data, mas o moço de olhar terno responde-lhe singelamente em um bilhete perfumado, que tem de jantar com sua mãe n'esse dia.

A criada particular da artista, convidada a sentar-se defronte d'ella e a tomar o logar destinado a um amigo, e que parece assignalado para ficar vasio depois de repetidos expedientes baldadamente empregados para o occupar, começa por agradecer com a commoção do reconhecimento a honra que se lhe faz, mas, instada para servir-se e comer, empallidece, balbucia, e explica atarantadamente que obteve licença para ir jantar com sua mãe, que assim lh'o promettera e que não póde

eximir-se á obrigação em que se acha de ir fazer-lhe companhia n'esse dia. As instancias de Sophia encontram tão diminuto ecco na ternura titubiante da criada como no caracter masculo e energico do capitão. A *soubrette* acceita com lagrimas a demissão do seu emprego, mas não sacrifica aos ordenados nem á estima de Sophia a sagrada devoção da ir jantar com a familia no primeiro dia do anno.

Sophia tem cahido a chorar n'um sofá, quando a porta se abre para deixar entrar, sem se fazer annunciar, um antigo amigo, um pintor que lhe traz o retrato de sua mãe, um rapaz tão communicativamente bom que parece trazer comsigo a felicidade e a consolação de todos os entes de quem se aproximar,—uma especie de Lamber Thiboust, chamando-se Theodoro e sendo pintor em vez de poeta.

—Seja Deus e a alegria n'esta casa!—exclama elle atirando com o chapéo acima da primeira cadeira que encontra no caminho — Aqui te trago, Sophia, o retrato de tua mãe, retocado e remoçado por mim; eu mesmo vou pendural-o no seu prégo aqui por cima da tua secretária... Ora sempre quererei que me digam se ha nada mais parecido com aquella sancta creatura! Ainda me parece que a estou a vêr com o seu pittoresco trage das mulheres da Bretanha, com o seu cabello grisalho e a sua boa physionomia tão bem encaixilhada na singeleza da sua toucasinha branca!... Agora, Sophia, aqui tens o meu presente. Imagi-

nou-se talvez por cá que um homem se esquecia do dia que hoje é....

E, dizendo isto, tira da algibeira duas laranjas, que colloca sobre uma banca com a satisfação de quem tem uma joia de cinco mil francos em cada mão.

—Agora, minha querida amiga — prosegue elle dirigindo-se para Sophia com os braços abertos — agora o meu bilhete de visita, nas tuas faces! Mas que é isto? Tu estás a chorar, minha pequenina? Tu choras, Sophia? — insiste elle sentando-se junto d'ella, abraçando-lhe a cabeça, encostando-a ao seu hombro, anediando-lhe os cabellos e afagando-lhe as faces com as pontas dos dedos —Que tens tu, Sophia? Sabes como eu sou teu verdadeiro amigo; de certo que te não esqueceste ainda do tempo em que moravamos ao lado um do outro n'aquellas nossas aguas-furtadas, confraternisando na pobreza, no trabalho, na aspiração da gloria, que era a nossa ideia predominante, e na alegria que nos davamos quando nos reuniamos no quarto um do outro para corrigirmos o desanimo que de quando em quando nos salteava com as consolações, com os conselhos, com as esperanças que repartiamos entre ambos. Vamos! conta-me o que tens, dize-me o que te entristece. Não ha nada que allivie as nossas mágoas como contal-as a um amigo sincero.

—Que queres que te diga, meu amigo? Eu não sou invejosa; tu conheces-me bem, e sabes

que o não sou. Mas entristece-me, sem eu saber explicar porquê, essa pura alegria que ouço por toda a parte, que vejo em todos que se aproximam de mim, e com a qual me castiga Deus, pondo-a tão perto dos meus olhos e tão longe da minha alma! Uma circumstancia bem simples pinta ás vezes uma grande lastima; eu considero como symptoma de muito infortunio o que me succede hoje: acercam-se de mim, applaudem-me, festejam-me, adulam-me, deixam-me crêr que ha em mim algum encanto ou algum merito, e depois, n'um certo dia, no dia do anno consagrado ás confissões sinceras e aos affectos verdadeiros, acho-me de repente só, voltam-me todos as costas como se tudo o que se me tem dito até agora não passasse d'um gracejo ou de um escarneo, e é-me impossivel encontrar entre todas as pessoas que conheço um infeliz tão infeliz que se sujeite á miseria de jantar commigo! Se tu por ventura quizesses, ou se podesses... Mas não, não te perturbes, não busques rodeios para te desculpares... Eu sei o que vaes dizer-me: jantas com tua mãe!

— É verdade, minha querida, eu tenho de jantar hoje com minha mãe. Mas tu—coitadinha—não pódes tambem ficar assim. Tinhas razão: seria effectivamente uma desgraça, um grande infortunio, que tu, que és tão boa rapariga, que tens tão bom coração, tivesses de jantar sósinha n'este dia em que só os ladrões e os bichos é que jantam sós. Olha, queres tu uma coisa: vem jantar com-

migo. Meu pae é mestre pedreiro, mas homem de bem; minha mãe é a mais honrada mulher d'este mundo, minhas irmãs são umas sanctas raparigas. Quando eu lhes contar a tua historia e a da nossa antiga camaradagem recebem-te com a alegria de quem reconhece um proprio filho.

Sophia Arnould escolhe então na sua guarda-roupa d'artista um traje de *grisette,* que substitue pelo seu vestido de setim, elegante como o da Dubarry; muda de *toilette* no mesmo quarto em que se acha Theodoro, obrigando-se este a não voltar a cabeça para o lado onde ella se despe defronte de um espelho, acceita o braço que elle lhe offerece, e diz-lhe:

— Vamos.

— Uma advertencia — observa elle. — Em minha casa faz-se no dia d'hoje sôpa de couves; é um prato classico d'este dia, e é minha mãe quem o faz; eu não gosto, mas peço sempre duas vezes, porque sei que lhe dou n'isso uma satisfação immensa para ella, e que pouco me custa a mim. Se podéres, Sophia, peço-te que repitas tambem da nossa sôpa de couves. Que enthusiasmo e que triumpho para aquella sancta mulher se te fosse possivel gostar, fingir pelo menos que gostas do prato da sua habilidade! Outra coisa ainda: eu sou feio, como vês, e para pouco tenho prestimo n'este mundo, mas minha mãe imagina-me o homem mais bonito do orbe, e meu pae crê firmemente que eu sou o artista de mais talento da França; estão a

pensal-o sempre e repetem-o a cada passo. Hão de dizer-t'o por força, e tu, que me conheces, has de te pôr então a olhar para mim... Peço-te encarecidamente que te não rias. Não te rias, Sophia, d'estas coisas, que me fazem chorar a mim, de enternecimento e de gratidão. É o que te queria dizer. Agora, vamos.

—É então certo que vamos? que me levas pelo teu braço? que me acompanhas a tua casa? que me apresentas a tua mãe? que me fazes jantar entre as tuas irmãs?... Obrigado, meu bom e meu querido amigo, aqui tens na tua testa um beijo em paga do que fazias por mim. Isso me basta, isso é já de mais para o que eu mereço. Não vou.

—Como não vaes?

—Não, meu caro. Tua mãe ou tuas irmãs podiam vêr-me hoje ou ámanhã na rua, em carroagem descoberta, cheia de rendas, e de brilhantes, puxada por quatro urcos, e perguntarem-te como é que a costureira das tuas aguas-furtadas tirou do seu salario com que comprar os cavallos cujo trote tiver enlameado a sua operosa honestidade e a sua modesta e humilde virtude. Como a tua resposta teria de ser n'esse caso uma evasiva, uma falsidade, ou uma confissão que tivesse de fazer córar a tua familia pela baixeza de me ter recebido á sua mesa, não vou.

—Não sei o que hei de retorquir-te... Tens razão, minha adorada filha: eu tinha pensado só na sincera affeição, na grande amizade que te con-

sagro; tu pensas tambem no meu dever. Permitte-me que eu saia depressa d'aqui para fóra depois de te haver apertado bem ternamente contra o meu coração, minha boa Sophia... Estou quasi a chorar, e ponho uma cara horrorosa quando choro. Adeus.

Sophia Arnould, sósinha, mas alentada agora por esse sancto e fecundo contentamento de quem praticou uma boa acção e aos seus proprios olhos se levantou acima de si mesmo, desprega da parede o retrato de sua mãe, beija-o com effusão filial, encosta-o á terrina da sua sôpa, e exclama com angelica resignação, enchendo o prato que tem defronte de si:

—Paciencia! tambem eu vou jantar com minha mãe.

Eis ahi está, fria e resumidamente exposto, o que vem a ser a comedia de Thiboust—*Je dîne chez ma mère,* segundo as reminiscencias que me ficaram de uma unica audição.

É uma verdadeira perola de sentimento, de observação e de moralidade.

Aqui em França sabe-se tirar assim de um jantar com que fazer uma obra prima. Em Portugal ha uma coisa mais admiravel e mais difficil: é tirar de uma obra prima com que fazer um jantar.

O melhor jantar de Pariz—creiam que lhes está fallando um entendido—o mais fino, o mais delicado, o mais *plantureux,* o mais fidalgo, é o do *Café Anglais.* Quem quer ser elegante por menos dinheiro, janta no *Café Riche,* nos *Irmãos Provenceaux,* no *Café da Opera,* ou no *Café de Paris;* quem quer ter um banquete de verdadeiro leão vai ao *Café Anglais,* tira o *porte-monnaie* da algibeira e exclama como Luiz XV: *Après moi le déluge!* Depois d'isto a ruina.

Passar uma tarde nas corridas de Longchamps em companhia meiga, dentro de um *landeau* ou de um *four in hand* como verdadeiro *gentleman-rider,* depois de se ter inscripto com alguns luizes no *Betting-Room;* corrido o *Derby,* regressar pelo *bois de Boulogne* entre dez mil carroagens, dar um giro em volta do lago, ir apear á noite á esquina da rua de Marivaux, enfiar pela escadinha particular do *entre-sol,* fazer um gesto ao criado de casaca preta e gravata branca, que nos recebe no tôpo da escada, entrar n'um pequeno gabinete forrado de couro de Varsovia com tapetes e reposteiros de veludo, sentar-se em *tête-à-tête* á mesa que nos espera, consultar a lista e fazer sahir da adega e da copa, depois de uma prescripção de mestre, o que lá houver de melhor, e principiar a jantar, entre um ramilhete do valor de tres luizes e um perfumado lenço de rendas de Bruxellas atirado para cima da mesa, isto é passar uma tarde como principe e acabal-a como rei.

As testas coroadas do mundo civilisado não desejam melhor no tedio das suas côrtes. Muitos dos soberanos que para a salvação da Europa ahi vieram ao grande concurso dos povos consta que souberam d'isto, e que nos imitaram bastante, a nós, simples e frageis mortaes, nos processos por que a gente costuma sempre salvar a patria quando ella tem a bondade de nos assalariar para isso.

Emquanto a esgalgada perna do tempo não estender um pontapé á ordem actual das coisas, tenha-se entendido pois, para os devidos effeitos, que as ceias de Pariz se comem na *Maison Dorée,* os almoços em casa de *Petters,* e os jantares no *Café Anglais.*

Se tomam como *réclame* o que lhes digo, Deus os absolva de tal erro. É que a gente não se póde abotoar com estas verdades supremas. A obrigação do escriptor que as tem na mão é lançal-as aos quatro ventos do seculo para que elles as esparjam pelas gerações em trevas.

O immortal Garrett tambem se não dedignou de *reclamar* em favor do botequim do Cartaxo, quando lá se apeou da sua mulinha chouteira na jornada de Santarem. E já que o assumpto m'o está pedindo, avisarei os poetastros delambidos e de pêllo estacado, que perneiam e uivam quando se lhes falla em comer como se o estomago fosse para elles uma calumnia e o jantar um acinte, que o principe dos poetas portuguezes contemporaneos se não vexava de relancear de quando em quan-

do os olhos, não para o limbo dos camaleões em que suas mercês babujam, mas sim para estes tristes elementos da existencia da gente de carne e ôsso.

Conhece-se pela deliciosa prosa das *Viagens na minha terra* o que é o prazer de um sorvete no terraço do *Tortoni,* um café do *boulevard* dos Italianos, que é hoje o epitaphio de uma casa illustre. Sabe-se das saudosas lembranças com que o author da *Dona Branca* recordava no exilio as «tortas» da sua terra natal. Eu mesmo tenho a honra de possuir entre os meus autographos mais queridos uma carta, que devo á obsequiosa amizade de José Maria d'Almeida Garrett, sobrinho do poeta, carta datada de Lisboa e assignada com o simples nome de João Baptista, na qual ha um paragrapho em que o author do *Frei Luiz de Sousa* diz a seu irmão o seguinte:

«Agradeço-te por mim e por Adelaide as deliciosas castanhas que vieram avivar agradavelmente as minhas saudades e reminiscencias da infancia. Beijo as mãos de tua mulher, minha mana e senhora, por ellas.»

Esta mesma carta termina com as seguintes linhas:

«Sou um pedinchão indecente de golosices que apenas provo, mas está á porta o Natal e dirás ás tuas damas de casa que aqui não ha fartes nem outro algum doce de consoada que preste.»

E depois d'isto escrevia o *Camões.*

Os francezes celebram sempre á mesa os seus fastos domesticos, politicos, litterarios e artisticos.

Cada café possue a sua roda certa de frequentadores, cada um dos quaes tem já o seu logar marcado, o seu criado escolhido, os seus pratos determinados e o seu vinho prescripto.

Não ha muitos dias ainda que todos os estrangeiros que vinham pela primeira vez a Pariz iam jantar uma noite ao café *Petters* para verem os redactores do *Figaro,* que se reuniam ahi sempre á volta de certa mesa.

A alegre pleiade d'estes periodistas abandonou o conhecido café da *Passage des Princes* quando descobriu que os *ciceroni* negociavam com a presença d'elles como com um espectaculo público. Hoje é um mysterio o logar em que jantam o senhor de Villemessant e o senhor de Rochefort. Eu sei onde é, mas prometto guardar segredo emquanto não me constar que as pessoas que desejam vêr um homem illustre lhe pagam a elle este prazer e não aos especuladores que o exhibem. Quando o historiador inglez Gibbon se introduziu a occultas na propriedade de Ferney para olhar de um relance para Voltaire, no momento em que elle assomava a uma janella para ver pinotear no parque o seu *poney* favorito, consta que o author da *Henriade* mandára ao seu confrade um lacaio com a conta de quarenta libras fixada n'esta verba: *Pour avoir vu la grande bête.* Dizem que Gibbon pagára oitenta libras, e respondera ao lacaio: *Quero*

vêl-o outra vez. Ora estes são os unicos termos porque eu admitto que um escriptor se ande mostrando aos curiosos.

Todos os homens que se congregam em Pariz para uma empreza de qualquer ordem principiam o seu pacto de confraternisação por jantarem juntos em periodos determinados. D'estes jantares, muitos dos quaes se tornam celebres, poderia fazer-se um livro de grande doutrina, exemplo e lição.

Edouard Monnais, o meigo folhetinista, de quem um critico escreveu que era a urbanidade e o atticismo personalisados, foi por muitos annos o secretario de uma associação de rapazes cheios de talento, de valor e de perseverança, que se tinham proposto jantar reunidos em todas as primeiras segundas-feiras de cada mez. Esses moços, todos obscuros, todos pobres, mas de arrojadas aspirações e de profundas crenças no trabalho, na honra, no futuro e na gloria, anteparavam-se mutuamente, com a sua expansiva alegria e com a vivida e creadora mocidade das suas almas, n'estas periodicas festas, em que no principio de cada mez se desemsombravam, á mesa do jantar e na convivencia de espiritos vigorosamente juvenis, austeros cuidados, severas cogitações e dolorosos e estereis desalentos.

A applicação, o estudo, o desinteresse, a resignação e a fé na gloria como recompensa de todo o talento persistente e honrado, todos os sentimentos

finalmente que geram os nobres intuitos e as grandes obras, ahi se intranhavam e se robusteciam com a firmeza de convicções inabalaveis no animo de cada conviva. Ia-se para o jantar pensando algumas vezes na obscuridade, na desconsolação e na miseria, mas cada um affectava ao sentar-se á mesa o ar esperançado e alegre de quem busca sanar com o seu contacto os infortunios alheios, e todos se retiravam por fim, alados a um mundo melhor pelas sanctas expansões que se cruzavam nos ares, acabando por acreditar outra vez na Providencia e no bello, no ideal e no positivo, no trabalho e no amor.

Em um artigo do regulamento por que se regiam estes banquetes, estava prescripto que todo aquelle que obtivesse da republica emprego ou distincção honorifica offereceria á sua custa um prato ou algumas garrafas de vinho aos seus companheiros de mesa. Jules Janin, que dedicou a estes banquetes, nos quaes tomava parte, uma chronica sentidissima em que borbulham e scintillam as saudades e as lagrimas, diz que os primeiros annos d'esta associação de jantantes se passaram do modo mais esteril, sem que nenhum dos convivas subisse, nem levemente que fosse, da posição obscura em que vivia. Principiaram elles então a designar-se tristemente a si proprios com o titulo de *Société des parvenus*.

Edouard Monnais, que era um bello caracter de rapaz e de escriptor, bradava que nada se fa-

zia sem tempo e que quem não era homem para a peleja e para a lucta melhor faria jantando só e deixando-se apastranar de todo em todo na mollidão, na insipidez e na inutilidade.

O futuro encarregou-se de confirmar as esperanças de Edouard Monnais: veio a final a monção da prosperidade, e todos esses rapazes, que ninguem conhecia quando os seus jantares se constituiram, se dispersaram pelos logares mais eminentes da sociedade. Receberam-os o Instituto, a Academia das Sciencias, a Academia das Bellas-artes, a Escóla de Medicina, a Camara dos Deputados, as legações e os ministerios. Um veio a ser o doutor Trousseau, outro Eugène Delacroix, outro Barye, outro Paul Delaroche, outro Halévy, outro Jules Janin...

«Os nossos jantares d'estudantes, escreve este ultimo, converteram-se então em verdadeiros banquetes de Balthazar. Que orgulho que nós tivemos no dia em que um advogodo da nossa sociedade recebeu a nomeação de procurador geral! Varios socios da Academia e varios deputados opulentaram as nossas festas. Um nosso amigo, que era capitão e que foi nomeado vice-almirante na Crimeia, mandou-nos de Sebastopol, no dia da sua promoção, um convite para jantarmos em Pariz á sua custa. Embriagamo-nos todos, bebendo á saude do author do *Docteur Herbaut,* no dia em que este livro lhe deu entrada na Academia Franceza. Chegamos a dar ao estado varios embaixadores, e até

lhe demos um ministro. Monnais, secretario da nossa sociedade, escrevia-nos então uns bilhetes que diziam assim: — *Não se esqueça de comparecer d'hoje a oito dias, teremos á mesa o general fulano com a sua commenda e um perú com tubaras. Gabriel está nomeado prefeito das margens do Rhône, não nos faltará vinho da Côte-Rôtie.* Ou então: — *Ámanhã bebe-se á saude do author de* Lucrecia, *que nos é apresentado pelo seu amigo Ricourt.* — Eram verdadeiras festas e verdadeiras felicidades. Pouco a pouco, porém, os convivas esqueceram-se dos seus banquetes de cada mez. Este achava-se na campanha d'Argel, aquelle suspendia da tribuna a multidão attenta á eloquencia da sua palavra, uns proclamavam toda a especie de verdades novas e perigosas; outros succumbiam na lucta; estes supportavam em paizes estranhos o pêso de um injusto desterro; aquelles iam deslisando no tumulo. Os mesmos que lhes tinham cantado a vida choravam-lhes então a morte, recordando-se d'elles á sobremesa. Todos foram longe: uns na prosperidade, outros na desgraça, que torna maiores as almas grandes. Só dois, Edouard Monnais e o author d'estas linhas, não poderam ter nunca a felicidade de augmentar com um prato de lentilhas a lista do jantar da nossa primeira segunda-feira.»

Edouard Monnais falleceu ha poucos dias. Janin, que tem já tambem á beira da sepultura a mocidade permanente e radiante que ha mais de

meio seculo lhe illumina para a immortalidade os seus incomparaveis folhetins, despediu-se do seu velho amigo com o seguinte trecho, repassado de melancolia e de ternura, o qual constitue o melhor elogio da alma que o dictou:

«Consolemo-nos, meu companheiro, e permitta-nos Deus, a mim assim como a ti, depois de uma tarefa sem recompensa, a felicidade de ter ao pé de nós uma honrada mulher que nos ame quando morrermos e um amigo que nos chore quando descermos para a cova! Nenhum *parvenu* como nós fomos tem direito para desejar mais d'este mundo.»

Os jantares, não obstante a sensualidade que faz parte da sua essencia e da qual querem alguns tirar a condemnação d'elles, têem comsigo essa particularidade que se não come e que se não bebe: a de evocarem a memoria dos entes queridos e dos entes amados com quem nós os partilhamos.

Eu reservo-me o direito de vir a ter saudades profundas dos meus jantares parisienses, mas aqui em Pariz, onde estou, e então agora nas vesperas do Natal, é a minha terra, os meus montes, a minha ceia de familia aquillo de que eu mais me lembro ao fallar dos que jantam e do que se janta por este mundo.

Ha um só banquete portuguez que desbanca todos os jantares de Pariz, mas que os desbanca inteiramente: é a ceia da vespera do Natal nas nossas terras do Minho.

Não me fallem nas listas de convicções innocentemente sumptuarias em que os nossos restaurantes nacionaes affectam um francezismo gallego, mas citem-me, para cotejo com todos os esplendores das mesas parisienses, uma chavena de vinho quente bebida n'essa noite de saudade, entre a familia, no seio das nossas selvas nataes.

Na vespera do Natal toda a gente do Minho se reune como a de Pariz no dia d'anno bom. E raro é o minhoto que não leve, indelevel no coração, para qualquer parte para onde vá, a recordação d'essa noite....

Eu mesmo estou vendo d'aqui, do *boulevard Montmartre* (e bom é que d'aqui o veja, porque não poderei já agora, infelizmente, tornar a vêl-o de mais perto!) o velho e modesto solar de minha avó, onde eu passei os primeiros annos da minha alegre meninice. Está-se-me representando fielmente na memoria a sua sala de jantar de tecto de castanho lavrado, os seus castiçaes de dois palmos d'altura, a sua enorme terrina, os seus ponderosos e festivos talheres de prata, e ella, octogenaria, presidindo ás suas festas de familia defronte de seu irmão, frei José do Sacramento, um egresso que era o mais bonacheirão dos tios sahidos da clausura para dar o relevo da alegria e o cunho do espirito, da paz e da sanctidade á familia. Á direita d'este, e no primeiro logar ao longo da mesa, sentava-se n'esse tempo um official d'artilheria de olhar scintillante e de bigode negro, o mais

bello typo d'homem, e o homem tambem mais honrado que eu tenho conhecido, e que era meu pae.

Como eram caracteristicas, como eram typicas aquellas classicas goloseimas que a gente não tornava a comer em nenhum outro dia do anno! Os mechidos, as rabanadas, os bolinhos de bolina e as orelhas d'abbade!

Dizem os sugeitos delambidos pela moda, a mais tôla das potencias que governam o orbe, que todos esses pratos eram indigestos e dissaboridos.

Historias! Que importava isso, se ninguem os comia! Interrogai todas as familias que ainda *consoam,* segundo a lettra do antigo regimento, e vereis como todas vos dizem que lhes falta o appetite em tal noite.

É que a ceia do Natal é apenas um pretexto para uma reunião solemne em que se commemoram as tradições domesticas com uma simplicidade e uma singeleza já muito raras n'esta era de vil e affectada prosa. O que predomina em cada um dos convivas que então se reunem á mesa da familia, não é o estomago, é o coração. Os manjares amontoados diante de nós mal os vêem os olhos embaciados com as lagrimas, a custo reprimidas e disfarçadas com um sorriso fingido e uma alegria em que ninguem crê. O que se tem na lembrança é a imagem de um irmão ausente; o que todos vêem na mesa cheia é o logar onde ha pouco tempo ainda se sentava um pae respeitado ou uma mãe extremosa, logar que a morte deixou

vasio para sempre no banquete da alegria domestica.

Ninguem então communica aos outros o que tem no pensamento, e todavia todos pensam e sentem a mesma coisa. Ha um que se ergue com o copo em punho e tenta levantar uma saude. Este homem corajoso empallidece porém antes de pronunciar o nome de um certo ausente, que está na lembrança de todos, mas que ninguem se atrevera a proferir. Elle mesmo reconhece então que não poderá desembargal-o da garganta sem que lhe rebentem ao mesmo tempo os soluços que o opprimem. Todos comprehenderam no emtanto a muda eloquencia de tal discurso, todos os labios se humedecem nos copos e de todos os olhos deslisam suavemente as lagrimas engrossadas no coração.

Ha n'isto o que quer que seja singularmente grande e solemne. Parece que o espirito de todos os entes estremecidos desce invisivelmente do céo a participar d'essa intima festa, escrupulosamente escondida a todos os extranhos e a todos os indifferentes. A gente abraça silenciosamente as suas irmãs, a sua mulher ou os seus filhos, e, sem saber explicar porquê, comprehende que em nenhuma outra occasião da sua vida esteve tanto no seio da familia como n'essa noite, á mesa da ceia, na vespera de Natal.

E se estamos longe do lar domestico, é esse o dia que mais saudavelmente nos recorda a fami-

lia e a patria, inspirando-nos os mais nobres e puros sentimentos de que é capaz o coração do homem.

Oh! minha amada ceia do Natal! eu, que por tantas vezes tenho celebrado os teus encantos na minha aguada prosa, não poderia deixar de te saudar ainda uma vez n'este momento. Levanto-me dos festins dos Balthazares d'esta nova Babylonia para me descobrir, com o coração entumecido de muitas lembranças queridas, perante o modesto prato das minhas *rabanadas* nataes... Possa a razoira implacavel do progresso, que pouco a pouco vai nivelando e arrazando tudo, conservar-vos por longos annos ainda entre os nossos costumes nacionaes e ao pé dos nossos penates, a vós, que sois todos os annos em cada ceia do Natal, as mensageiras de uma caroavel e meiga tradição d'amor, de veneração e de saudade na familia!... *Sunt lacrymæ rerum.*

A PARISIENSE

Pariz é um altar cujo idolo é a parisiense.

O romeiro que entrar no templo tem de ajoelhar por força perante a divindade que preside aos mysteriosos sacrificios que n'elle se consummam.

Quem faz de Pariz a capital do mundo civilisado é a parisiense. Londres com o seu dinheiro, as suas manufacturas e os seus bancos; Sevilha e o seu luar, com os seus pandeiros e as suas serenadas; Napoles com o seu esplendido céo e as suas incomparaveis paizagens orladas pelo Mediterraneo; Florença com os seus admiraveis museus; Veneza com as suas gondolas e os seus canaes; Genova com os seus palacios; S. Petersburgo com os seus aristocraticos salões; Vienna com o seu Schoen-

brum; Lisboa com a magestade do seu Tejo; Constantinopla com os seus miranetes orientaes; Edimburgo com os seus bellos montes e as suas poeticas tradições, todas as grandes e bellas cidades que tem o mundo cedem a Pariz o privilegio de ser elle em cada inverno o prazo dado ao encontro de todos os viajantes illustres e á reunião de tudo quanto ha mais elegante, mais novo, mais bello, mais rico e mais aristocratico no mundo. Ahi refervem em portentosa e fascinadora ebulição de luz e d'harmonia todas as aspirações elevadas acima do nivel usual, todo o trabalho, todos os talentos e todas as glorias, todos os deleites finalmente — se querem que se lhes chame assim — provenientes da victoria conquistada nas maiores luctas em que póde entrar a intelligencia, communicada de Deus á humanidade dispersa no mundo, e convergindo toda para esse ponto culminante da civilisação cuja imagem palpavel e visivel é Pariz.

Quem dirige, quem contrasta, quem sanccióna e authentíca esta radiante apotheose dos espiritos é a parisiense. Em todas as manifestações do bello, debaixo de qualquer dos seus infinitos e variadissimos aspectos, o que ella approvar receberá o applauso do universo, o que ella reprovar terá tido a sua sentença ultima e fatal. A vontade d'ella é a vontade de Deus. *Ce que femme veut Dieu le veut* é um aphorismo especialmente feito para definir a omnipotencia da parisiense.

Essa mulher franzininha e ligeira, de olhar alegre, de cabeça alta e de passo saltitante e leve, que ahi vai atravessando o *boulevard*, diz Victor Hugo que governa o mundo com o pedacinho de fita que leva no chapéo. O modo como ella se lembrou de o atar esta manhã será uma lei em todo o universo emquanto a parisiense não resolver revogar essa lei atando essa fita por outro modo.

As mulheres de todas as regiões civilisadas do antigo mundo e do mundo novo estão em communicação directa ou indirecta com a vontade da parisiense.

O primeiro signal de civilisação que reponta nos paizes barbaros é a moda europeia, isto é, a determinação de Pariz a respeito do vestuario.

Uma cidade qualquer ficará transformada n'um museu de caricaturas se a privarem do figurino parisiense.

Não ha mulher alguma civilisada que se atreva a atar uma gravata, a calçar uma botina, a metter um pente nos cabellos, a pregar um alfinete no vestido sem que a parisiense lhe tenha dado primeiro o seu conselho ou o seu beneplacito.

Percorrei a Europa inteira e por toda a parte vereis a moda de Pariz escrupulosamente seguida desde a circumstancia mais importante até ás ultimas minudencias do vestuario das mulheres. Os homens de Pariz estão longe de possuir similhante faculdade: emquanto as mulheres londrinas se esforçam debalde por imitar em todos os pormeno-

res a *toilette* parisiense, os homens de Pariz inglezam-se o melhor que podem, não conseguindo esconder a impossibilidade em que se acham de delinearem um trage de viagem ou de vestirem uma casaca de baile com o geito afidalgado dos *gentlmen* d'além da Mancha. É que os parisienses, comparados com as suas compatriotas, não passam de uns pobres de Christo.

O visconde de Launay observou em um dos seus bellos folhetins, publicados na *Presse,* que todas as mulheres francezas excitam a emulação e a inveja dos seus conterraneos, e o finissimo folhetinista explica isto do seguinte modo:

«Um italiano tem mais espirito do que uma italiana.

«Um hispanhol tem mais espirito do que uma hispanhola.

«Um allemão tem mais espirito do que uma allemã.

«Um inglez tem mais espirito do que uma ingleza.

«Um russo tem mais espirito do que uma russa.

«Um grego tem mais espirito de que uma grega.

«Mas uma franceza tem mais espirito do que um francez.»

Esta palavra *espirito* na accepção em que a tomamos é um francezismo que hão de ter a bondade de nos relevar, emquanto nos não ensinarem

palavra que exprima cabalmente a mesma ideia em vernaculo. O *esprit* francez é um termo technico, um vocabulo da nomenclatura das especialidades purissimamente nacionaes, palavra que não tem equivalente em nenhuma outra lingua pela razão de que em nenhum outro paiz que não seja a França se encontra o que ella representa. Os inglezes têem o *humour* e os hispanhoes têem o *salero,* duas palavras que do mesmo modo carecem de traducção que desempenhe igual sentido, e que não podem ser entendidas fóra das regiões em que se não tenha alquebrado a gentileza andaluza ou onde se não houver espalmado ainda, com a largueza de uma conquista, o longo pé de um cidadão britanico.

O escriptor a que alludimos, apertando mais os termos de proposição exactissima que expende, accrescenta ainda:

«Em França todas as mulheres têem espirito excepto as *bas bleus*.

«Os francezes que são espirituosos têem immenso espirito, mas ha immensos francezes que não têem espirito nenhum.

«De cem homens francezes ha dois com espirito. De cem mulheres francezas ha duas que o não tenham. A proporção é esta.»

É isto, segundo eu tenho observado, a mais inteira verdade.

Do confronto dos theatros de Pariz com os demais theatros da Europa deduz-se um facto ex-

pressivamente significativo:—Nos theatros estrangeiros ha seis ou oito actores de merecimento e uma ou duas actrizes apenas que hombream com elles; todas as outras lhes são inferiores. Nos theatros parisienses são boas todas as actrizes que não são admiraveis ou sublimes; dos actores, um terço é excellente, e dois terços são mediocres.

Em toda a parte um criado é em geral muito superior a uma criada tanto pelo seu trabalho como pela sua intelligencia; em França, a não ser o criado de café, todos os criados são maus, e, com rarissimas excepções, todas as criadas são boas. As governantes das casas de Pariz são typos unicos de perfeição. As criadas de quarto são verdadeiros prodigios de serviço, de methodo, de aceio e de intelligencia. Ha muitas casas parisienses onde uma criada só compra, cosinha, arranja os quartos, veste e despe a senhora, penteia-a, friza-a, faz-lhe os vestidos, serve á mesa, e lê todos os dias a *Petite Presse* ou o *Petit Journal*.

Eu entrei uma vez n'um theatro emquanto se estava representando o terceiro acto da peça que se achava em scena, e observei o seguinte facto, que depois tenho visto repetido por muitas vezes:—Os dois homens que davam e recebiam as senhas no peristilo estavam refestellados nos seus espaldares e um dormia emquanto o outro olhava para o tecto; o bengaleiro tinha vindo para fóra do seu cubiculo e conversava com um gendarme, os por-

teiros achavam-se encostados aos hombraes das portas, com as mãos mettidas nas algibeiras; no emtanto a vendedora dos bilhetes bordava n'um pequeno bastidor por traz da rede de arame do seu *guichet,* tendo ao pé do bico de gaz que a alumiava duas rosas dentro de um copo d'agua; todas as *ouvreuses* espalhadas nos corredores trabalhavam no seu *tricot* com a applicação e a presteza de quem estivesse seroando com tarefa posta. Todos os homens estavam ociosos; as mulheres, desde a primeira até á ultima, trabalhavam todas.

Ha poucos dias atravessei o *boulevard* ás sete horas da manhã. N'estes ultimos dias do mez de dezembro, tal hora é madrugada. Estava um tempo coberto e a neve cahia abundantemente, marcando os thermometros tres ou quatro graus abaixo de zero. Reparei que andavam na rua menos homens do que mulheres, e lembrei-me de contar. Desde a esquina da rua Tait bout até á ruado Faubourg Montmartre, além dos criados dos cafés e dos armazens, que abriam as portas e limpavam os bronzes e as vidraças, encontrei onze homens e trinta e duas mulheres. Dois dos homens estavam parados ao pé de uma velha que lhes vendia licor. As mulheres, levando no braço os seus cartões ou os seus cabazes, caminhavam todas agil e resolutamente, com a alegre determinação de quem acceita a actividade do trabalho sem sacrificio nem violencia.

As mulheres que presidem ao serviço e aos

pagamentos das lojas e dos cafés, conhecidas pelo nome de *femmes de comptoir* são creaturas phenomenaes. Ha restaurantes onde jantam quotidianamente duzentas, quatrocentas, oitocentas, mil pessoas e mais; duas unicas mulheres, sentadas no alto de uma tribuna, defronte dos seus livros de escripturação, presidem a este movimento indescriptivel, fiscalisando o serviço, fazendo um lançamento de cada jantar com os seus pratos e o seu preço, e dando e recebendo todos os trocos sem um só esquecimento, sem o menor equivoco, sem um unico lapso. Um viajante inglez, que esteve aqui durante a exposição, nunca pôde entender como se podésse realisar um similhante prodigio de memoria, de attenção e de sagacidade, e, tocado do admiravel prestimo das creaturas que faziam da execução de tal prodigio a sua occupação de cada dia, estabeleceu um premio de alguns centenares de luizes para ser entregue á mais habil das que se lhe deparassem. Nenhum parisiense conseguiu jámais captivar assim a admiração e a sympathia votada por um inglez a uma franceza desconhecida.

Na casa onde eu moro, as criadas, com quem eu nunca fallei, sabem como eu me chamo, de que paiz sou e em que me occupo; sabem ainda aproximadamente como eu vivo e conhecem até muitos dos meus habitos, das minha predilecções e das minhas antipathias. A porteira, com a qual nunca tive a menor especie de confidencia, chegou a

dizer a um amigo meu, que tinha precisão impreterivel de me fallar em certo dia, onde seria provavel que elle me encontrasse á noite e onde me veria naturalmente n'essa tarde. O meu amigo seguiu o alvitre da porteira e deu commigo. O porteiro tinha sabido apenas dizer-lhe a phrase sacramental: —*Monsieur n'y est pas.*

O meu porteiro e a sua mulher têem uma pequenina propriedade rustica em Saint-Germain, para onde vai revesadamente um ou outro em cada sabbado, para passarem lá o domingo. Algumas noites, ao recolher-me, succede-me não encontrar o meu periodico junto do castiçal que me espera no patim da entrada, ou vêr uma carta subscriptada para mim dentro do castiçal d'outro, ou apparecer-me um sapato que me não pertence entre as botas que tenho á porta do quarto; eu já conheço estas noites: são os sabbados em que o porteiro ficou em casa e foi a porteira para Saint-Germain. Quando pelo contrario é elle o que vai e ella a que fica não ha a minima alteração no serviço.

A minha engommadeira, que ouve e diz o meu nome uma só vez d'oito em oito dias, pronuncia-o tão correctamente como se fosse portugueza; o meu criado de quarto, que falla em mim umas poucas de vezes por dia, não sabe pronuncial-o.

Se passarmos das classes mais humildes, em que o contraste é mais saliente, para as classes mais elevadas da sociedade, onde a educação torna ordinariamente mais similhantes entre si as mu-

lheres de todas as nacionalidades, continuaremos a encontrar claramente manifesta a superioridade da mulher comparada ao homem de Pariz. Entrai em casa de qualquer negociante, de qualquer industrial, de qualquer funccionario público: achareis talvez um homem ordinario, sem nenhum relevo de maneiras, nem de physionomia, nem de linguagem. Ficaes sentado defronte d'elle n'uma ottomana da sua sala de visitas, procuraes com esforço o assumpto de conversa que o possa interessar, e reconheceis ao cabo de poucos minutos a impossibilidade de prolongar a semsaboria de uma entrevista similhante durante a meia hora que vai preceder o jantar para que vos convidaram. Apparece-vos porém a dona da casa: tem uma physionomia intelligente e viva, uma mão afilada e alva, com uma indefinivel distincção no andar e as mais graciosas ondulações nas longas prégas do seu vestido; saúda-vos com o sorriso espirituoso de quem percebeu a agradavel surpreza que vos causou, conduz-vos do sofá, em que estaes, para uma cadeira em que ficaes melhor, porque tendes junto de vós uma mesa em que podeis encostar os braços e mudar frequentemente de posição, abrindo um livro, pegando na espatula de cortar as folhas, examinando um album ou cheirando uma flôr; ella mesma vos vai guiando n'estas pequenas liberdades, que são as fórmulas da posse na conquista de um salão; leva-vos insensivelmente ás mais agradaveis expansões da conversa, fallando-vos sim-

ples e desaffectadamente, e escutando-vos mais artisticamente ainda com o interesse mais sympathico e mais animador. O marido, que vós havieis tomado a principio por um homem obtuso, começa a fazer então, de quando em quando, uns commentarios cheios de bom senso e *d'à propos*. É o milagre, aliás vulgarissimo, da mulher amavel tornando espirituosos os entes que a cercam. Alguma vez poderá succeder que a sympathia que essa interessante creatura desperta no vosso espirito e no vosso coração vos commova mais profundamente do que poderieis suppôr, e que tenhaes um pequeno estremeção nervoso quando, ao offerecer-lhe o vosso braço perante a phrase ritual do criado francez—*Madame est servie*—sentirdes perto do vosso coração o ligeiro pêso da sua mão. E, n'esses casos, leitor pio, ai de vós, se ella sabe usar do mais terrivel senão da mulher franceza, se ella é *coquette*, e se dando pela vossa commoção de provinciano, se lembrar, na passagem de uma galeria ou de uma sala, de se encostar um pouco mais no vosso braço com o pretexto de apanhar o vestido, ou se, por um movimento de cabeça, gracioso como o de uma pomba, vos permittir respirar perto dos labios o perfume dos seus cabellos! Em tal conjunctura o valor, para quem não quizer ter que pensar para oito dias, talvez para oito mezes e por ventura para oito annos, consiste em fugir antes que ao tomar do café, ao pé do lume, ella vos deixe descobrir o pé esguio dentro de um sapati-

nho de setim preto, fascinadoramente *mignon et cambré,* ou que, no momento da despedida, abandone ao beijo do vosso reconhecimento e da vossa cortezia as unhas côr de rosa dos seus dedos de fada. Se, desafeito d'estes attractivos vulgares n'uma sociedade essencialmente elegante, o effeito das primeiras commoções vos estontear até o ponto de substituirdes no dia immediato o bilhete da vossa visita «de digestão» por um mais expressivo, ficaes eminentissimamente arriscado a que o marido vol-o restitua no ponta da bengala ou na ponta de um florete, ou então — o que é mil vezes peior — que ella mesma vol-o devolva com o mais gracioso e o mais humilhante sorriso, fallando-vos do espirito dos homens bem educados como quem allude a um paiz que vos é desconhecido, e perguntando-vos noticias de vossa mãe, de vossa mulher ou de vossa irmã com uma fina intenção, que vos apunhala no mais vivo da vossa sensibilidade.

Na plana superior dos espiritos em que o merito mais brilhante, mais profunda e mais duradoiramente manifesto, se confirma pela celebridade, occupam as mulheres parisienses um logar unico na historia dos entendimentos superiores. Nenhum outro paiz no mundo possue como a França uma similhante galeria de mulheres illustres. A Allemanha tem Bethowen, a Inglaterra tem Shakspeare, a Italia tem Raphael e o Dante, a Hispanha tem Cervantes e Murillo, Portugal tem Luiz de Camões — a magestade na harmonia, no dra-

ma, na pintura, na comedia e na epopeia; só a França possue em grau igualmente superior o mimo, a graça, a ternura, o encanto ineffavel d'essa bella qualidade que se chama na arte *la douceur de l'esprit,* personalisada n'um typo incomparavel, que é Madame de Sevigné.

Napoleão Bonaparte é nos tempos modernos o primeiro vulto da França, assim como do mundo. No tempo em que elle dominava a Europa inteira e governava uma parte d'ella, o unico varão que o fitou de perto e frente a frente, obrigando-o a baixar os olhos, e contrapondo vontade com vontade, genio com genio e valor com valor, foi Madame de Staël. O leão indomavel, que investia com os gêlos de Moscow e pullava das selvas das bayonnetas para os turbilhões da metralha, precisava de desterrar uma debil mulher, cujo sorriso lhe tolhia o somno. A França era pequena para que ella e elle respirassem reunidos.

Entre as mulheres notaveis de que em Pariz se compõe o quadro deslumbrante da intelligencia feminina ha muitas que demandam menção especial.

Madame de Girardin, cujos restos preciosos repousam, ha poucos annos ainda, debaixo de um singelo tumulo de marmore branco no cemiterio Montmartre, é a encarnação do mais delicado espirito d'este seculo no typo quasi ideal da mais perfeita mulher da metropole da intelligencia e da elegancia.

O logar que a prematura morte de Madame de Girardin deixou vago na litteratura moderna é um logar unico, no qual a eminente escriptora esteve acima de toda a rivalidade, de toda a emulação e de todo o confronto.

Dos livros assignados por nomes femininos, diz Alphonse Karr que representam uma dupla calamidade, um livro de mais e uma mulher de menos. E quasi sempre é effectivamente assim. Pondo por agora de parte o mal que provém de um livro tibiamente escripto, o que muita vez corresponde á quéda de uma ideia boa que se sustentou mal, observo que a mulher desapparece ordinariamente quando a escriptora se manifesta. O trabalho intellectual endurece o espirito assim como o trabalho material endurece o corpo, e d'ahi resulta que nada ha mais difficil e mais raro do que alliar a hombridade do talento, desenvolvido nas terriveis fadigas da applicação e do estudo, com a brandura, com a candidez e o mimo de que procede o encanto das naturezas feminis. A individualidade litteraria de Madame de Girardin representa essa quasi prodigiosa alliança. Nas delicadissimas producções da sua phantasia, nos seus estudos litterarios, sociaes e politicos, nos seus romances, nos seus versos, nas suas comedias, nos seus dramas, e principalmente nos seus admiraveis folhetins, inimitavel modelo de tão difficil genero, nos quaes especialmente se empregam os seus esplendidos dotes de litterato, de poeta, de erudito e de phi-

losopho, transparecem de contínuo, a par da viveza da imaginação e da finura da critica, os affectos meigos, a despresumpção d'authoridade, a benevolencia carinhosa, a alegria infantil, o enthusiasmo sincero, a predilecção arrebatada, e, na pureza das suas crenças, na elevação das suas aspirações e no perfeito desinteresse dos seus intuitos, o ar mais seductor e o geito mais *coquet* de de se fazer adorada.

Nenhum de nós outros sabe jogar assim com os elementos litterarios.

Os homens predestinados pelo talento de escrever criam ás vezes proselytos mas não criam amigos, conquistam intelligencias mas não conquistam corações, tornam-se celebres mas não se tornam amados.

A circumstancia que mais particularisa o cunho das obras de Madame de Girardin é que, antes de produzirem a admiração, suscitam a sympathia. Ha n'isto um processo de attracção que um escriptor do outro sexo não póde urdir, porque o merito de um homem pesa-se pelas invejas que desperta e o poder de uma mulher pelas affeições que conquista.

O excepcional valor do talento litterario de Madame de Girardin consiste em ser essencialmente feminil. Não póde o leitor na sua mente e no seu coração desprender as suavissimas linhas que ella nos deixou da mão alva e aristocratica que as escreveu: é uma penna que se não ad-

mira sem vontade de beijar os dedos que a seguram.

Jorge Sand, com quem alguns pretendem indevidamente comparal-a, é o primeiro stylista francez. Creada desde a mais tenra infancia nas doutrinas philosophicas do seculo XVIII, e principalmente na leitura e na admiração de João Jacques Rousseau, Madame Sand tomou por exemplar e por emulo esse homem, em quem a brandura da linguagem contrasta singularmente com a dureza do coração. Depois do author de *Emile* ninguem escreveu ainda tão abundante e tão harmoniosamente a lingua franceza como o author de *Lelia*.

E porém radical a differença que existe entre Madame Sand e Madame de Girardin.

A authora da *Indienne* e do *Secrétaire intime* até o seu nome de mulher perdeu quando se fez romancista. É logica esta abdicação baptismal, porque a indole de tão varonil talento desdiz de toda a designação feminina.

Se pelo contrario Madame de Girardin tivesse a infelicidade de ser homem, teria de adoptar um nome de mulher, por não haver outro que mais se aproxime de um nome d'anjo, para assignar *La joie fait peur*.

A humanidade é por cada uma d'ellas considerada como o seria um jardim por um florista e por um botanico.

Jorge Sand é a arte, Madame de Girardin é o sentimento. Uma até no amor é philosopho, a

outra até na philosophia é amante. A primeira é um *honnête homme,* a segunda é uma *brave femme.*

A amizade que as unia prova que a indole do talento de cada uma as desligava. Entre duas mulheres a similhança é a separação, e a corajosa esposa do redactor da *Presse* foi sempre a amiga da companheira romanesca de Jules Sandeau.

Theophile Gauthier, o mais sympathico materialão que se conhece, consagrou á convivencia d'esses dois espiritos uma pagina deliciosa de sentimento e de saudade.

Nada mais commovente do que a aproximação d'estas duas mulheres, que deviam unicamente ao seu talento e ao seu valor a celebridade, que é um throno, pelo qual muitas rainhas trocariam o seu! Madame de Girardin nos ultimos dias da sua vida, nova ainda e classicamente bella como a estatua grega de uma deusa, recostada entre as almofadas de um sofá no seu quarto de dormir, e defronte d'ella, entranhada n'um *fauteuil,* com os pés cruzados n'um tamborete e um cigarro na bôca, Jorge Sand contemplando, com a tristeza no olhar e as lagrimas no coração, a resignação de sancta com que essa alma gentil se despedia sorrindo das commoções da lucta e do prazer da gloria...

A comedia em um acto *La joie fait peur,* á qual acabo de me referir, e que eu tive o arrojo de traduzir, sendo ainda creança, para estreia de uma outra creança, a actriz Carlota Velloso, no

theatro de S. João, no Porto, é a mais terna e a mais mimosa inspiração que o anjo da castidade e do amor póde communicar á intelligencia humana.

Esse acto encerra na sua estreiteza, assim como a perspectiva de uma paizagem espelhada na resumida superficie de um brilhante, quanto ha mais sancto e mais augusto no mundo: a religião, a familia, o amor, a amizade, a piedade filial e a providencia materna.

Comprehende-se ao lêr esta perfeitissima obra que se desafogasse inteiramente da necessidade de escrever o coração que a dictou, e que este pequenino livro fosse a primeira e a derradeira palavra de um sabio. É o ideal do sentimento representado n'um quadrosinho tão palpitante e tão commovente, que deve ter morto o coração quem o presenciar sem derramar uma d'essas lagrimas de consolação e d'enthusiasmo que são a mais pura delicia que se póde gosar na terra.

Quando esta comedia se representou pela primeira vez na *Comedie Française,* a imperatriz, profundamente commovida, tinha trespassado com lagrimas as rendas do lenço em que escondia os olhos. O imperador, que estava sentado defronte d'ella na mesma *avant scene,* tirou o seu lenço da algibeira da casaca e offereceu-lh'o. Proseguia no emtanto a representação, succedendo-se uns aos outros os lances mais inesperados e os mais proprios para agitar o coração até as suas mais recon-

ditas fibras. O imperador, encostado ao parapeito do camarote, tinha cravado os olhos na scena, quando um pouco antes de terminar a comedia a imperatriz lhe tocou no hombro para lhe restituir o lenço com um significativo sorriso. Das palpebras de Napoleão acabava de cahir tambem uma lagrima sobre os dedos com que elle procurava esconder a tremura do labio torcendo as guias do bigode.

Madame de Girardin collaborou durante muitos annos na *Presse,* periodico de que seu marido era proprietario e redactor principal. Emquanto elle hostilisava ou defendia no artigo de fundo os differentes ministerios que se succediam no poder, analysava ella no folhetim com a veia mais fecunda e mais original a sociedade parisiense, os homens mais notaveis e os mais relevantes successos do seu tempo.

As *cartas parisienses,* que ella firmava com o pseudonimo de Vicomte de Launay, constituem a critica mais fina, a mais fidalga e a mais educada com que se tem honrado o periodismo contemporaneo e esse malaventurado folhetim, que ella atravessou de vestido de baile e hombros nus, deixando impregnado do seu perfume o aristocratico aposento onde tanto almocreve bordalengo tem ido depois d'isso desfadigar o suado couro, fumando ahi o seu brejeiro em holocausto á liberdade que cada um tem hoje de ser desaffrontadamente insipido e mal creado.

Madame de Girardin, que era a distincção personalisada, antipathisava instinctivamente com a plebe, e detestava os republicanos. A aristocracia do talento e a aristocracia da educação tinham n'ella um defensor estrenuo e um campeão denodado, diante de quem emmudeciam os adversarios mais eloquentes e recuavam os mais petulantes. O seu famoso folhetim a respeito das duas sociedades do *faubourg Saint-Germain* e do *faubourg Saint-Honoré* está ainda hoje na memoria de quantos o lêram. A sua dissertação ácerca da igualdade, em que ella combate as theorias de Lamartine, é um admiravel trecho de philosophia. A republica tinha-a ella por um excellente regime cujo defeito unico eram os republicanos.

«Estes republicanos d'hoje — escrevia ella em 1844 — não se parecem nada com os altivos Brutos d'outro tempo. Não escrupulisam na severidade nem na abnegação; querem matar tudo mas é para viverem bem; gostam de sangue, mas tambem gostam de nata; são grosseiros nas maneiras mas são exigentes nos gostos; são ferozes mas não são austeros, e se querem derribar Tarquinio não é para vingar Lucrecia, é para lh'a empalmar.»

Na dissertação sobre a igualdade ha trechos como este:

«Fallam-nos da igualdade perante a lei. Nem essa admittimos. É exactamente perante a lei que a igualdade não póde existir. Perante a lei não ha senão innocentes e culpados, possuidores e usur-

padores, honrados e velhacos, oppressores e opprimidos, assassinos e victimas, e não nos parece que toda essa gente se possa considerar igual.

«Não, os homens não são iguaes nem na vida nem na morte. Não nos citem esse fallado nivel do tumulo, esses sete palmos de terra que bastam para o mendigo e para o rei. Mentira. A morte não igualisa. Na sua hora extrema o homem que viveu com honra não póde ser igual ao que viveu com infamia. No seu ultimo suspiro o que teve uma existencia socegada e alegre não póde ser igual do que soffreu sempre. As virtudes são titulos e os soffrimentos são direitos. Ninguem se aperfeiçoa em vão, ninguem soffre inutilmente. Deus justiceiro recompensa cada um segundo as suas obras e segundo as suas penas. Feliz a alma que tem a intelligencia das suas dôres; para ella têem as lagrimas linguagem e o desespêro promessas. Quem é que não sentiu que Deus nos assignala quando nos fere, e que ha certos pezares, certos tormentos inauditos, insupportaveis, horriveis, que o empenham comnosco por toda a eternidade!»

A par das paginas da mais elevada moral e da mais perfeita religião, Madame de Girardin tinha a réplica acerada e a ironia viva e penetrante.

Ninguem defendeu com mais juizo e mais graça que a celebre folhetinista os titulos nobiliarios que a republica aboliu.

«Sabios economistas — dizia ella — emquanto não tiverdes valores reaes para dar a toda a gente, não destruaes os valores ficticios que alguns possuem; as ficções consoladoras não existem unicamente na poesia. Os titulos que vós abolistes eram um valor ficticio; um titulo é um patrimonio; um rapaz pobre que fosse marquez podia casar-se com uma menina rica que quizesse ser marqueza; vós arruinaes esta esperança. Não vos dá cuidado derrocar para sempre esses calculos da vaidade? Não vos importam essas pobres mulheres que se casaram com parvos para serem condessas? Pois é triste: porque no fim de contas deixam ellas de ser condessas e continuam elles a ser parvos!... Este ultimo titulo não pôde a revolução abolil-o.»

Essa encantadora mulher, que tanto presava a graça, a elegancia e a belleza, possuia no mais subido grau o sentimento da responsabilidade do talento e da probidade litteraria

«Tornaremos a fazer folhetins — escrevia ella em 1848 — nós que estavamos tão contentes no silencio! nós que de tão boa fé tinhamos protestado não tornar mais a escrever! Mas quando ha perigo em fallar não é permittido estar calado. A preguiça torna-se covardia nos dias de lucta, e perde então todos os seus encantos e até a sua realidade porque a perturba o remorso, e o remorso é um grande trabalho para um espirito indolente. Entremos pois na liça corajosamente. Apesar da nossa fraqueza, seremos um campeão terrivel. Não te-

mos arnez mas tambem não temos mascara. Não sustentamos a menor espada na mão debil, mas temos, contra os hypocritas, de todas as armas a mais terrivel ainda na mais fraca mão: uma luz.»

Apesar da sua extrema debilidade nervosa, Madame de Girardin, que estremecia ao rumor de um ratinho, e desmaiava se um morcego lhe entrava no quarto, tinha diante do verdadeiro perigo o valor de um homem e a impavidez de um heroe.

Quando Emile de Girardin foi prêso incommunicavelmente no dia 25 de junho de 1848, correndo em Pariz o boato de que elle fôra secretamente julgado e condemnado á morte, Madame de Girardin, gravemente doente, sahiu de casa a pé e atravessou sósinha as ruas de Pariz em que a revolução popular se extorcia e uivava ameaçadora e medonha.

Quando a revolta lhe bateu ás portas de casa, Madame de Girardin abriu-as de par em par e disse á plebe grosseira e ávida:

—Entrem. Estão abertas todas as portas e as chaves em todas as gavetas. Levem quanto encontrarem, que lhes offereço tudo. Nem o senhor de Girardin nem eu permittimos que em nossa casa um povo de francezes se converta n'um povo de ladrões. O que existe d'estas portas para dentro ganhou-o meu marido e ganhei-o eu. Abençoado o trabalho! Elle que nol-o deu hontem, nol-o saberá restituir ámanhã.

Para qualificar d'estes actos ha uma palavra só, que é o heroismo na mais esplendida manifestação por que elle se póde revelar na determinação de uma mulher.

O derradeiro folhetim de Madame de Girardin, escripto no dia 3 de setembro d'esse mesmo anno, foi-lhe devolvido mutiladissimo pela censura prévia. O poder democratico sustentado nas barricadas pelo fogo dos canhões tremia diante de um folhetim assignado pela gentil parisiense! Madame de Girardin publicou-o tal qual a censura lh'o dilacerára. Contentou-se apenas com additar-lhe as seguintes linhas:

«Perdoai-nos, ou antes perdoai-lhes esta litteratura de estado de sitio. Depois de quinze dias de hesitação, devolvem-nos este folhetim envelhecido, mutilado, sem já ter significação nem sentido. Publical-o assim é modestia, é talvez maldade, porque não ha epigramma nosso que diga tanto como essas significativas reticencias. Expungiram quanto era relevo, supprimiram todas as ideias algum tanto generosas... E é isto a França! este paiz onde nem sequer é permittido procurar ter espirito e ter valor!»

Taes foram as derradeiras palavras traçadas por essa delicada penna, que diriamos herdada de Fénélon ou de Sévigné, e que a morte e a gloria converteram em palma immarcessivel na mão de uma das mais encantadoras mulheres a cujos pés podésse orgulhosamente ajoelhar-se um homem.

Pela belleza, pelo talento e pela bondade, Madame de Girardin foi de feito a rainha do seculo, como lhe chamára o cantor d'*Elvira*.

Jorge Sand, apesar de todos os defeitos de que possam accusal-a como esposa de um homem estupido e brutal, tem elevados dotes de coração patenteados na exemplar ternura filial com que estremece os seus filhos, com quem vive, que a acompanham nas suas viagens e dos quaes ella se não separa nunca. Cumpre dizer ainda que nunca mulher alguma abandonou seu marido com mais dignidade e mais valor. Descendente de sangue de reis, nobre e rica, a baroneza Dudevant deixou na casa conjugal a sua fortuna e o nome que lhe dera seu marido, e trocando o seu palacio pelo quarto mais pobre de Pariz, veio conquistar ahi nas amarguras do trabalho e nas privações da penuria um nome, que é um patrimonio de gloria. Os filhos são os mais implacaveis e incorruptiveis juizes do procedimento dos paes. A mais dolorosa das condemnações é a que esse tribunal pronuncia, a unica rehabilitação verdadeira é a que elle consagra. Ora o filho da baroneza Dudevant chama-se Mauricio Sand. Quer isto dizer que o homem a quem era dado escolher entre os nobres appellidos paternos e o nome da mãe, preferiu este. Quantas são as mulheres culpadas que tenham direito a esperar dos filhos uma decisão igual? As que o poderem dizer levantem a cabeça diante da sociedade, porque estão cabalmente justificadas e plenamente absolvidas.

Jorge Sand inspirou muitas paixões violentas. Não é difficil aos conhecedores da sua biographia descortinar nos diversos romances da insigne escriptora os retratos de alguns dos homens superiores que a amaram. O descaso em que teve Sandeau, cujo nome ella mesma dividira para formar com a primeira metade d'elle o seu appellido litterario, é uma triste ingratidão com o fiel companheiro dos seus dias de lucta travados de tantas amarguras e de tantos desalentos. O indolente mas orgulhoso poeta, ferido na mais vehemente e profunda das suas affeições pelo desamparo da amiga do seu coração, expatriou-se levando na sua alma para a Italia, para onde foi só, a pé, sem dinheiro, sem alegria e sem esperança, o mais negro desengano com que se lhe podia escurecer a mocidade.

Jorge Sand reconheceu mais tarde que se não substitue facilmente n'este mundo o amparo com que nos suavisa muitas mágoas uma d'essas affeições sinceras, que tão loucamente se deixam ás vezes fugir do concavo das mãos em que ellas se acalentavam como a avesinha no seu ninho. Persuade-se a gente que está dando a esse amor uma felicidade que o nosso coração não participa, e só depois que elle nos vôa da suave prisão em que o tinhamos é que se percebe, pelo ôco desconsolo em que se fica, que elle nos levou comsigo um pedaço da nossa alma!

As linhas em que Madame Sand allude, em

uma carta a Rollinat, a esse notavel episodio da sua vida, são a mais dolorida expressão da melancolia, da saudade e do remorso.

«Importa-me pouco envelhecer — diz ella — mas lamento muito envelhecer sósinha. Não encontrei porém o ente com quem eu quizera viver, ou, se o encontrei, não o soube conservar.

«Ouve a historia que te vou contar e chora.

«Houve um artista chamado Watelet, que gravava a agua forte melhor do que nenhum homem do seu tempo. O gravador amou Margarida le Conte e ensinou-lhe a gravar como elle. Ella abandonou seu marido, os seus bens e a sua patria e foi viver com Watelet.

«A sociedade amaldiçoou-os. Depois, como eram modestos e pobres, a sociedade esqueceu-se d'elles.

«Quarenta annos passados descobriu alguem nos suburbios de Pariz, em uma casinha chamada o *Moulin-Joli,* um velho que gravava a agua forte e uma velha a quem elle chamava a sua moleira, e que gravava como elle sentada á mesma banca. O primeiro ocioso que deu por esta maravilha annunciou-a aos outros, e muita gente foi ao *Moulin-Joli* vêr esse phenomeno: um amor de quarenta annos, um trabalho sempre assiduo e sempre amado; dois bellos talentos gemeos, Philémon e Beucis no mesmo tempo em que viviam as senhoras de Pompadour e Dubarry! O caso fez época, e esse miraculoso par teve os seus cortezãos, os seus

amigos, os seus admiradores e os seus poetas. Felizmente os dois amantes morreram logo adiante de velhice, antes que a sociedade tivesse tido tempo de estragar tudo com o seu contacto.

«O ultimo desenho que elles gravaram representa o *Moulin-Joli,* a casa de Margarida, com esta divisa: — *Cur valle permutem Sabina divitias operiosiores?*—Tenho-o encaixilhado no meu quarto por cima de um retrato cujo original ninguem conhece aqui. Durante um anno o ente que me legou esse retrato sentou-se todas as noites commigo á mesma banca, e viveu commigo do nosso trabalho commum. Ao amanhecer conferenciavamos ácerca da nossa obra, e ceavamos á noite na mesma mesa em que escreviamos, conversando em coisas da arte, do sentimento e do futuro. O futuro faltou-nos á palavra.

«Pede por mim a Deus, ó Margarida le Conte!»

Se não tem alma para amar, tem-a ao menos para padecer quem escreveu essas palavras em cada uma das quaes se vê borbulhar uma lagrima.

Madame Gay, mãe de Madame de Girardin, á qual esta, segundo diz Lamartine, succedeu em dois thronos — o da belleza e o do talento — tendo como ella a bondade que obriga a amar o que se admira, presidiu igualmente a um dos mais celebres salões de Pariz, e escreveu um livro notavel a *Physiologia do «Ridiculo»,* cujos capitulos,

cheios de *verve* e escriptos com esse ar de facilidade tão difficil de obter, são os prenuncios do folhetim jovial e frizante como elle appareceu mais tarde.

Dejazet, a celebre actriz, cujo typo se tornou legendario, passou pela mais engraçada creatura que tem tido a Europa. Faziam-se muitos volumes com as anecdotas que se lhe attribuem e com a historia dos amores que ella inspirou. Nenhuma mulher talvez terá tido aos pés tantos millionarios, tantos poetas, tantos principes e tantos reis como ella. Dejazet ria-se das victimas illustres que fazia e enternecia-se como uma creança verdadeiramente namorada perante a declaração singela de um affecto humilde e verdadeiro. Entre os autographos dos seus numerosos admiradores guarda ella com muito apreço um pequeno bilhete que um dia lhe lançaram ao palco e que diz assim: «Menina Dejazet—Tenho-a no sangue das veias, e venho aqui vêl-a todas as noites. Chamo-me Augusto e sou fundidor de bronze. Se quizer dar-me uma entrevista para domingo que vem, mande-me a carta pela *ouvreuse*. Para me reconhecer saberá que sou eu que estou sentado na galeria com as pernas de fóra da grade. D'este que muito a ama, Augusto.»

Eu vi ha quatro dias Dejazet, agora septuagenaria, representar, no theatrinho que tem o nome d'ella, um dos mais bellos papeis do seu applaudidissimo repertorio—*Bonaparte na Escóla de*

Brienne. Quando vi entrar na scena com passo firme e olhar meditativo e seguro o mancebo de quinze annos a quem devia pertencer mais tarde o imperio da França, vestindo airosamente o uniforme dos collegiaes de Brienne, tanta meninice havia no seu rosto e tanta elegancia marcial nos seus gestos e nas suas fórmas, que eu nunca supporia que alli estivesse Dejazet, a afamada heroina do palco e do *boudoir,* que já pertencia á historia, á tradição, ao romance e por assim dizer á posteridade quando eu tinha nove annos! Denunciou-m'a o trovão de palmas que a acolheu e o garbo perfeitamente superior com que ella se inclinou para as agradecer. Ouvi-a depois cantar os successivos *couplets* do *vaudeville* com uma voz pequenina, mas clara, afinada e segura; vi-a marchar solemnemente á frente dos alumnos da Escóla militar, correr ao encontro da revolução tramada pelos collegiaes, galgar acima das mesas com a presteza de um verdadeiro rapaz e apostrophar os revoltosos com o impeto e a energia de um estudantinho que verdadeiramente se chamasse Napoleão Bonaparte! Era um completo milagre o que eu tinha á vista dos meus olhos.

No dia immediato fui apresentado a Dejazet, que eu morria por conhecer particularmente. Encontrei-me então com a mãe de familia, uma senhora de vestido de *moire* preto e touca de rendas brancas, com os cabellos encanecidos penteados em dois rolos sobre as fontes, um rosto magro,

um sorriso de muita expressão e de muita bondade, e um olhar esmorecido, mas extremamente meigo e intelligentissimo, deixando transparecer a limpidez de uma alma que se extingue na convicção de não ter feito mal a ninguem.

Fui recebido com muita affabilidade; estendeu-me uma mão descarnada mas ainda bella, alludiu á sua filha, que ella adora, como á sua maior felicidade, e fallou-me da familia, do trabalho e da gloria como da trindade augusta em que se acha resumida a maior felicidade que nos é dado possuir na terra.

Augustine Brohan, que ainda hoje está nova e bella, apesar da intensa myopia que lhe tem affectado os seus bellos olhos, é geralmente considerada como a creatura de mais espirito que tem Pariz. É ella quem preside como verdadeira soberana ás mais finas palestras do *foyer* dos artistas no Theatro Francez. Nas suas salas, que ella abre uma noite por semana, solicitam vivamente a honra de serem apresentados os homens notaveis de todas as gerarchias aristocraticas. Quinze minutos de conversação com ella dão a qualquer litterato assumpto para o mais interessante folhetim. Ella mesma é authora de varias comedias, muitas ineditas, outras já applaudidas pelo publico. Senhora da mais firme rectidão de caracter, é implacavel com todos aquelles que voluntariamente se deixam macular por um acto mau. Idólatra do bello e admiradora desinvejosa de todos os que o cultivam,

nunca perdoou ao genio de Rachel o seu egoismo sordido, nem ao talento de Dumas a sua ingratidão leviana. Quando o author do *Antony* e dos *Tres Mosqueteiros* desconheceu publicamente os beneficios que recebera da familia de Orléans, foi Augustine Brohan quem o obrigou a tragar o fel de tal deslealdade em uma celebre polemica, na qual o pulso inexperiente da jovem actriz obrigou o portentoso romancista a curvar-se-lhe aos pés. Entre os cem biographos d'esta sympathica mulher ainda nenhum deixou de se descobrir reverentemente diante d'ella tendo de alludir á immaculada probidade da sua alma, ao extraordinario desinteresse, á extrema caridade e á varonil firmeza do seu bello espirito e do seu grande coração.

De Madeleine Brohan, irmã d'Augustine, a qual ainda hoje sustenta como ella na *Comedie Française* as mais bellas tradições da elegancia, da distincção e do atticismo classico, basta citar um facto da sua biographia, o qual encerra o mais tocante elogio que se póde fazer de qualquer mulher. Um viajante inglez, cujo nome é conhecido em Pariz com todas as suas lettras, ajoelhou-se um dia aos pés de Madeleine Brohan e declaroulhe que a amava com a unica paixão profunda, séria e verdadeira da sua vida. Ella observou-lhe que, com quanto separada de seu marido depois de muitos annos, tinha, perante a sua consciencia de mulher casada, deveres que se lhe levaria a

bem que não esquecesse nunca. O inglez acceitou as relações de simples amizade que lhe foram offerecidas em troca do seu ardente affecto. Ao cabo porém de poucos dias, d'esta convivencia impossivel para um homem verdadeiramente apaixonado, ao entrar uma noite na solidão do seu quarto, fez saltar os miolos com um tiro de rewolver. Encontrou-se-lhe uma carta sentidissima em que elle se despedia da sua bella amiga com a veneração e respeito de quem poisa os labios sobre as reliquias de uma sancta, e junto com essa carta um testamento perfeitamente authentico em que elle nomeava Madame Brohan universal herdeira de todos os seus bens. Havia n'esse testamento uma clausula em que o inglez advertia que, no caso de não querer a legataria acceitar a herança que elle lhe legava, reverteriam os bens do testador em favor da instituição dos orphãos do imperio. Madeleine ouviu lêr o testamento em casa do commissario de policia da rua Feydeau, onde o inglez fallecera, e sem hesitar um momento, firmou immediatamente, em favor das creanças desvalidas, a desistencia da avultada herança de que estava senhora. Pede-se áquellas mulheres que, tendo na sociedade o bellissimo e incontrastavel predominio da virtude, tão facilmente erguem o braço para apedrejar as que no theatro muitas vezes abusam infelizmente da liberdade do coração, que, antes de despedirem a pedra, perguntem ao seu valor se elle sustentaria similhante rasgo e se esta pro-

bidade d'homem não deve ter algum pêso n'uma reputação de mulher.

A lembrança das duas Brohan traz-nos naturalmente á memoria o nome de Rose Chery, uma outra actriz ultimamente fallecida, cujo epitaphio foi concisa e eloquentemente escripto por Dumas filho na seguinte carta em que elle consagra ao filho da finada a primeira edição da sua comedia —*Les idées de Madame Aubray:*—«Meu querido menino, quero dedicar-te esta comedia. Pertence-te de direito. Madame Aubray é a fé, a dedicação e o sacrificio. É o que foi tua mãe. Beijo-te.»

Não quero lançar os olhos ao passado para não me deter por muito tempo fallando-lhes:

De Madame Roland, que escreveu no captiveiro as suas admiraveis *Memorias* e cuja biographia é a mais bella pagina da historia da França durante o dominio do terror;

De Madame de Longueville, a celebre heroina do *hôtel Rambouillet,* a cujos pés se ajoelharam, fascinados pelos encantos do seu espirito, os principes de Turenne, de Nemours, de Beaufort e de la Rochefoucauld;

De Madame Necker, a esposa do celebre estadista, a perceptora de Madame Staël, a authora des *Mélanges,* des *Nouveaux Mélanges,* des *Réflexions sur le divorce* e de varias outras obras, a fundadora do hospital que tem o seu nome, a esposa, a mãe e a amiga, de quem seu marido dizia

—que só lhe faltava ter um defeito qualquer para ser a mulher perfeita;

D'outra Madame Necker, sobrinha da precedente, que recebeu o premio Montyon pelo seu livro intitulado *Educação progressiva;*

De Madame de Genlis, authora de innumeras obras da mais pura e da mais sã moral e preceptora de Luiz Philippe, do duque de Montpensier e do conde de Beaujolais;

De Madame de Coulanges, que deixou tão bellas cartas como as de Madame de Sévigné, a qual tinha por ella a mais affectuosa admiração;

De Mademoiselle de Scudéry, a qual, apesar das satyras de Boileau e da critica de Molière, contribuiu não pouco com os seus livros, um tanto soporiferos, para lançar na litteratura moderna os fundamentos do romance contemporaneo;

De Mademoiselle Aïssé, a celebre escrava circassiana, que vindo para Pariz aos quatro annos de idade, falleceu aos trinta e oito, legando uma bella collecção de cartas, que tiveram a honra de ser publicadas e annotadas por Voltaire;

De Mademoiselle de Tencin, mãe do celebre d'Alembert, a qual primeiro foi amante de Dubois, de d'Argenson e do marechal d'Uxelles, e mais tarde particular amiga de Fontenelle e de Montesquieu, o qual lhe deveu a ella a reputação que adquiriu, apenas appareceu o seu livro do *Espirito das leis;* authora do *Comte de Comminges,* livro tido por La Harpe no mais alto conceito, e

senhora finalmente de um dos mais brilhantes salões que tem havido em França;

De Madame de la Fayette, authora do admiravel romance a *Princesse de Clèves,* a qual senhora teve com La Rochefoucauld intimas relações d'amizade, que duraram vinte e cinco annos, dizendo ella orgulhosamente do celebre moralista: — «Elle deu-me talento, mas eu reformei-lhe o coração»;

De Mademoiselle de La Vallière, para a qual Lafontaine escreveu aquelle bello verso: — *Et la grâce plus belle encore que la beauté,* — e da qual Madame de Sévigné dizia: — «É uma creatura como se não tornará a encontrar outra esta violetasinha que se escondia na relva e que se envergonhava de ser amante, de ser mãe e de ser duqueza»;

De Ninon de Lenclos, um dos mais scintillantes espiritos de mulher que é possivel conhecer, em volta de quem se reuniu a flôr da mocidade do seculo XVII, a primeira pessoa que estendeu a mão a Voltaire e a primeira que ouviu o *Tartufe* da propria bôca de Molière, essa galante rapariga de quem Jules Janin escreveu que *é o mais honrado rapaz do seu tempo;*

De Madame de Lambert, de cujas obras de educação se têem feito innumeras edições e em quem dizia o severo Fénélon que as qualidades do coração eram ainda superiores aos dotes do espirito;

De Mademoiselle de l'Espinasse, cujas cartas são um modelo de stylo e d'amor apaixonado, vehemente, mysterioso e unico;

De Madame du Chatelet, a mulher amada de Voltaire, a qual, sendo ainda creança, escrevia uma traducção em verso das obras de Virgilio, e que mais tarde publicou as *Instituições de Physica*, que são um resumo da philosophia de Leibnitz;

De Madame de Charrière, a authora do conhecido livro *Lettres de Lausane;*

De Mesdames Cottin, des Houlières, de Duras, de Dufrenoy, de Krüdner, de Valmore, de Rémusat, de Houdetot, de Montmorency, de Mademoiselle de Launay, de Mesdames de Ventadour, Vintimille, de Chantal, de Grammont, de Thianges, de Grignan, e de innumeras outras mulheres bellas, amaveis, talentosas, suductoras, cuja lista seria quasi impossivel perfazer-se.

Entre as mulheres contemporaneas ha ainda muitos nomes, alguns dos quaes não podemos omittir depois dos que temos exposto.

Madame de Lamartine, que cultivava de um modo notavel a bella arte de Roza Bonheur, era uma sancta.

Madame Victor Hugo, a corajosa companheira do illustre exilado, consagrando-se inteiramente ao amor da familia, compendiou n'um livro, que toda a gente leu, a historia immortal de seu marido.

Madame Surville (*neé* de Balzac) escreveu a historia da vida e das obras de seu pae.

Madame Thierry é uma senhora tão notavel pelo seu talento litterario como pela sua constante e profunda affeição á pessoa e á gloria de seu esposo.

Maria Dumas, authora do livro intitulado *Au lit de mort,* é uma das mais bellas producções de Alexandre Dumas, author de tantas outras obras immmortaes.

Madame Guizot, moralista do genero de Labruyère e authora dos celebres folhetins do *Publiciste,* é uma escriptora de relevantissimo merito.

Madame Sardou, a esposa do afamado dramaturgo, nunca permittiu que este despendesse nos seus brilhantes e nos seus vestidos o fructo do seu glorioso trabalho, administrou a parte material dos bens de seu marido de modo que os duplicou em pouco tempo, e recusou constantemente acompanhal-o aos salões parisienses onde lhe dava um brilhante logar a reputação tão rapidamente firmada do author da *Famille Bênoiton* e de *Nos intimes.* Esta bella senhora possuia as mais eminentes qualidades de condescendencia, de resignação e de amor que podem distinguir para o respeito e para a veneração da sociedade o modelo das esposas providenciaes dos homens de lettras, d'esses sempre arrependidos e nunca emendados dissipadores do espirito, do coração e do dinheiro. Madame Sardou tinha, sobre estes elevados dotes de esposa e de mãe de familia, o mais fino criterio litterario. Quando as comedias de Sardou se achavam

nos ultimos ensaios, dizia-lhe ainda sua mulher:— «*Eh bien, tu as fait la soupe, je vais la gouter.*» E acompanhava-o ao theatro, sentava-se junto d'elle e começava a analysar com o mais raro juizo as bellezas e os defeitos da peça ensaiada na sua presença. O público nunca deixou de confirmar nas primeiras representações os juizos emittidos em particular pela sincera amiga do author, de sorte que quando ella intimamente condemnava uma scena, uma situação, uma palavra, Sardou eliminava immediatamente da sua obra a passagem reprehendida.

O applaudido dramaturgo não tornou a escrever para o theatro depois que a mais dolorosa enfermidade lhe roubou dos braços a meiga e modesta consocia do seu trabalho e da sua gloria. Marido e dramaturgo sabe que o deixou duas vezes viuvo a falta d'essa mulher insubstituivel, que a morte tão prematuramente roubára á sua gratidão e á sua estima.

Quando o conde Rossi, inteiramente arruinado, esteve a pique da miseria, a condessa sua mulher abandonou os salões mais aristocraticos, onde era recebida como uma das rainhas da elegancia e da moda, e entrou corajosamente na carreira theatral, onde lhe dava accesso a sua brilhante vocação artistica.

A condessa Rossi pagou pelo palco as dividas enormes contrahidas por seu marido na primeira sociedade parisiense.

A mais vulgar mulher de Pariz é, na minha opinião, a fidalga do *faubourg Saint-Germain*. A fidalguia do sangue é um nivel assustador. Só por excepção muito rara se sóbe acima do padrão assignalado pela raça a certos individuos. O destino, que lhes não permitte que sejam menos do que nascem, parece compensar este favor que lhes prodigalisa não admittindo tambem que sejam mais.

Uma fidalga, em qualquer parte do mundo, é sempre uma fidalga... mas tambem não passa nunca de uma fidalga. São, pouco mais ou menos, o mesmo por toda a parte estas mulheres nobres. Quem tiver conhecido uma tem conhecido todas com as mesmas virtudes e os mesmos defeitos, os mesmos rasgos e as mesmas abusões, as mesmas crenças nativas e os mesmos ridiculos vinculados, com levissimas modificações procedentes das circumstancias do clima e da educação em paizes diversos.

Os artistas de theatro — custa-me affrontar com esta declaração a aristocracia da intelligencia e as falsas convicções de muita gente de boa fé— não entram nas salas do *faubourg Saint-Germain* senão para se fazerem ouvir, receberem o estipendio do seu trabalho e retirarem-se depois.

Quando a condessa Rossi entrou em scena com o passo firme e o gesto grandioso de uma honrada e heroica mulher, fecharam-se-lhe nas costas as portas de todos os salões em que ella tinha entrada.

Na embaixada ingleza deu-se por esse tempo um grande baile, e a embaixadora de Inglaterra, querendo calcar esse inexplicavel preconceito, convidou a condessa Rossi, e passeou-a pelo seu braço ao longo das salas deslumbrantes de elegancia e de luxo. Apesar d'isto, porém, nem uma só das antigas amigas de Madame Rossi lhe estendeu por caridade as pontas dos seus dedos ociosos e inuteis! A condessa teve de tragar sósinha o vexame do seu heroismo e a humilhação da sua superioridade.

E no emtanto achavam-se alli muitas mulheres intelligentes e desvanecidas, e teria por certo mais valor do que alguns tristes metros de veludo e alguns pobres centenares de perolas a coragem da que se levantasse para dizer á condessa Rossi o seguinte:

«Minha senhora, vossa excellencia, que, para salvar a honra de seu marido, exhibe no palco o elevado talento com que Deus a dotou, val muito mais do que nós, que por ventura vamos arruinando os nossos n'este despenho d'ostentação e de luxo, sem termos com que poder saldar essa terrivel conta de desvanecimento e de dissipação. Á nossa voz movem-se alguns mercenarios, que nós pagamos a pêso d'oiro; á sua estremecem os corações e rebentam as lagrimas das multidões subjugadas e extaticas. Aos seus pés chovem as flôres, as victorias e os triumphos; aos nossos jazem apenas as semsaborias de um enfatuado ou as admirações

de um tôlo. Reconhecendo a enorme distancia que nos separa, admiro-a e estimo-a tanto mais quanto menos poderia seguil-a ou imital-a.»

Pois quê, minhas nobres e elegantes damas! Não reconheceram já que é esta a ultima verdade? Não lh'a está dizendo a sua propria consciencia muito mais eloquentemente do que a minha voz?

Reparem, minhas senhoras, que o que vossas excellencias estão tão imprudentemente fazendo todos os dias é uma declaração d'hostilidades a uma potencia poderosa, que muito melhor fôra ter por alliada que por inimiga. Suspensas por tal fórma as garantias, o que primitivamente era uma usurpação passa a considerar-se depois um direito de conquista. Vossas excellencias perdem, desde esse momento, o direito de perguntar ás mulheres laboriosas e independentes, a quem primeiro insultaram, que destino se dignaram ellas dar mais tarde á fortuna dos paes, á tranquillidade dos maridos e ao futuro dos filhos das que provocaram as represalias com o desprêso e com a ignominia.

É bom saberem que, sempre que a aristocracia do talento e a aristocracia do sangue se encontram frente a frente, a que terá por ultimo que descer é a segunda. O conflicto nem sequer se sustenta por muito tempo. Os fidalgos pela familia têem por si a consideração e o respeito das pessoas bem educadas; os fidalgos pela intelligencia têem á sua conta o poder, a força, o mando e a

fascinação para todos aquelles a quem chegar o contacto electrico da sua vontade.

Se quizerem continuar a quebrar lanças com um tal inimigo, ouçam, pelo menos, e guardem, minhas senhoras, este conselho amigavel:—Não mandem nunca sahir á estacada os homens da sua familia; essas mulheres que vossas excellencias desafiam com a desconsideração que lhes votam, sabem o meio de lh'os devolver no dia immediato pobres se eram ricos; se eram intelligentes, tontos, e, se eram morigerados e sobrios, embriagados nos braços dos seus lacaios.

E de dizer que as mesmas senhoras que recusavam um gesto d'estima á condessa Rossi se não envergonhavam de se recostarem sorrindo nos braços do conde que valsava com ellas em todos os salões de Pariz, e ia para os seus camarotes do theatro dos Italianos, de gran-cruz e de gravata branca, applaudir ou reprovar o desempenho da cantora que tão valorosamente o sustentava.

Uma das principaes virtudes da parisiense é a economia. A mulher de Pariz só é prodiga do dinheiro dos outros. Habituada a viver entre as maiores tentações do luxo e do prazer, costuma-se a não ter mais desejos do que p'de realisar. Emquanto as burguezas que viajam despovoam as brilhantes *étalages* dos armazens de modas da *Chaussée d'Antin* e do *boulevard* dos Italianos, a legitima parisiense tem apenas um vestido de inverno e um vestido de verão, os quaes ella refor-

ma e remoça com um artificio cujo segredo ninguem mais conhece. Sabe de todas as liquidações e de todos os leilões em que se compra barato, e é capaz de andar uma legua para ir á rua *du Bac* buscar um lenço por menos cinco centimos do que no *faubourg Saint-Denis*. Poupa muito as luvas porque é acciada como um canario, mas, apesar d'isso, manda lavar o mesmo par umas poucas de vezes ficando assim com outros tantos pares apparentemente novos pela modica somma de quarenta centimos por cada par. São exigentissimas no córte dos vestidos e na fórma e no cosido das botinas, porque sabem que o calçado e o fato bem feito duram dobrado tempo. Os seus almoços e os seus jantares são verdadeiros modelos d'invenção, de bom gosto e d'economia.

Qualquer que seja a sua posição na sociedade, a parisiense, ordenando a receita e a despeza com um talento financeiro digno do melhor ministro da fazenda, accumula sempre um pequeno peculio para os seus dias de enfermidade, de infortunio ou de velhice. Não acredita muito na intervenção dos sanctos nos negocios das flôres contrafeitas, da illuminação de estampas ou no fabrico de colleirinhos, e não obstante ir á igreja ao domingo, determina ser ella propria a providencia de si mesma. É admiravel a tenacidade com que uma operariasinha de pequenissimos rendimentos consegue ganhar cinco luizes em cinco annos! São vulgarissimas em Pariz as cosinheiras que se re-

tiram á disponibilidade para viverem dos seus rendimentos, bem como as porteiras que mandam os filhos para a universidade e dão dote ás filhas.

Isabel, a afamada vendedora de ramilhetes, que tem o privilegio da entrada no *Jockey-Club* e que é recebida nas tribunas e no *pesage* em dias de *courses*, tem cavallos excellentes, criados, carruagem e casa muito bem montada, põe um vestido de quinhentos francos para cada corrida de cavallos, tem uma soffrivel fortuna, não deve nada a pessoa alguma, e continúa a vender ramilhetes.

Angelica era uma boa velha que ia todas as madrugadas para o *Petit Pont* vender café e copinhos de *cognac* aos operarios madrugadores; ás nove horas da manhã a policia obrigava-a a levantar o seu botequim ambulante, e concluia ella os seus negocios até á madrugada seguinte. Esta mulher falleceu ha dias deixando uma fortuna de dez mil francos. Não me seria difficil, a mim que estou em Pariz ha apenas quatro mezes, citar vinte exemplos similhantes.

Todas as parisienses adoram Pariz, preferindo o seu *faubourg* ou o seu *boulevard* a tudo quanto possa haver de invejavel no universo. Madame de Staël em presença do admiravel *lago di Como*, dizia ingenuamente que preferia o seu ribeirinho da rua *du Bac*. Apesar d'isso porém a parisiense comprehende e aprecia, como poucas mulheres, as grandes bellezas da natureza. Não ha rapariga,

por pobre que seja, que não tenha sobre o seu telhado um vasinho de flôres, o qual resume para ella quanto ha grande e bello nos campos e nas montanhas. As pobres vão sempre passar devotamente alguns minutos do verão á sua janellinha com a mesma alegria e com o mesmo enthusiasmo com que as ricas vão passar alguns mezes em Baden ou em Ems.

Ha muitas mulheres na Europa que possuem encantos de que a parisiense carece. As portuguezas são mais dedicadas e mais constantes, as hispanholas são mais apaixonadas, as inglezas são mais bellas. A parisiense reconhece esta inferioridade e inventou a elegancia para supplantar a belleza, a amizade de rapaz para substituir a paixão de mulher, e a mais meiga benevolencia com as frivolidades alheias para que se lhe desculpem as suas.

Não é geralmente muito illustrada e estuda pouco: reconhece que tem uma missão superior á de lêr o que os outros escrevem. Um dia disseram a uma d'ellas: —«A senhora diz tolices.» Ella respondeu: —«Não, faço-as fazer.» Ora succede-lhe com os livros que a instruem o mesmo que com as tolices que a desacreditam.

A sua preponderancia procede da sua razão clara e perspicacissima, á qual ella subordina sempre todos os actos e todos os sentimentos. As suas qualidades e os seus defeitos têem origem n'esse predominio do entendimento sobre todas as facul-

dades do espirito e do coração. A parisiense tem o discernimento como um instincto — o instincto de Voltaire.

Eu, que tinha visto a parisiense viva, quiz vêr tambem a parisiense morta, e fui hontem, dia dos finados, ao *Père Lachaise.*

A porta, apesar de ser apenas meio dia, havia duas longas filas de carroagens da praça e de trens particulares.

O respeito que ha em França pelos mortos em poucas partes encontrará equivalente. Ninguem fuma nos cemiterios, ninguem ri, ninguem falla alto. O campo do repouso eterno é verdadeiramente aqui o templo da saudade. As arvores têem uma sombra mais triste do que entre nós; os arruamentos, os tumulos, as inscripções, as flôres mesmas um aspecto mais recolhido e mais funerario.

O *Père Lachaise* é atravessado n'este dia em todas as direcções por immensos grupos, silenciosos, e meditativos. É a romagem da melancolia.

N'estes grupos sobresahem principalmente as mulheres: as mulheres de todas as gerarchias, excepto as que pertencem a essa classe de contrabando a que se chama o *demi monde.* N'isto ha um grande testemunho de religioso respeito pela sanctidade dos tumulos: a mulher do *Quartier Bréda,* que invade sempre todos os sitios onde, sob qualquer pretexto, se reune a sociedade elegante, entra na igreja de *Notre Dame de Lorette* á missa da uma hora, mas não vai ao cemiterio.

As damas mais aristocraticas do *faubourg Saint Germain* andam alli misturadas com as ultimas mulheres do povo, umas e outras tristes, recolhidas, lacrimosas.

As senhoras elegantes levam uma corôa de perpetuas ou de saudades. A *grisette,* a sympathica *grisette,* que eu julgava ter desapparecido, alli a encontrei no dia dos finados ao pé das recordações queridas da sua alma. Lá a vi, a gentil operariasinha dos admiraveis romances de Paulo de Kock, expedita, leve, acciada como um passarinho, com o seu vestido de lã abotoado até o pescoço, o colleirinho alvissimo dobrado em cima de uma gravatinha preta, a sua classica touca branca atada para debaixo da barba sem lhe esconder os cabellos penteados singelamente, mas com o mais esmerado aceio.

A operaria não leva corôas ao *Père Lachaise,* leva uns vasinhos com jacinthos, com uma hera ou uma roseira, dos quaes ella certamente despovoou a janella da sua agua furtada para adornar, simples mas eloquente e elegantemente, a campa dos que lhe são caros. Enternece vêl-a, levando sobraçadas as suas flôres e o regadorsinho do seu quarto, airosa e lepida apesar do seu complicado carreto, cortar a direito por entre os cyprestes para o seu tumulo querido, com a mesma graça de quem se fosse lançar nos braços do amigo do seu coração que a esperasse para a valsa no baile domingueiro do seu bairro; ou, mais tarde, dispondo as

plantas que levou, no seu funerario jardim de sete palmos de terra, e enxugando os olhos com a ponta do avental emquanto o irmãosinho, que trouxe pela mão, a contempla, arregalado e attonito de vêr tão sinceramente chorar assim a sua alegre companheira.

Guarde-vos Deus, creaturas activas, tabalhadoras, operosas, intelligentes e sensibilissimas, da convivencia dos que vos calumniam sem vos conhecerem. Eu, ultimo dos peregrinos que n'esta nova Meca dobraram o joelho diante da divindade encantadora que n'ella preside ao augusto sacrificio da civilisação, eu espalharei por toda a parte a impressão que levo da vossa incansavel actividade, do vosso finissimo criterio, do vosso eminente bom gosto e da vossa profunda influencia no progresso da intelligencia e do trabalho em todo o mundo, e guardarei no fundo da minha alma a lembrança das vossas expressivas lagrimas, por tanto tempo como a dos vossos encantadores sorrisos.

Segundo a ultima estatistica da população, apresentada ao imperador pelo snr. Baroche, ha em França 19.014.109 homens e 19.052.965 mulheres, isto é, trinta e oito mil mulheres a maior. Estas trinta e oito mil mulheres, em um paiz onde não se authorisa a polygamia, estão naturalmente impossibilitadas de ser esposas e de ser mães. Com quanto estas mulheres banidas da familia sejam as primeiras que os estrangeiros encontram ao che-

gar a Pariz, cumpre advertir que se não tractou d'ellas no decurso d'estas notas.

Talvez me observem ainda que eu me occupei mais de virtudes que de defeitos. Respondo, que os defeitos das parisienses são ainda uma virtude:

A virtude das que os não têem.

PONSON DU TERRAIL

Se na disciplina litteraria houvesse o saluberrimo rigor da policia em terras civilisadas, se aos crimes do litterato se applicasse uma pena equivalente á que pune os crimes do cidadão, o snr. Ponson du Terrail, segundo todas as probabilidades, estaria ha muito tempo no degredo arrastando um fuzil ou nas galés puxando a um remo.

Os romances assignados com o nome Ponson, com excepção de um ou outro volume ou de um ou outro capitulo em algum volume, são lettras facinorosas. Corrompem o gosto como empadão indigesto, irritam os paladares com o perrechil de successos estapafurdios e estramboticos, e arruinam os estomagos intellectuaes com succos derrancados e pôdres.

Habitua-se alguma gente a lêr estes livros assim como se habitua ao absintho, ao queijo bichoso e ao tabaco de fumo. É um mal enorme.

O enredo de um livro consta de um enlace e de um desenlace, de uma situação ou de um conjuncto de situações, que constituem um problema, e de um desfecho, que é a solução d'esse problema. Intrincar os dados da proposição que se ha de resolver, amontoar situação sobre situação para tornar o problema mais difficil, isto, que desperta a attenção e o interesse, isto, que não offerece grande difficuldade, sabe fazel-o o snr. Ponson. O segundo trabalho do romancista consiste em achar a solução exacta e perfeita dos principios que expoz. Se esta solução não apparece, o livro fica sendo apenas um enunciado mais ou menos chôcho, mais ou menos absurdo, mais ou menos atrevido. Ora os livros de Terrail não têem solução.

Apenas elle sente nos dedos o fio de uma narrativa, principia a dar-lhe nós sobre nós, torcendo-o, envencilhando-o, emmaranhando-o o mais que póde.

O leitor pasma maravilhado de tamanha confusão e pergunta a si mesmo como será possivel desenvencilhar essa meada, desdar tantos nós, adelgaçar tanto empaste, e retirar por fim d'esse embroglio inextricavel o fio da verdade e da logica, inteiro, liso e corrente.

Ponson, ao vêr o leitor assim embasbacado

diante da sua obra, exclama então da ultima pagina do livro:

—A apostar que nem tu nem ninguem era capaz de desembrulhar esta barafunda! Sabes?... um! Sabes?... dois! Sabes?... tres!

—Não, divino e incomparavel Ponson: confesso-te que não sei.

Ponson mette a mão na abertura do collete, investe com a fronte para os astros e conclue triumphantemente:

—Nem eu!

E emquanto por tão facil modo Ponson du Terrail augmenta infinitamente o numero das suas publicações, os escriptores conscienciosos, honrados e sinceros descontam no trabalho, na fadiga e na sombra a boa fé com que acreditam ainda na arte, no bello e no ideal!

Ha o que quer que seja de commum entre Terrail e Dumas, mas é preciso em honra do segundo que o não confundamos inteiramente com o primeiro.

No celebre drama de Dumas que ultimamente voltou á scena do theatro de Cluny, Antony, surprehendido pela aproximação do marido atraiçoado no momento em que tem nos braços a mulher amada, cuja fronte elle não póde salvar do ferrete infamante da deshonra, Antony, amado e amante, crava um punhal no seio da mulher que lhe entregou a sua vida com a sua honra, e salva-lhe a memoria perante a sociedade e perante o esposo atto-

nito, sacrificando-se a si proprio n'esse dicto sublime, que faz sorrir de mofa a geração contemporanea: — Resistia-me, assassinei-a.

No tempo em que este drama recebia os primeiros applausos que o immortalisaram e fizeram legendario o nome do seu heroe, foi prêso um dia e levado perante os tribunaes um gatuno embriagado que matára com uma navalhada uma mulher de má vida. Ás perguntas do juiz o *voyou* respondeu, erguendo-se do seu banco, arremettendo com a testa para as nuvens e pondo a mão no coração: — Resistia-me, assassinei-a.

Se me é licito empregar um simile que exprime perfeitamente a minha ideia, na litteratura Dumas é o Antony, Terrail é o *voyou;* aquelle o crime no heroismo, este o crime na lama.

Dumas sacrificou muitas vezes nas suas obras a inspiração á abundancia, a verdade dramatica ao effeito scenico, o genio ao modo de vida. Apresenta-se frequentemente com uma couraça de papelão doirado em vez de uma armadura d'aço; para não ter o trabalho de lançar a mão ao trophéo das suas armas, substitue, como o heroe da Mancha, o elmo, que tem em casa, pela primeira bacia de barbeiro que lhe apparece no caminho, uma regua de pau por uma lamina de Toledo, um rabinho de coelho pelo pennacho de Henrique IV e o guincho de um polixinel pelo grito de um coração.

Mas, palpando-se bem, sente-se que está gente debaixo d'essa pompa carnavalesca, que o elmo de

Quichote cobre uma cabeça de poeta e que o sabre de pau d'Arlequim está no punho de um homem. A verdade social é dilacerada e a exacção historica é tractada nos livros de Dumas como a porcelana nas ceias de *cocottes* na *Maison Dorée:* come-se n'ella por um momento e atira-se em seguida á rua. Mas entre esses destroços, em que ha sempre um ar phantastico de alegria e de festa, como se o Champagne estalasse e espumasse ainda por entre os cristaes quebrados, e as ostras e as tubaras sapateassem um *cancan* sobre os cacos de Sevres; entre esses estragos de um estroina impetuosamente juvenil, ha, digo, alguma coisa real, viva, palpitante, eterna: a sinceridade das grandes paixões, a verdade do coração humano.

Ora nos romances do snr. Ponson du Terrail não ha verdade de nenhuma especie.

Dumas faz alguma vez negocio com o talento, Terrail faz d'elle contrabando, logração e falcatrua.

Conhece-se a palavra *terralhismo* adoptada para designar essa profanação da poesia e da arte de que Ponson é o principal réo. Vinga-se a critica algemando assim á proeza o nome do heroe: *terralhismo* vem de Terrail, assim como *fajardice* de Fajardo.

É de muito mau exemplo a impunidade n'estes casos. Pune-se o homem que adultera os generos alimenticios, porque se não ha de punir o sugeito que adultera os generos litterarios! O indi-

viduo que offerece ao nosso espirito uma pieguice em vez do amor, uma bravata em vez da valentia, e em vez do valor uma pêta, outra pêta em vez da religião, outra pêta em vez da coragem, uma pêta finalmente em vez da humanidade, quer-me parecer que não commette menor delicto que o especieiro que bota caruncho na canella ou o taberneiro que deita campeche no vinho.

Um livro avinagrado póde ser tão nocivo á saude publica como uma garrafa d'agua-pé tingida com sangue de carneiro. Levar a gente para casa a *Ultima palavra de Rocambole* como um quadro de costumes contemporaneos é um logro tão crú como receber um chouriço de sangue em vez da *Cabana do Pae Thomaz* ou um salpicão do Alemtejo em logar de *Paulo e Virginia,* com a differença de que a *Ultima palavra de Rocambole* não a póde a gente mandar fritar para o almoço nem comer ensopada com feijão. Com o vinho estragado póde-se fazer graxa de lustro, e com um pedaço de presunto bichoso faz-se uma isca envenenada para os ratos, ao passo que com um romance fallido nem se substitue, que me conste, uma ratoeira nem se póde mandar engraxar uma bota.

Apesar porém de escapo da vigilancia da policia sanitaria, que por emquanto não intervem na analyse dos simplices que compoem as drogas litterarias, o snr. Ponson du Terrail acaba de ter um processo, e de ser condemnado ao cabo d'elle. Eis o caso:

O snr. Ponson possue, segundo agora se soube, dois gabinetes de trabalho, um na casa que habita na rua de Bruxellas, e outro na rua Vivienne. A posteridade, vendo a immensa quantidade de livros devidos á penna d'este escriptor, é possivel que imagine que elle trabalhava nos dois quartos ao mesmo tempo, e que os dois gabinetes de Terrail passem á historia ao lado dos quatro secretarios de Cesar.

Aqui ha cerca de um anno, o author de *Rocambole* precisando de cortinados para um dos seus gabinetes, escolheu fazenda e fez a respectiva encommenda em casa de Olivier. No dia immediato agradou-lhe porém mais uma outra fazenda que a primeira que elegera. Olivier, apesar de haver já cortado os cortinados na fazenda primitivamente designada, satisfez o segundo desejo do romancista, do qual havia no emtanto recebido uma carta concebida nos seguintes termos:

«Meu caro senhor:

«Agradeço-lhe a pequena concessão que me fez; precisarei effectivamente de si durante este inverno para renovar a mobilia da casa em que moro na rua de Bruxellas, porque a que tenho na rua Vivienne é apenas um ponto de descanso.

«No emtanto, encontrarei certamente em um dos meus romances occasião de lhe fazer uma pequena *réclame*.

«Creia-me seu dedicado

«*Ponson du Terrail.*»

Olivier escreveu a Terrail:

«Senhor Ponson du Terrail:

«Como me disse que tinha pressa dos seus cortinados, estavam já cortados e em obra quando recebi a sua contra-ordem; mas como eu desejo sobretudo fazer a vontade aos meus freguezes far-se-ha o que deseja. Mandarei apromptar os cortinados e os resposteiros com o tecido da India que me designou esta manhã. Como unica indemnisação peço-lhe que pense em mim quando precisar de mobilia, e principalmente que me recommende aos excellentes conhecimentos que tem na sociedade.

«*Olivier.*»

Esta sancta harmonia quasi fraternal que vemos estabelecida entre o snr. Ponson du Terrail e o fornecedor das suas cortinas desappareceu no momento em que este lhe apresentou a conta.

Olivier pedia 798 francos pela sua obra. Um espirito mais acanhado que o do fecundo romancista ter-se-ia talvez contentado com abater os oito francos a esta conta, e dizer a Olivier: — Vamos, contente-se com 790. — Terrail porém abateu a esta somma a quantia de 448 francos e promptificou-se a pagar o resto.

— Trezentos e cincoenta francos, querendo, foi a resposta d'elle.

Como a ideia do romancista era abater ao armador a quantia de quatrocentos e quarenta e oito francos, é natural que, no caso de lhe levarem

apenas trezentos francos pela obra, elle tivesse respondido a Olivier:

—Os cortinados estão bons. Emquanto ao preço mande-me cento e quarenta oito francos e estamos pagos.

Olivier porém não acceitou esta proposta. Os trezentos e cincoenta francos de Terrail entraram no cofre das consignações, e o romancista compareceu perante o tribunal a que o chamou o credor.

O juiz condemnou o author de *Rocambole* a satisfazer ao fornecedor das suas cortinas a quantia de 550 francos.

Eu tinha os olhos n'este processo, e declaro que me sensibilisa o inesperado resultado que elle teve.

A meu vêr o tribunal devia mandar reembolsar ao snr. Terrail os 350 francos que elle tinha deposto no cofre das consignações, e obrigar em seguida Olivier a passar-lhe um papel de paga e quitação.

Pois quê! Não lhe tinha promettido o illustre romancista fazer-lhe uma pequena *réclame* em um dos seus livros? não tinha elle ficado de o recommendar *aos excellentes conhecimentos que tem na sociedade?...* Ainda quer dinheiro por cima! Está pago e repago com a recommendação e com a *réclame*.

Era isto certamente o que pensava o snr. Ponson du Terrail, e isto é o que se me figura a mim que deve ser.

Entendo eu que o *Café Anglais,* por exemplo, faria um excellente negocio se eu me compromettesse a ir lá jantar todas as noites em *partie fine* n'um *cabinet sur le boulevard* com a obrigação minha de dizer aos conhecimentos que tenho na sociedade:

—Recommendo-lhes uns petiscos que ha no *boulevard* dos Italianos, á esquina da rua de Marivaux.

Então a *réclame* não vale nada?!... É uma graça. Quero perder a cabeça de Ponson se o meu alfaiate se atrever a mandar-me a conta de umas calças que eu acabo de receber depois de vêr publicado o seguinte:

«O snr. Renard, alfaiate no *boulevard* dos Italianos, fez-me um par de calças que são uma perfeita maravilha. Eu estimo mais a conservação d'estas minhas calças do que a das minhas proprias pernas; e a prova é que, não podendo guardar ambas as coisas juntas, fecho as calças na mala e deixo as pernas de fóra.»

Ponson du Terrail é no emtanto o mais fecundo de todos os escriptores francezes. Em uma revista litteraria que tenho presente refere-se que o numero de livros escriptos por elle no mez de setembro ultimo foi de não menos de onze!

Resta saber qual é mais deploravel, se a esterilidade se a geração de monstros.

O PETIT CREVÉ

Petit crevé é o nome com que mais vulgarmente se designa em Pariz o elegante da geração que desponta agora para o absintho e para o tabaco do fumo.

Chamam-lhe tambem *petit abruti, petit efflanqué, petit défoncé,* e *poulet de Pâques.*

Em Portugal, onde existe igualmente este individuo, não ha por emquanto nome que o distinga dos outros membros da raça humana. A designação, já velha, de *janota* não exprime a mesma coisa.

O nome de *petit crevé* foi inventado por Nestor Roqueplan, e é pena que o não possamos traduzir litteralmente em portuguez... Precisamos muito por cá d'essa preciosa palavra para designação do

uma certa mocidade espipada, aperalvilhada, tisica e tonta, que surgiu agora á flôr da sociedade.

O *janota* não é isto.

O janota usava calças á hussard e sobrecasaca abotoada até o pescoço, esporas n'uns grandes tacões, chibata debaixo do braço ou *casse-tête* no pulso, cabeça alta, andar firme e olhar energico.

Montava bem a cavallo, valsava admiravelmente, desfazia as plateias quando pateava uma opera e fazia estremecer o paiz quando commettia um escandalo; era um tanto doido, arrebatado e valente; estragava a fortuna que lhe deixavam os paes e reconstruia outra com o seu trabalho; tinha tido pelo menos um duello e amava até ao delirio quatro mulheres com uma das quaes se casava, sendo depois um bom marido e um bom chefe de familia.

O filho d'este, a quem se applica o nome de —*petit crevé*— não se parece com o pae: tem o coração sêcco, a alma atrophiada, o olhar amortecido, o pulso enervado, a intelligencia apagada e a espinha dorsal sem medulla.

E pequeno, é delgado, é debil e é fraco. Dorme doze horas e fuma doze charutos por dia. Falla pouco e não conversa nunca.

O *petit crevé*, diz um periodista parisiense, que reina como soberano despota e estragado pelo mimo dos cortezãos, na litteratura, nas artes e no theatro.

É para elle que cada vez se vai tornando mais pequeno o pequenino artigo do pequeno periodico, ao passo que por outro lado se augmentam as lithographias coloridas dos periodicos de caricaturas. Offerece os seus suffragios á musicasinha, aos periodicosinhos, aos livrinhos, ás operetasinhas e ás mulhersinhas; a tudo quanto seja pequenino, bonitinho e tolinho.

É para elle que se fizeram os chapéos de quatro dedos de cópa, os casacos de meio palmo de abas, os colletes de dois dedos de panno sobre o estomago, as bengalas de meio metro de comprido e todas as modas e todos os arrebiques que podem converter a figura de um homem na figura de um macaco sabio ou de um cão d'agua vestido para dansar ao som de um realejo.

É para elle que se manipulam os unguentos de tingir a barba, os cosimentos para amaciar a pelle e os pós de lustrar as unhas.

É para elle que se colorem as lithographias que representam umas Aspasias de cêra e d'olhos de vidro, como os monstros que se exhibem ás portas dos cabelleireiros.

É para elle que as mulheres sérias e honestas se estão vestindo e fallando como a familia do snr. Benoiton.

É para elle que as meninas de quinze annos conversam commosco dos escandalos das dançarinas e nos apertam a mão com a sacudida desenvoltura de um marujo inglez.

É para elle que o snr. Halévy põe na bôca das donzellas das suas producções theatraes uns equivocos e uns chistes que fariam desmaiar as cosinheiras que os ouvissem aos cocheiros das nossas avós.

É para elle que Isabel, a ramilheteira do *Jockei Club*, põe a um botão de rosa de todo o anno, mettido por sua mão na casa de uma sobrecasaca diante de quatro *lorettes*, o preço de vinte francos.

É para elle que Thereza, a Malibran do «Café Concerto», canta a *Femme à barbe* com os gestos de um vaqueiro ribatejano.

É para elle finalmente — Oh! ignominia derradeira! — que o snr. Ponson du Terrail, o atafoneiro do romance contemporaneo, escreve os seus livros mais pravos e mais parvos.

As artes, as lettras, as modas, tudo isso tem de sujeitar-se ao padrão acanhado por onde elle regula a fórma do chapéo e o tamanho do *veston*.

São os Lilliputianos de Gulliver e os Myrmidões de Béranger.

Não é só a imprensa que em Pariz discute a inutilidade d'essa parte zambra e myope da geração moderna.

Por occasião da discussão da nova lei sobre a organisação militar em França, um ex-ministro, Buffet, e dois deputados, Gressier e du Miral, deram entrada no parlamento francez á exigua entidade do *petit crevé*.

«Quando combato as substituições no exercito—disse o snr. Gressier—não combato em favor d'esses mancebos que não têem outra occupação que não seja a de passear no *boulevard* com uma chibata na mão.»

«Se eu podésse—disse o orador em outra parte do seu discurso—fazer uma excepção, não em favor mas contra elles, se eu podésse achar meio de os obrigar pelo menos a fazer o exercicio da guarda nacional, contribuindo assim para lhes dar os habitos varonis que perderam, — se eu podésse achar tal meio, empregaria todas as minhas forças para o fazer realisar.»

Gressier tinha razão: é nas armas que se fazem os homens que podem ser homens e que se desfazem os que não podem sel-o. É mais conveniente que se perca na guerra do que fructifique em pilriteiros pôdres um tronco desmiolado pela enfermidade e pelo vicio.

A feição principal do caracter do *petit crevé* é a indifferença por todas as cousas que existem n'este mundo e no outro. Não crê nem duvida, não affirma nem contesta. Sorri ou boceja, e assim commenta as mais importantes questões de probidade, de amor, de familia, de gloria e de religião.

Não é atheu mas jurará pela materia increada se precisar d'ella no fim de uma quadrilha para lhe alargar uma bota. Não é assassino mas dará um passo por cima do cadaver de sua mãe para ir rebater na usura a herança materna. Para comprar

um cavallo venderá como o doutor Fausto a sua alma ao diabo, mas não irá de noite a um cemiterio nem atravessará um quarto ás escuras. Não é usurario mas recusará em certo dia a seu proprio pae empobrecido o preço de um paletot. Não é prodigo, mas lançará em outro dia aos hombros de uma Messalina afamada um *cachemire* do valor de quatro contos.

Este ente, que ri do trabalho, que ri do amor, que ri da gloria, que ri da miseria, da paixão e das lagrimas, medita profundamente e envelhece dez annos perante umas botas mal feitas.

Que lhe rebente um tortulho a abranger-lhe inteiramente o espaço hypotheticamente occupado pela intelligencia dentro do seu craneo, será para elle um caso natural, mas pregará no tecto com um tiro o pouco miolo que tiver na cabeça se lhe rebentar um joanete n'um pé.

Zomba da virtude das mulheres e d'aquelles que enthusiasticamente se lhe escravisam, e arruina-se bestialmente por uma que não tem virtude, que o domina e o despresa.

O *petit crevé* tem umas certas habilitações sem as quaes não póde ser graduado no seu posto. Precisa de saber montar a cavallo, governar uma parelha, encommendar uma ceia, entender d'alveitaria, vestir uma casaca e dirigir um *cotillon*.

O janota portuguez é muito menos illustrado.

Para se tornar conhecido tem o candidato de appellar em Pariz para os seguintes meios: matar

um homem em duello; aniquilar a honra de uma senhora; metter nas corridas um cavallo que vença; gastar meio milhão em quinze dias; fazer saltar uma banca na roleta de Baden ou d'Homburgo; ir com uma amante almoçar a Pekin.

O *petit crevé* emprega dois terços da sua existencia a vestir-se e a despir-se.

A não ser nos dias em que os excessos das orgias o alquebram a ponto de lhe tornarem indispensavel um somno de vinte e quatro horas, o *petit crevé* levanta-se ás onze, passa do seu quarto de dormir para o seu quarto de banho, onde entra em uma tina de agua morna com succo de trigo e de cevada, e vinagre d'ananazes; um criado de quarto unta-lhe com farinha de amendoas e sabão d'alface o dorso recurvo e o peito estreito e concavo. Finda a operação do banho, veste uma camisa de seda, umas calças de seda e uma jaleca de veludo, mette os pés n'umas chinelas de *moire* encarnado, e estatela-se em uma poltrona, que o criado roda para defronte de um espelho, junto do qual está patente a parte mais importante e a mais custosa da sua baixella — o estojo de toucador. O criado barbeia-o, banha-lhe depois o rosto em vinagre de *toilette*, unge-o em seguida com *cold cream*, applica-lhe o pó d'arroz, aviva-lhe com tinta da China as sobrancelhas e o logar onde estiveram as pestanas, faz-lhe uns beiços com carmim, arredonda-lhe o oval das unhas, penteia-o, friza-o,

reconstitue-lhe o arco do bigode, e veste-lhe um traje de manhã.

Para se calcular o tempo que importa empregar nas operações alludidas, basta saber-se que a *toilette* do *petit crevé* demanda as seguintes escovas diversas: duas que vulgarmente se chamam de cabello; uma para receber e espalhar o oleo; uma para applicar um liquido de côr verde destinado a eliminar a caspa; uma consagrada á fricção que se segue á applicação do referido liquido; uma para dar brilhantina na barba; uma para o bigode; uma para a bandolina; uma para as sobrancelhas; uma para ensaboar as unhas; uma para as lustrar; uma para lavar os dentes; uma para ensaboar o corpo; uma para friccionar a pelle depois do banho; uma para espanar das faces o pó d'arroz. Devem contar ainda a escova do fato, a do veludo, a do panno *edredon,* a do panno fino, a do chapéo. São pelo menos dezenove escovas. Quando no emprego de cada uma d'ellas se não gastem mais de cinco minutos, temos noventa e cinco minutos, ou mais de hora e meia, só para escovar um *gandin.*

Depois de vestido, decotado, lustrado e perfumado, mette uma camelia na casa da jaqueta, entra n'um coupé e vai almoçar e assistir ao *lever* da amazona ou da dançarina celebre durante essa semana.

Ás quatro horas entra em casa outra vez, despe-se e entraja-se de novo com *veston* de veludo e

botas hungaras, e monta um cavallo seguro e pacato, fazendo-se acompanhar de um jockey, debaixo de cujas afamadas pernas dá upas portentosas de vigor e elegancia um ginete de raça, destinado a chamar a admiração do *sport* para o individuo que o precede a longa distancia com um charuto nos beiços, os pés perguiçosamente enterrados nos estribos, e o corpo abatido e adormecido no selim. Dá tres ou quatro voltas ao lago, descobrindo-se diante das caleches brazonadas e acenando um cumprimento com as pontas dos dedos ás amazonas illustres e ás *lorettes à grandes guides*, e vai *fazer o seu absyntho* para o pavilhão de *Armenonville*.

Na giria de *boulevard* chama-se fazer o absyntho, ou simplesmente o *abs*, á embrutecedora moda d'esse suicidio lento, que consiste em tomar antes de jantar alguma bebida excitante e deleteria. O leão parisiense emquanto não entra em voga o vidro moido ou o acido prussico, toma ordinariamente um copinho de *bitter* dilnido n'um calix de vinho do Xerez, e repete por duas ou tres vezes esta mistura, que desgastaria em pouco tempo as visceras de um abestruz.

Depois de voltar do bosque, o *petit crevé* veste-se outra vez para ir jantar. É a sua *toilette* ceremoniosa: o collete aberto, a casaca preta, as botas finas e as luvas côr de chumbo.

Ao jantar, n'um dos restaurantes mais afamados, reunem-se ordinariamente com elle dois ou

tres homens e outras tantas mulheres, que se vestem como rainhas, que gastam como millionarios, que fallam como aguadeiros, e que se acham muitas vezes estreitamente apparentadas com o criado que o serve á mesa, em cuja mão, ao sahirem, ebrias de barulho e de vinho, mas lembrando-se talvez da sua aldeia e da sua familia, ellas escondem uma nota de quinhentos francos, segredando como quem esconde uma lagrima entre uma golfada de Champagne e uma blasphemia d'amor:—«Manda isso a tua irmã ou aos pobres da tua freguezia.»—Uma ou outra vez o criado responde em voz alta, devolvendo a nota, que lhe escalda os dedos:—«Minha senhora, este papel que lhe cahiu... É talvez alguma carta a que tenha de responder esta noite.»—E ella então aproxima-se outra vez da mesa do jantar, bebe de um trago meia garrafa de *cognac,* e observa aos seus convivas:—«Uma ideia! Vamos para minha casa embebedar-nos!»

O *petit crevé* sahe de jantar para ir dormir n'um baile ou bocejar n'alguma *soirée* official, quando não fica debaixo da mesa, alagado em vinho, envolto na toalha e moido pelo *cancan* que lhe sapatearam em cima ao tomar o café.

O *petit crevé* nunca frequenta o theatro com a assiduidade do leão de S. Carlos. A não ser ás primeiras representações, nas quaes tem obrigação impreterivel de comparecer o que se chama *Pariz inteiro,* do qual elle fórma uma importante parte, não vai aos theatros senão intencionalmente para

applaudir uma mulher ou para acompanhar alguma outra. No primeiro caso occupa uma *avant scene* ou um *fauteuil d'orchestre;* no segundo uma *baignoire,* onde se tomam grogs, gelados e Champagne.

O *petit crevé* tem uma unica virtude, menos de consciencia que de convicção, mas em todo o caso uma bella e excellente virtude: a coragem.

Qualquer d'estes *petits messieurs,* que a gente espalmaria com uma bofetada, põe-se-nos, no campo do perigo, a dez passos, sem pestanejar, sem mudar de côr, sem que o pulso lhe bata uma só pulsação a maior.

O *petit crevé,* que não ergue o pezo de dez kilos sem render, levanta uma questão de melindre com o desplante e a valentia de um verdadeiro homem. Um preceito de boa educação e de bom gosto ensina-lhe que a coragem é a mais bella joia com que póde ornar-se um homem, e elle, que é effeminado e desvanecido, usa o valor na alma como um botão de rosa na lapella do fraque.

Se insultardes as suas crenças de familia ou as suas intenções de cavalheiro, elle, fiel ás leis da honra, que são o decalogo social, vara-vos com uma estocada ou cahe morto aos vossos pés, com o sorriso do desprêso nos labios, com o sympathico denodo e a aristocratica firmeza de um heroe que usa pó *à la maréchale* e luvas perfumadas com violetas de Parma.

—*—

A MOCIDADE

Alegre, fecunda, inspiradora mocidade! a ti consagro este derradeiro capitulo de um livro escripto ao abrigo e ao amparo das tuas ceruleas azas.

Erguendo os olhos para o céo nunca mais te verei de certo, anjo dos vinte annos, que tanta illusão me embalaste, que tão mysteriosas mágoas me adormeceste, cantando-me sempre nas alegrias e na tristeza!

Nunca mais te seguirei nas conquistas da alegria e do enthusiasmo, aguia cezarea d'essa formosa bandeira que nos palpita por cima da cabeça, soprada pelos ventos acres e vivificadores da alvorada da existencia!

Sento-me na estrada como soldado que levou

baixa, e fico esperando as tropas da reserva em que vou enfileirar-me.

Páro, contemplando com saudade o pendão debaixo do qual militei e que outras mãos vão levar á victoria.

Acabo, saudando a bandeira que jurei como praça fiel e convicta.

Os que n'este momento fazem alto juntamente commigo sabem que nem eu nem elles desmaiamos nunca nas refregas, e que, se não tornamos a entrar em fogo é porque a disciplina nos manda ficar nas ambulancias.

Resignemo-nos, meus velhos camaradas! Chegou a nossa hora de tirar correias... Paciencia! Conversaremos no quartel do que foram as nossas campanhas, e as vivandeiras do nosso tempo decidirão se nós merecemos ou não um copinho da sua velha aguardente d'aniz, — até que os que se batem agora fiquem tambem atraz para nos enterrarem a nós, permittindo Deus que morramos então como honrados veteranos, com os olhos nos olhos de uma filha meiga e a mão na mão de uma esposa virtuosa.

Eu creio firmemente na mocidade, e adoro-a em todos os seus defeitos.

O homem que só tem as qualidades proprias da sua idade e do seu estado é o homem admiravel. O que reune a essas grandes qualidades os pequenos defeitos que lhes são congeneres é o homem completo.

Ha umas certas perfeições que me fazem o effeito das calças brancas: gosto muito de as vêr nos outros mas não as quero para mim.

Não as queria, pelo menos!

As bellas qualidades produzem a admiração; os bellos defeitos inspiram a sympathia: ora eu, podendo escolher, quero mais ser querido que admirado.

A mocidade, a verdadeira mocidade, é o conjuncto d'esses elementos apparentemente contradictorios que geram a veneração e que despertam o amor.

N'este sentido ha homens que nunca tiveram vinte annos; ha outros que nunca chegam aos trinta por mais que vivam.

Em Pariz, assim como em todas as grandes cidades da Europa, a mais bella mocidade dos ultimos tempos, a melhor *novidade,* que se conta pelos annos, assim nos homens como nos vinhos, foi a de 1830.

Querem um completo rapaz d'essa soberba geração? Ahi têem Alexandre Dumas... Dumas, o joven, que importa não confundir com o outro do mesmo appellido, sendo notavel que, n'estes dois Plinios, o velho é o filho e o moço é o pae.

Dumas foi um dos primeiros elegantes do seu tempo; singular dissipação no traje: consta que houve mezes em que elle fez tantos colletes como livros, e tanto faltaram gavetas para as galas da

sua *toilette* quanto escassearam prelos para os primores do seu engenho.

Andava materialmente no mesmo passo em que pozera a imaginação e podia-se orçar o numero dos cavallos que rebentava pelo dos romances que escrevia.

Tem, agora como sempre, um coração de creança, a sensibilidade de um pagem namorado, os caprichos de uma mulher nervosa, o corpo de um Hercules e a cabeça mais portentosamente creadora dos tempos modernos. É forte como um sobreiro, come como um abysmo e bebe como as areias do deserto.

Nunca se soube a que horas elle escreve; vai a todas as festas, a todas as representações, a todos os jantares, a todas as corridas de cavallos, sendo-se obrigado a acreditar que faz um livro emquanto os outros tomam um gelado, entre uma valsa e uma ceia, entre um beijo e um charuto.

Dizem que alardêa o valor, mas quando importa arriscar a vida, atira-a á ponta de uma espada ou ao cano de uma pistola como se o alarde da coragem fosse para ella um sanctuario.

Fallam que se ostenta e que se exhibe em demasia. Mas exhibe-se bem e ostenta-se na maior altura; e a ostentação assim val muito mais do que o encolhimento esteril e o biôco inutil.

Quando se representaram pela primeira vez *Les idées de Madame Aubray,* lançou-se elle nos braços da ovação que estava esperando o filho á

porta do *Gymnase*. Accusaram-no de querer apoderar-se das glorias alheias. Elle, que sabe que nenhuma gloria offuscará a sua, escreveu dois dias depois um admiravel folhetim no qual encarece a obra de seu filho nos mais levantados juizos que póde inspirar a critica, alvitrando que uma parte da gloria d'essa noite lhe cabia a elle: — «Não é uma usurpação, como dizem; Dumas, filho, é author da peça, eu sou author do author.» — Bella palavra em que o orgulho de pae hombrea brilhantemente com a modestia do escriptor e com a benevolencia do critico.

Quando ultimamente se repôz na scena da *Comédie Française* o *Hernani*, que é a perola das obras dramaticas de Victor Hugo, Dumas escutava do fundo de um camarote essa apotheose nunca vista do talento do seu amigo de infancia, do laureado companheiro d'essas famosas luctas entre classicos e romanticos, nas quaes Dumas e Theophilo Gauthier, ambos physicamente colossaes, empenharam não só as forças da sua intelligencia, mas tambem as dos seus afamados musculos, sendo tantas vezes pateados pelas obras que escreviam, quantas vezes prêsos pelas ventas que moiam e pelos chapéos que espalmavam. Quando a plateia da primeira *reprise* do *Hernani*, n'um impeto de enthusiasmo que tocava o delirio, saudava o nome de Victor Hugo como o de um heroe ou de um triumphador, Dumas appareceu no parapeito do camarote em que estava e o publico

victoriou-o como se elle fosse um collaborador da peça. Tambem depois o criminaram por isso. Mas os que o viram n'essa noite monumental, absolveram-no todos do fundo da sua alma. O expressivo carão do author do *Antony* tinha bem fielmente debuxada a profunda impressão que lhe haviam feito, alliadas á gloria d'essa representação, a lembrança de um amigo ausente e desterrado e a memoria de uma radiante mocidade por ambos elles partilhada e para ambos esvahida. As lagrimas tinham rebentado do coração e dos olhos, e rolavam-lhe como perolas scintillantes á luz do gaz pelas faces cheias e bronzeadas.

Os francezes, que levam a inconstancia nas suas affeições até á injustiça mais flagrante com os seus grandes homens, lembram-se ás vezes de contestar o merito d'esse talento, o mais fertil, o mais operoso e o mais vehemente da litteratura contemporanea. Elle ri-se, porque não desconhece que nunca lhe faltará uma posteridade que o vingue, uma obra prima que lhe surja do bico da penna, uma mulher bella que se lhe recoste no hombro e um copo de Champagne que elle levante aos beiços.

Outro rapaz da mesma força:

Jules Janin, idade 70 annos.

Este ha quarenta invernos que escreve um folhetim por semana. Que juvenilidade de coração, que frescura de espirito, que prodigioso bom humor, que fecundidade, que erudição, que estudo

não são precisos para que se realise um similhante phenomeno! Calar todas as paixões, todas as mágoas, todos os desalentos do trabalho e da velhice para apparecer em cada segunda-feira moço, elegante, descuidoso, alegre, conversando com as mulheres como se as passeasse pelo braço debaixo dos castanheiros n'um almoço com dança, ou nas galerias de um salão de baile entre flôres e sedas, com a embriaguez da valsa na cabeça, com a alegria do primeiro amor no coração; estendendo a mão a todos os homens de talento, animando todas as vocações sinceras, applaudindo todos os triumphos legitimos, adorando o bello, conquistando paizes novos ao ideal, distribuindo thronos aos pés que não devem calcar o pó do vulgo, dando á Ristori um sceptro que ninguem mais lhe tirou das mãos, e á Malibran um diadema que a morte transformou n'uma auréola de sancta.

Para que serve o folhetim, esse folhetim de critica leve e despresumida que passa por a gente de oito em oito dias, sem deixar vestigio como o perfume de uma flôr ou o fumo de um charuto? Isto perguntarão os utilitarios para quem o *quid bonum* é o latinorio mais vulgar e mais alvar com que elles temperam a sua inepcia. O folhetim serve, ó arganazes de sabedoria e de insipidez, para vos fazer apreciar o que vós não apreciarieis sem elle; para vos dar o consolo e o orgulho de admirar o que vos passava despercebido se não

vol-o notassem, para vos fazer relêr um livro e ouvir segunda vez uma comedia que não tinheis entendido, offerecendo-vos a doce commoção do enthusiasmo que a presença do bello não vos produziria se uma terceira cabeça não o explicasse ao vosso juizo, se uma mão de fóra não o mettesse no vosso coração. O folhetim serve para vos raspar da pelle a morrinha da politica, que se vos pegou do artigo do fundo com o qual dormis todos os dias. Serve para vos fazer bocejar menos vezes quando enfrentaes com o ôlho magnetico da lettra redonda da vossa folha. Serve para vos ensinar a dar o nó da gravata branca que elle, sem vós mesmos o perceberdes, vos atou no espirito. Serve finalmente para vos tornar menos mazorros nos vossos usos, menos brutaes no tracto das vossas mulheres e menos casmurros na convivencia do universo. Eis o que tendes de agradecer a esses desinteressados boemios do talento, a esses eternos rapazes que, como Janin, Paul de Saint-Victor e Henri de Pène, trocam em miudos todo o patrimonio da sua intelligencia para desbaratarem sem galardão nenhum o que seria um capital immenso accumulado em livros.

Não posso ommittir outro nome que me está pulando na penna...

O maestro Auber, que já completou oitenta annos, é o homem mais parisiense que eu conheço. Dórme tres ou quatro horas por noite. Note-se que o verdadeiro parisiense quasi que não dorme.

Pariz está acordado sempre. Auber sahe muito cedo e mostra-se em todos os sitios em que apparece gente. Ninguem esteve em Pariz que não conheça o *coupé* esverdeado, o sobre-tudo alvadio e o ôlho preto, vivo e penetrante do author da *Muda*.

É do *Jockey Club* e de todos os gremios do *Sport*. Vai ás primeiras representações de todos os theatros, frequenta sem a menor falta a opera italiana, a Grande Opera, todos os salões officiaes, os salões diplomaticos, o paço e o *faubourg Saint-Germain*. Apparece sempre no *bois de Boulogne* á hora do praso dado á gente elegante e á moda. Em volta do lago gira ordinariamente elle proprio a sua parelha de cavallos, levando no *landeau* aberto tres ou quatro mulheres novas e elegantissimas. Nunca janta só, mas é rarissimo o homem que tem a honra de obter um talher nos seus banquetes ordinarios. A companhia é sempre de mulheres alegres e vestidas sumptuosamente. Mademoiselle Dameron, ou Mademoiselle Riqué, da *Comédie Française*, presidem ordinariamente a estes jantares do maestro, cujas musas são a elegancia e a alegria.

Auber aprecia muito a vagueagem do *boulevard* e passa muitas horas «boulevardando» por defronte das vidraças em que se expoem rendas, flôres e cachemires.

Aposar d'esse theor de vida que enerva e amolenta dentro de pouco tempo muitas energias de

boa tempera, Auber medita, concebe e trabalha sempre. A qualquer hora da noite ou da madrugada a que se recolha, senta-se a escrever com a determinação e coragem de um chronista de vinte annos que tenha á sua espera um prelo e um periodico. Os melhores trechos das suas operas diz elle que os escreveu entre dois bocejos, e não é difficil descobrir nas suas partituras authographas os pontos em que lhe deslisou a penna nos lapsos em que o somno o fazia cabecear em cima da pagina.

D'estas lucubrações procedem verdadeiras obras primas de graça, de originalidade, de inspiração e de sentimento, como o *Primeiro dia de felicidade,* composição ultimamente desempenhada e que parece ideada no periodo mais florescente do coração e da phantasia.

Auber tem sempre uma opera na scena, uma na penna e uma na mente, e nunca se desfadiga nem fatiga.

Pondo de parte os homens referidos e dois ou tres outros que verdadeiramente se devem considerar os representantes da juventude europeia, a mocidade em Pariz divide-se em dois grupos inteiramente distinctos e diversos. Separa-os a veia do Sena como a linha geographica que demarca os dominios de dois povos: a *rive droite* e a *rive gauche,* que vem a ser o mesmo que dizermos a direita e a esquerda de um parlamento immenso.

Para um lado ficam os athenienses, os athe-

nienses da decadencia, os homens embotados pelo prazer e emagrecidos pela orgia, macilentos, aborrecidos, fracos, sceptícos, encouraçados em flanellas, passeiando o tedio da sua alma e os punhos da sua camisa pelo asphalto do *boulevard,* e dessedentando os seus ardores juvenis nos xaropes iodados, no «robe Laffecteur» e no oleo de figados de bacalhau.

Para o outro lado fica o «paiz latino» com toda a energia da sua primitiva raça. Ahi estão as constituições saudaveis e robustas, os rapazes que pensam, os rapazes que estudam, os rapazes que amam, os que ainda acreditam no trabalho, na honra e na gloria. O bairro de Saint-Germain chama-se tambem o bairro das Escólas; ahi, onde se acha o passado, acha-se tambem o futuro da França, e talvez da Europa.

Eu nunca fui aos bailes dos sabbados no *quartier latin* que não contemplasse com respeito esses rapazes de bigode petulante, de fronte espaçosa, de olhar altivo, de musculos vigorosos, que deixam por um momento os seus livros para se lançarem no redemoinho vertiginoso e indescriptivel do galope e do *cancan.* É n'essas cabeças que estão os destinos da politica, da litteratura e da poesia; esses são os Thiers, os Guizots, os Favres, os Olliviers, os Girardins, os Rocheforts, os Victor Hugos e os Lamartines do futuro.

Esta mocidade ardente de trabalho e ávida de gloria encontra em Pariz, como em nenhum outro

ponto do globo, os meios mais faceis de adquirir uma instrucção variada e perfeita.

As salas de leitura, que se frequentam por modicissimo preço, acham-se espalhadas por toda a parte com uma prodigalidade immensa.

As bibliothecas, bem aluniadas e bem aquecidas durante estas longas e tempestuosas noites de inverno, offerecem o asylo mais convidativo, não só aos que se querem illustrar, mas até aos que não querem consumir luz e lenha em sua casa.

Cada uma das bibliothecas francezas está em communicação com todas as outras e o livro pedido em qualquer d'ellas manda-se buscar ao logar em que estiver para ser visto por quem deseje consultal-o.

O ministerio da instrucção pública está perfeitamente organisado, não para espraiar estatisticas, accumular empregados e amontoar archivos de lettra morta e inutil, mas para servir rapida e radicalmente os interesses do publico.

Nenhum homem de estudo desgasta, como em Portugal, as escadas das secretarias a inquirir noticias ou a solicitar despachos: dirige-se do seu gabinete ao chefe do ministerio, sobrescripta e estampilha uma carta, manda lançal-a na primeira caixa de correio que tiver á porta, e recebe impreterivelmente dentro de vinte e quatro horas a resposta que deseja authenticada pelo ministro.

É, além d'isso, prodigiosa a actividade em-

pregada para dirigir a diffusão dos conhecimentos humanos, encaminhando a sciencia para os mais promptos e mais fecundos resultados.

As ultimas reformas da instrucção tendem a combinar as lições theoricas e os estudos praticos, popularisando o ensino e pondo-o ao alcance de todas as vontades.

Na Sorbonne, no Collegio de França e em outros muitos pontos da cidade estão fazendo prelecções admiraveis nos principaes ramos dos conhecimentos modernos Janet, Caro, Chevalier, Maury, Laboulaye, Feuche, Gauthier, Popelin, Jacquenart, Lemormante, Chalons e muitos outros professores publicos e particulares.

Além d'esses, Philaretes Chasles faz a critica dos costumes contemporaneos; Legouvé estuda os affectos e os encargos da familia; Leverrier explica no Observatorio, a quem o deseja ouvir, o movimento dos corpos celestes e o uso dos instrumentos astronomicos; Herbé, Berthoud, Betsch, Gevaert, Guillemin, Geousset e Grangedor dirigem um curso superior para as mulheres; Levasseur, Bardalle, Simonin, Deneyrol, Baudrillart, Wolonski e Wadington, os homens mais eminentes do Instituto de França, vão ao asylo de Vincennes leccionar os operarios; Lesseps familiarisa-nos com os costumes da Abyssinia e explica-nos os trabalhos do canal de Suez; Simonin conta-nos as suas impressões de viagem; Raynal refere nas salas da Sociedade de Geographia o que

viu na Australia; Quatrefages compara no Museu de Historia Natural as variantes dos caracteres internos de differentes raças; no jardim da Cidade de Pariz está aberto um curso sobre a póda das arvores; Rivière, jardineiro do Luxembourg, dirige ahi um curso de horticultura e jardinagem; Forney explica gratuitamente em lições publicas, no jardim da Escóla de Medicina, o cultivo das arvores de fructo; na excellente sala de conferencias no *boulevard des Capucines,* Madame Ernest prende á sua eloquencia o concurso e a attenção das mulheres.

Estes cursos, estas lições, estas conferencias, com muitas outras de que me não lembro, porque estou citando de memoria, abarcam toda a esphera da sciencia e attrahem todas as noites aos mais diversos pontos de Pariz uma concorrencia enorme de homens, de rapazes, de mulheres: as senhoras mais elegantes e aristocraticas, muitas das quaes seguem com muito aproveitamento os cursos universitarios, as costureiras, as operarias, os litteratos, os estudantes, os artistas, os obreiros e os ociosos.

A cosmogonia, a zoologia e a anthropologia, a physica e a chimica com todos os seus processos e os seus melhores apparelhos, a hygiene, a economia politica, a esthetica, a litteratura, a philosophia da historia, a critica, a geographia, a agronomia, todas as sciencias sociaes e todas as sciencias moraes, todas as artes e todos os officios se

convertem por essa fórma em dominios de uma população activissima, que se illustra com o mesmo ardor com que se diverte, que enche tão completamente as salas de espectaculo como as salas de instrucção, e que comprehende as theorias de Miguel Chevalier com a mesma sagacidade com que penetra o intuito de qualquer gesto de Mademoiselle Schneider.

É certo que se acham em notavel decadencia a litteratura, a poesia, a pintura e a musica.

Offenbach levanta nos palcos da Europa as corôas que ha pouco tempo ainda choviam aos pés de Rossini.

No silencio que se ha de succeder á perda de Meyerbeer, de Rossini, e de Auber, só uma voz se poderá ouvir, apaixonada sim, mas indolente, esmorecida e tarda—a de Gounod.

Para succeder a Flandrin, a Delacroix, a Ingres e a Horace Vernet não ha nome conhecido nem braço que levante um pincel á altura em que por emquanto conservam as suas telas dois artistas que ainda vivem mas que pertencem á geração passada—Couture e Yvon.

Lamartine, o mais injustamente apreciado de todos os escriptores contemporaneos, não tem a quem legue a sua amorosa lyra, miseravelmente escarnecida por ignorantes e por devassos que a posteridade prostraria aos pés do grande homem, se o nome d'elles podesse resistir por dez annos a par do poeta que mais profunda, mais harmoniosa

e mais beneficamente influiu no coração das mulheres e no espirito da mocidade n'este seculo.

Com Alfred Musset participamos nós, os homens da geração nova, de todos os defeitos que elle tinha sem nenhuma das suas elevadissimas qualidades. Temos como elle a descrença, o desalento e a dúvida, mas falta-nos a sinceridade das suas mysteriosas mágoas, falta-nos no fundo d'alma esse germen de lagrimas que elle recalcava com o sorriso pungente de um martyrio occulto. Não temos fé, mas tambem não sentimos como elle a imperiosa necessidade de acreditar em alguma coisa. Duvidamos da religião, mas magôa-nos pouco a eliminação da eternidade. Duvidamos da mulher, mas não temos no coração o amor que converte a dúvida n'um supplicio infernal. Acreditamos no prazer da materia, mas não temos a augusta aspiração do ideal e do infinito que a torna torpe e abjecta. Somos devassos, mas não somos infelizes. Por isso nos embriagamos como Alfred Musset, mas não escrevemos como elle livros, que serão eternos como a desgraça e vivos e palpitantes como o coração do homem.

O escriptor que substituiu Musset foi Ernesto Feydeau... assim como Ponson du Terrail substituiu Balzac, e Sardou substituiu Scribe... Eu não sou idolatra de Scribe, mas entre o modo como elle e Sardou movem os elementos das suas peças ha uma grave differença: é que o primeiro escrevia como um homem e o segundo escreve como uma velha.

Paulo de Kock, o finissimo observador, que levava até o rigor photographico o escrupulo no desenho dos seus typos immortaes, deixou para sempre viuva uma invejavel penna, que a critica desejára que se conhecesse menos e que se apreciasse mais.

Dumas, filho, vem occupar o logar de que descer seu pae. Apesar porém do raro merito do author da *Dama das Camelias* e do *Filho natural,* pesando a sua bagagem litteraria vêl-a-hemos ir por esses ares se depozermos na outra concha da balança o *Antony* e a *Mademoiselle de Bellisle,* sós que sejam.

A verdade no romance está sendo sempre sacrificada ao apparato balôfo dos caracteres e á mechanica das palavras. Leiam *Monsieur de Camors,* de Octave Feuillet, e vejam quanto este gosto de narrar assim falsifica o aspecto dos sentimentos e das paixões, tornando, em muitos lanços, mesquinhos e pueris os caracteres traçados com maior impeto e largueza.

Outro livro tão apregoado como aquelle de que acabo de fallar é o ultimo de Arsene Houssaye — *Les grandes dames,* as quaes *grandes dames* têem um defeito capital: *elles sont petites.* As senhoras francezas, em honra das que tive o prazer de conhecer, affirmo eu, desligado por nascimento dos encargos da *velha galanteria franceza,* que não são isso que o seu chronista nos descreve, em um livro menos similhante a um estudo de costumes,

que a uma adulação mal disfarçada de meia duzia de *cocottes,* a cujo charco se arremessaram meia duzia de duquezas.

Estou cercado da maior parte dos livros publicados em Pariz durante o corrente anno, e não encontro um só d'entre elles que satisfaça aquelle singelo preceito de moral que consiste em permittir uma mãe que o leia sua filha.

Os mosqueteiros de Alexandre Dumas, homens de espada e aventureiros de guerra e d'amor, córariam até o branco dos olhos se lhes attribuissem as palavras que dizem umas ás outras as castas donzellas d'estes senhores.

Nem um só livro que possa lêr uma menina, disse eu... Não; um ha, e releva particularisal-o: é o *Cahier bleu de Mademoiselle Cibot,* bello estudo social de Gustave Droz, o qual constitue uma irrefragavel prova de que é possivel adunar a inteireza da verdade com o interesse da narrativa e com a delicadeza do sentimento e da palavra.

Como stylistas d'este cyclo litterario não é dado omittir tres nomes brilhantes: Luiz Veuillot, de convicções antipathicas, mas que é o mais correcto e o mais abundante dos escriptores francezes; George Sand, que tem a suavidade e a harmonia de Rousseau, Edmond About, que tem a mesma simplicidade e a mesma clareza de linguagem e de stylo, que constitue um dos principaes titulos da immortalidade de Voltaire.

Ha um facto que explica até certo ponto esta

assustadora exuberancia de livros mediocres e de livros maus a que me refiro. Existem em França mil e duzentos escriptores que vivem da sua penna e que não escrevem nas folhas periodicas. Mil e duzentos homens, obedecendo unicamente ao impulso da sua vontade e da sua imaginação, escrevem livros.—«Esta riqueza immensa—dizia-me um dia Paul Féval dando-me conta da cifra dos escriptores actuaes—é uma calamidade enorme.»

No periodismo, que é uma especie de professorado, o escriptor tem um programma e restringe as suas ideias a um determinado numero de factos. Por isso é menor o mal n'esta parte da imprensa do que na imprensa livre.

Os periodicos parisienses de grande corpulencia, vulgarmente chamados «periodicos serios», dividem-se em duas classes: periodicos que tem annuncios e periodicos que os não tem. Os primeiros formam uma lucrativa empreza industrial e têem collaboradores bem escolhidos e bem remunerados; os segundos especulam mais ou menos com as ideias e com a publicidade e vivem melhor ou peor á babugem dos subsidios.

Ao *Figaro,* que é um periodico unico, especialissimamente parisiense e impossivel fóra da orbita social em que nasceu, devemos attribuir grande parte dos achaques que está soffrendo a litteratura.

Admiravelmente feito e redigido pelos homens de mais espirito do mundo, o *Figaro* faz rir.

Ora na arte assim como no amor de cuja delicada natureza ella participa, o riso estraga tudo. Ao pé da graça e principalmente da graça legitima, não ha quem se atreva a ter genio. O riso é o primeiro corruptor do gosto. No momento em que os homens reunidos em uma bibliotheca deliberarem divertir-se lendo, estai certos de que as obras primas dos escriptores immortaes serão immediatamente postas de parte. Pois não ha quem uma vez tenha lido o *Figaro* que não queira d'ahi por diante divertir-se lendo-o sempre. O escriptor francez, certo d'isso, habitua-se por esse modo a ter segurança do juizo dos seus leitores quando podér dizer da sua obra:—*Cela va les amuser.*— É isto uma hecatombe ao vicio, assim como a da mulher perdida quando exclama:—*Cela ira aux hommes.*

Onde toda a gente quer ter graça campeia a inutilidade, reina a insipidez e perverte-se a delicadeza, passando-se da finura á chalaça, da chalaça á momice e da momice ao aleijão. É por esta escala que se desce de Le Sage até Hallévy e do *Mariage de Figaro* até á *Grande Duchesse de Gérolstein.*

Se é preciso confessar que em poucos periodos dos tempos modernos se tem escripto em França mais e peor do que actualmente, importa advertir por outro lado que raramente se tem fallado tão bem nas conferencias scientificas e litterarias, na tribuna parlamentar e até no pulpito. O culto do

bello descura-se, mas os estudos scientificos aprofundam-se e propagam-se como nunca e a actividade do trabalho acompanha inteiramente o vertiginoso movimento do prazer em Pariz.

Se isto é, como alguns dizem, o occaso da intelligencia, concordemos em que é um brilhante occaso e um crepusculo cheio de harmonias consoladoras e de luminosas esperanças para uma radiante aurora.

A mocidade parisiense, filha animada d'este seculo, tem os dotes e os senões do pae e é a expressão synthetica das suas tendencias e das suas aspirações. Eu venero-a, mas quero-lhe ainda mais do que a admiro, e despeço-me d'ella com este sentimento vagamente melancholico de quem se separa de uma descuidada e alegre amiga, que nos fará bem ao espirito e ao coração tornar a vêr, de quando em quando, para conversar de tudo, como em nenhuma outra parte se conversa, para a cingir nos braços e para a tratar por tu.

Paris — Janeiro de 1868.

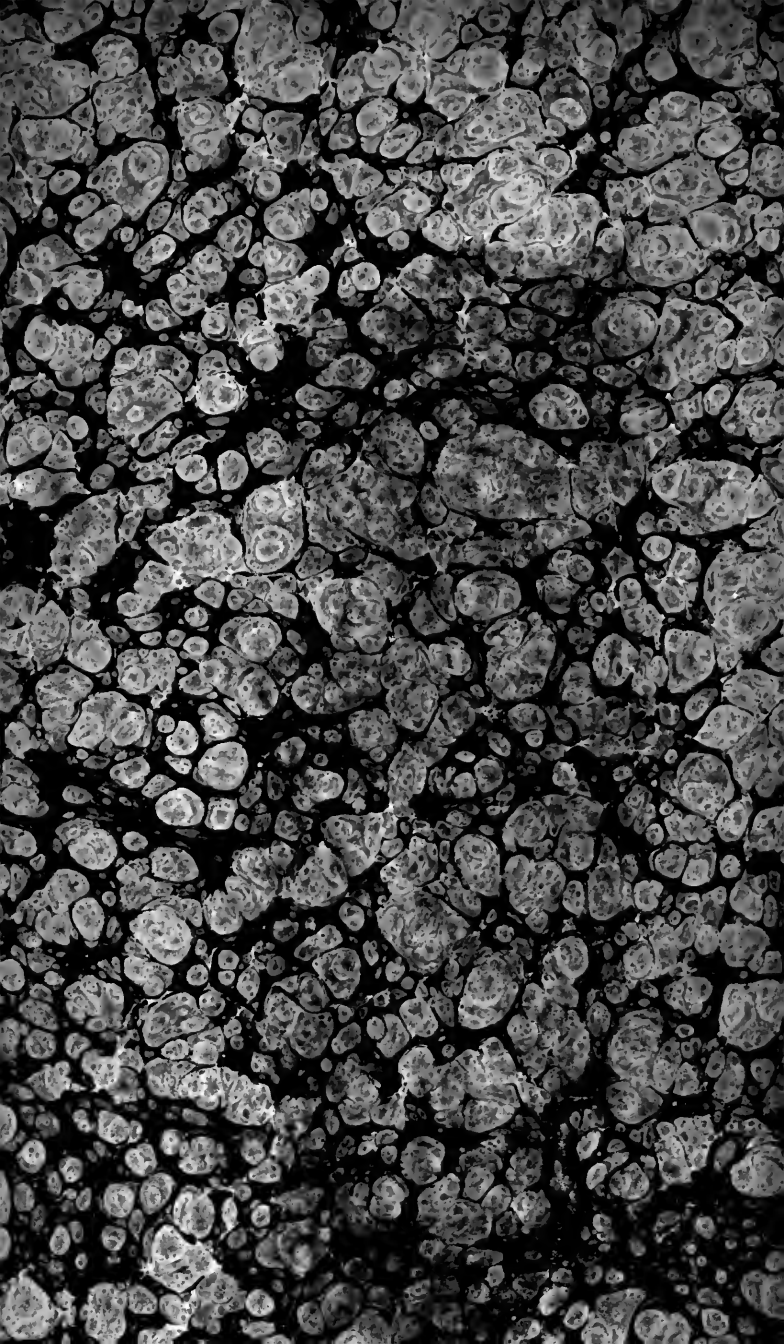
FIM

INDICE

	Pag.
Prologo em viagem	5
No asphalto parisiense	15
Uma visita a Ferdinand Denis	61
O doutor Veron — O necrologio — Os cabeças de turco	71
Jantares e jantantes	87
A parisiense	143
Ponson du Terrail.	193
O petit crevé	203
A mocidade	215

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
6	1	Hayd	Hyd.
25	12	anima	amima.
67	30	adavermil	admiravel.
78	9	retorça	retouça.
100	6	*le ligne*	*la ligne*.
110	17	Velat	Vatel.
202	28	geração	gestação



521024

HF Ramalho Ortigão, José Duarte
R1657p Em Paris.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED